



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE HUMANIDADES - CH**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**  
**MESTRADO EM HISTÓRIA**

**IMAGENS DO “MESMO OUTRO”**

**(Re)apropriações da velhice no Centro de Convivência em Campina  
Grande**

**VALDIRENE PEREIRA DE SOUSA**

**CAMPINA GRANDE - PB**

**2010**

VALDIRENE PEREIRA DE SOUSA

**IMAGENS DO “MESMO OUTRO”**  
**(Re)apropriações da velhice no Centro de Convivência em Campina Grande**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em História.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Keila Queiroz e Silva

CAMPINA GRANDE- PB  
2010

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG**

S725i Sousa, Valdirene Pereira de  
Imagens do “mesmo outro” (Re)apropriações da velhice no  
Centro de Convivência em Campina Grande / Valdirene Pereira de  
Sousa. — Campina Grande, 2010.  
136 f. : il. col.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de  
Campina Grande, Centro de Humanidades.

Referências.

Orientadora: Profª. Drª. Keila Queiroz e Silva.

1. Velhice. 2. Praticantes do Espaço. 3. Gênero. 4. Gerações. I.  
Título.

CDU – 930.85-053.88(043)

**DIGITALIZAÇÃO:**

**SISTEMOTECA - UFCG**

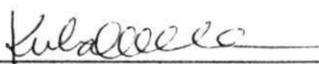
VALDIRENE PEREIRA DE SOUSA

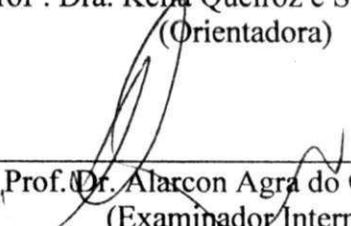
**IMAGENS DO “MESMO OUTRO”**  
**(Re)apropriações da velhice no Centro de Convivência em Campina Grande**

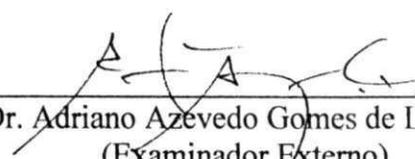
Este exemplar corresponde à redação  
final da Dissertação defendida e  
aprovada pela comissão julgadora em

\_\_\_/\_\_\_/\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA:**

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup>. Dra. Keila Queiroz e Silva (UFCG)  
(Orientadora)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Alarcon Agra do Ó (UFCG)  
(Examinador Interno)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Adriano Azevedo Gomes de León (UFPB)  
(Examinador Externo)

\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup>. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira (UFCG)  
(Examinador Suplente Interno)

\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Maria do Socorro Cipriano (UEPB)  
(Examinadora Suplente Externa)

*O enfoque da cultura começa quando o homem ordinário se torna o narrador, quando define o lugar (comum) do discurso e o espaço (anônimo) de seu desenvolvimento.*

*Michel de Certeau*

## DEDICATÓRIA

*Às minhas avós (In memoriam)*  
*Ao meu pai (In memoriam)*  
*À minha mãe.*  
*A todos os(as) idosos(as) entrevistados.*

## AGRADECIMENTOS

“(…) o que seria de nós escondidos dos outros, fortalecendo para sempre as identidades traiçoeiras dos nossos Narcisos”.

Antônio Paulo Rezende (2006)

À minha família, principalmente minha mãe e meus sobrinhos, que contribuíram e contribuem diariamente para o meu sucesso. Minha mãe enquanto pessoa que me apóia incondicionalmente, que se preocupa com a minha felicidade e me compreende mesmo quando não estou “compreensível”, a você mãe, o meu muito obrigada. Aos meus sobrinhos Renata, Renaly, Diego, Sabrina, Wesley e Amanda, agradeço a existência em minha vida, ela não seria a mesma se vocês não fizessem parte, amo muito vocês.

Ao meu namorado, amigo, companheiro e cúmplice na produção desta dissertação, a você Ricardo o meu agradecimento por toda sua contribuição durante o processo de escrita, mas principalmente por se fazer presente em minha vida.

Aos meus amigos, não citarei nomes para não correr o risco de esquecer algum, amigos de infância, amigos que conheci enquanto aluna de graduação, pessoas que passaram pela minha vida e deixaram muito de si, agradeço por todos os momentos que passamos juntos e pelos momentos em que se fizeram presentes mesmo na ausência, cada um contribuiu de maneira especial para a construção da pessoa que sou, ou melhor, que estou hoje.

Aos idosos do Centro de Convivência os quais se dispuseram a compartilhar comigo suas histórias e suas experiências afetivas. Suas histórias de vidas repletas de saber contribuíram não apenas para meu aprendizado profissional, mas para meu aprendizado pessoal. Obrigada.

À coordenadora do Centro de Convivência Gilma Souto Maior, agradeço pela disponibilidade tão presente em sua pessoa, pelo apoio, pela contribuição tão necessária durante minhas visitas ao Centro de Convivência.

A CAPES que me possibilitou tranquilidade financeira durante a realização da minha pesquisa.

Ao apoio institucional do Programa de Pós- Graduação em História da UFCG, principalmente através da coordenadora Prof. Dr<sup>a</sup> Juciene Ricarte, do secretário Arnaldo e da funcionária Maressa, a vocês o meu agradecimento pelas tantas vezes que precisei do Programa e fui tão bem atendida.

À orientadora desse trabalho Keila Queiroz e Silva, mas antes de tudo à grande amiga Keila, com quem tenho aprendido diariamente a ser uma pessoa melhor, seja profissionalmente, seja pessoalmente. Obrigada por ter acreditado em mim, por ter me incentivado a travessias ousadas dentro do universo acadêmico e por contribuir tanto na minha formação. Tenho muito carinho por você e por sua família, nunca vou esquecer o quanto vocês são importantes para mim. Obrigada.

Aos professores do Programa de Pós- Graduação em História da UFCG, professores que em sua maioria contribuíram para a minha formação tanto no mestrado como na graduação. Meus sinceros agradecimentos pelos caminhos sugeridos, pelas sugestões e pelos incentivos oferecidos durante os diálogos riquíssimos tecidos durante as aulas.

Ao programa PAIR/PIATI que me fez e me faz sentir em família, agradeço aos colegas alunos e professores coordenadores, pela colaboração durante todo o tempo que precisei, mas principalmente à coordenadora Carmem, que sempre esteve disposta a me ajudar de maneira irrestrita e me divertir com seu humor contagiante. A todos vocês o meu muito obrigada.

À Silêde, professora e grande amiga. Agradeço todos os aconselhamentos acadêmicos e pessoais, e, principalmente a acolhida sempre generosa e instigante. Obrigada por estar sempre solícita a contribuir para o meu crescimento.

Aos meus colegas de turma, principalmente aqueles com que mais dialoguei nos últimos meses para compartilhar as inquietações acadêmicas, as angústias e os prazeres do processo de escrita. Roberto, Valmir, Luciana e Eleonora. A vocês os meus agradecimentos pelas várias conversas que tivemos e pelo apoio tão necessário.

Aos professores componentes da banca, Alarcon e Adriano de León, pela gentileza em aceitar o convite de avaliarem e certamente de imprimirem grandes contribuições ao meu trabalho, assim como fora na qualificação do mesmo.

A todos que passaram por minha vida e deixaram marcas, deixaram pedaços de si e puderam contribuir para a construção de meus textos acadêmicos, textos de vida, a vocês os meus sinceros agradecimentos.

SOUSA, Valdirene Pereira de. **Imagens do “mesmo outro” (Re)apropriações da velhice no Centro de Convivência em Campina Grande**. Dissertação (Mestrado em História) PPGH, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande-PB, 2010.

## RESUMO

Este trabalho tem o propósito de investir em indagações sobre as linguagens subjetiva(da)s de velhice que se instalam no cotidiano do Centro de Convivência, espaço que reúne grupos de terceira idade na cidade de Campina Grande. Neste universo de análise, os idosos participantes são pensados enquanto sujeitos praticantes do espaço, à medida que usam os espaços físicos e simbólicos de maneira plural e a partir destes usos cotidianos, (re)criam sentidos e significados etários e de gênero. Procuramos (re)pensar os sentimentos de velhice (re)apropriados e representados, a partir das experiências de gênero, infantes e juvenis demarcadas no contexto temporal das décadas de 1940-1960 no cenário paraibano. O que significava ser criança e/ou ser jovem no contexto das décadas de 1940-1960 marcado pelas relações patriarcais? Como os idosos representavam suas outras identidades etárias e como representavam sua velhice a partir das relações construídas no Centro de Convivência? Suas representações infantes e juvenis possibilitaram a desconstrução dos lugares sociais atribuídos às demarcações etárias, lugares que foram construídos e referendados pelos discursos defensores da institucionalização do curso da vida na modernidade. Os desejos infantes e juvenis em sua maioria foram recalcados e silenciados durante as vivências experienciais da infância e da juventude, a experimentação da velhice sob o signo da terceira idade acionou a possibilidade de ressignificação de suas outras identidades etárias. Para a maioria das mulheres entrevistadas, a participação nas atividades interacionais do Centro de Convivência representa/representou o exercício da liberdade tolhida durante anos pelos pais e posteriormente pelos maridos, suas narrativas enfatizaram a viuvez enquanto símbolo de uma estética da liberdade, vivenciada nas práticas de sociabilidades. Para a maioria dos homens, as atividades do Centro de Convivência representaram uma forma de reengajamento social, depois de se tornarem aposentados. Entre narrativas institucionais e não institucionais e representações senescentes e de gênero movidas pelos dispositivos da tradicionalização e destradicionalização, transitam os idosos praticantes dos espaços os quais circulam cotidianamente no Centro de Convivência, dando visibilidade ao cenário ambivalente da cidade de Campina Grande.

Palavras-chave: Velhice, Praticantes do Espaço, Gênero, Gerações

SOUSA, Valdirene Pereira de. **Imagens do “mesmo outro” (Re)apropriações da velhice no Centro de Convivência em Campina Grande**. Dissertação (Mestrado em História) PPGH, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande-PB, 2010.

## RESUMÉ

Ce travail a le but de mettre en question les langages subjectifs de la vieillesse présents dans le quotidien du Centre de Loisirs, à Campina Grande, où les groupes du troisième âge se réunissent. Dans cet univers d'analyse, les personnes âgées participantes sont vues en tant qu'usagers du Centre, au fur et à mesure qu'ils se servent des espaces physiques et symboliques d'une façon générale et, à partir de cette utilisation quotidienne, ils (ré) créent des sens et significations par âge et genre. J'ai essayé de repenser les sentiments de vieillesse (ré)appropriés et représentés à partir des expériences de genre infantiles et juveniles limitées au contexte temporel des décennies 40 aux 60, au Paraíba. Qu'est-ce qui signifie être enfant et/ou jeune dans le contexte des années 40 aux 60 marquées par les relations patriarcales ? Comment les personnes âgées représentaient leurs autres identités d'âge et comment ils représentaient leur vieillesse à partir des relations contruites au Centre de Loisirs ? Leurs représentations infantiles et juveniles ont rendu possible les déconstructions des lieux sociaux attribuées aux délimitations d'âge, lieux qui ont été construits et contresignés par les discours des défenseurs d'institutionnalisation de la vie moderne. Les désirs infantiles et juvenils, dans la majorité, ont été réprimés et silencés pendant l'enfance et la jeunesse. L'expérience de la vieillesse, sous le signe du troisième âge, a déclenché la possibilité de re(signification) de leurs autres identités d'âge. Pour la plupart des interviewés, la participation dans les activités d'interaction du Centre de Loisirs représente/ a représenté l'exercice de la liberté coupée, pendant des années, par les parents et, après, par les époux. Leurs récits ont mis en évidence la viduité en tant que symbole d'une esthétique de la liberté, vécue dans les pratiques de sociabilités. Pour la plupart des hommes, les activités du Centre de Loisirs ont représenté une façon de re(engagement) social après la retraite. Parmi les récits institutionnels et non-institutionnels et des représentations de sénilité et de genre gérées par les dispositifs de tradition ou pas, circulent les personnes âgées usagers des espaces au Centre de Loisirs en donnant une visibilité au scénario ambivalent de la ville de Campina Grande.

Mots-clés : viduités, usagers du Centre de Loisirs, genre et générations

## SUMÁRIO

<b>1-INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
1.1-IMAGENS DO MESMO, IMAGENS DO OUTRO.....	12
<b>2. GRUPOS DE TERCEIRA IDADE NA <i>URBS</i> CAMPINENSE: EM CENA O CENTRO DE CONVIVÊNCIA.....</b>	<b>27</b>
2.1. PRÁTICAS DE ESPAÇO NAS CARTOGRAFIAS DO CENTRO DE CONVIVÊNCIA: LINGUAGENS MÚLTIPLAS ENTRE NORMAS E DESLOCAMENTOS.....	43
2.2. (RE)APROPRIAÇÕES DOS ESPAÇOS NAS PRÁTICAS DE SOCIA(BI)LIDADES.....	51
<b>3. SENSIBILIDADES FEMININAS E MASCULINAS: CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS DE GÊNERO NO CENTRO DE CONVIVÊNCIA.....</b>	<b>60</b>
3.1. LUGAR DE HOMEM E LUGAR DE MULHER: SUBJETIVIDADES FABRICADAS.....	61
3.2. O GÊNERO IDOSO MASCULINO E FEMININO NAS PRÁTICAS DE SOCIA(BI)LIDADES.....	73
3.2.1. <i>No frisson da dança</i> .....	75
<b>4. HISTÓRIAS DE VIDA E IDENTIDADES ETÁRIAS: RELATIVIZANDO PAPÉIS SOCIAIS.....</b>	<b>89</b>
4.1. REPRESENTAÇÕES ETÁRIAS NAS MEMÓRIAS DOS SUJEITOS IDOSOS DO CENTRO DE CONVIVÊNCIA.....	93
4.1.1. <i>Memórias das sensibilidades infantis</i> .....	96
4.1.2. <i>Memórias das sensibilidades juvenis</i> .....	104
4.2. “EU NÃO SOU VELHO, EU SOU IDOSO”: DA VELHICE À TERCEIRA IDADE.....	110
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>121</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>124</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>132</b>
APÊNDICE A - LISTA DOS SUJEITOS ENTREVISTADOS NA PESQUISA.....	133
APÊNDICE B - LISTA DAS FIGURAS UTILIZADAS NA PESQUISA.....	135

APÊNDICE C – AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE IMAGENS E  
DEPOIMENTOS POR PARTE DA COORDENADORA DO CENTRO DE  
CONVIVÊNCIA..... 136

## 1-INTRODUÇÃO

### 1.1-IMAGENS DO MESMO, IMAGENS DO OUTRO

“(…) As crianças me chateiam muito por eu ser velha, me chamam de papai Noel, manga deu, diz que eu sou uma veia enxerida. Teve um dia que eu vinha pra’qui e disseram: lá vai a veia enxerida, daí eu fiquei com disgosto e voltei.”<sup>1</sup> Em outro momento da entrevista, esta idosa expressa que só conheceu divertimento quando começou a participar do Centro de Convivência e a compartilhar de uma nova concepção de velhice, creditada pelos discursos da terceira idade, os quais positivam os lugares de vivência da velhice, sob o símbolo da “melhor idade”.

O relato da senhora Laura<sup>1</sup> traduz as ambivalências das subjetivações e das representações etárias na contemporaneidade. A sua narrativa, assim como os relatos de muitos idosos entrevistados ao longo da pesquisa, revela um transitar por um lugar de velhice estabelecido socialmente no imaginário coletivo e reafirmado pelo olhar do outro, um olhar que ora aprisiona e delimita a pertença à determinada categoria etária, e um novo lugar mais fluído construído nas relações cotidianas do Centro de Convivência, marcado pela quebra das fronteiras etárias.

O que caracteriza a nossa pertença à determinada categoria etária? Quais as particularidades que delimitam o nosso lugar de identificação dentro das redes relacionais? Quais os lugares permitidos para as expressões infantis, juvenis ou senescentes na nossa sociedade contemporânea? Ao questionarmos os lugares etários instituídos socialmente adentramos no universo dos não-lugares, do não-estabelecido, das outras imagens que se apresentam como reverso, as quais produzem deslizamentos de sentido dentro das teias discursivas que pretendem lhes aprisionar.

À construção de uma categoria etária enquanto entidade regulada institucionalmente segue-se a construção de uma outra, que se apresenta como verso-reverso da primeira, que desloca, inverte e/ou escapa da permissão normativa imposta discursivamente, um Mesmo e

---

<sup>1</sup> Entrevista realizada no Centro de Convivência no dia 30 de Novembro de 2009.

um Outro que se estabelecem nas dinâmicas relacionais. De acordo com Garcia (1998, p. 24) “(...) Todos somos uns para os outros e outros para uns (...)”, as identidades não são fixas, são contingenciais, plurais e assumem lugares distintos a partir das relações estabelecidas socialmente. Magro (2003), ao investir nas discussões que se propõem a pensar a construção das identidades etárias enquanto imagens do outro, nos oferece a possibilidade de pensar o reconhecimento do outro na constituição de nossa própria identidade.

Portanto, nos damos conta de nós mesmos, de nossa própria idade e de nosso próprio grupo etário quando estabelecemos o diálogo com o diferente de nós, o outro, que com seu corpo e modo de existir no mundo social, nos coloca o tempo todo em grupo que delimita as nossas possibilidades expressivas e de sociabilidade (p.38).

O mapa das subjetividades etárias transpassa o dito e adentra a pluralidade e a liquidez dos sentidos, os lugares estabelecidos podem ser astuciosamente burlados nas práticas cotidianas, principalmente através dos deslocamentos de sentidos e das (re)significações das práticas etárias tecidas dentro das territorialidades normativas, pois, “(...) mesmo ‘a dominação mais absoluta não consegue reduzir a experiência dos atores (sejam eles crianças ou velhos) aos papéis impostos’ (Dubet, 1996, p. 100 apud Gusmão, 2004, p. 18).

Este cenário cartografado me<sup>2</sup> impele substancialmente a lançar um olhar sobre a velhice, tomando-a como constructo social e me instiga a pensar as linguagens subjetiva(da)s de velhice que se instalam no cotidiano do Centro de Convivência, espaço que reúne grupos de terceira idade na cidade de Campina Grande. Neste universo de análise que me proponho a investigar, os idosos participantes são pensados enquanto sujeitos praticantes do espaço, à medida que usam os espaços físicos e simbólicos oferecidos pelo Centro de Convivência de maneira plural e, a partir destes usos cotidianos, (re)criam sentidos e significados etários e de gênero. À cartografia dos usos dos espaços segue-se uma investigação das vivências das outras identidades etárias, através da incursão nas histórias de vida e nas memórias afetivas dos sujeitos entrevistados.

A ânsia de classificação e categorização moderna produziu modelos etários demarcados por papéis sociais cristalizados. Magro (2004, p. 35), ao discutir as possibilidades de expressão delimitadas pela pertença aos grupos etários, destaca que “Na cultura ocidental

---

<sup>2</sup> Ao longo da introdução faço uso da primeira pessoa do singular para justificar minhas escolhas pessoais, mas durante todo o transcurso da pesquisa utilizo a primeira pessoa do plural.

contemporânea, pode-se dizer que quando crianças devemos brincar, quando adolescentes devemos experimentar, quando adultos trabalhar e produzir, e quando velhos devemos nos aposentar.” São lugares produzidos dentro de uma ordem de poder que visa à ordenação social, os lugares assinalados pela demarcação engessada dos papéis sociais, os quais marginalizam as diferenças e as múltiplas sensibilidades que desterritorializam os limites e as fronteiras etárias instituídas. Debert (2007, p. 53) ao discutir as categorias de idade ressalta as ideias do sociólogo Bourdieu ao afirmar que “(...) a manipulação das categorias de idade envolve uma verdadeira luta política, na qual está em jogo a redefinição dos poderes ligados a grupos sociais distintos em diferentes momentos do ciclo da vida”.

De acordo com Gusmão (2004, p. 22), os lugares destinados socialmente para os sujeitos infantis e velhos os colocam em um patamar inferior dentro da hierarquia social, a qual parte de uma lógica “adultocêntrica,” marcada pela produtividade.

Na ótica moderna, o instituído conduz a que se pense a criança como aquela que ainda não é e o velho como aquele que não é mais sujeito produtivo, destituindo tais sujeitos de um lugar social reconhecido, dando margem à existência de estereótipos que aliados ao preconceito, lhes atribuem determinadas características *a priori*, negando ‘o direito à fala, isto é, nos negamos a escutar o que ele(s) teria(m) a dizer sobre si mesmos’ (cf. Spósito, 1996, p. 99) e, nesta medida, nos negamos a aprender com eles, reconhecendo na criança e no velho a condição de atores sociais, produtores de cultura e, como tais, sujeitos de experiência. Um outro, porém, um mesmo.

As subjetividades etárias cartografadas na pesquisa permitem desnaturalizar e desconstruir os modelos etários institucionalizados. A visibilidade e a dizibilidade das experiências narradas pelos sujeitos investigados possibilitam vir à tona a multiplicidade de significados (re)inventados na construção de si e dos outros. O universo de demarcação espacial é o Centro de Convivência de Campina Grande, espaço institucionalizado de velhice que abriga uma multiplicidade de sensibilidades e identidades que transita entre os lugares estabelecidos aos deslocamentos de sentidos provocados pelas linhas de fuga inscritas nos significados subjetivados de forma multifacetada.

A pesquisa é desenvolvida nos liames de uma operação espacial e me inscrevo, portanto, enquanto pesquisadora praticante do espaço (CERTEAU, 1994), que se permite mergulhar nos mapas movediços redesenhados pelos trajetos da pesquisa. Este lugar em que me inscrevo se torna/tornou possível devido ao entrelaçamento experiencial que teve início durante o ano de 2003 quando, ainda estudante de graduação, adentrei no universo dinâmico

da pesquisa com gerações. Comecei a experienciar minha escolha temática durante o intercurso do projeto “O(A) idoso(a): uma face e uma voz interdidas pela Escola e pela Família”, posteriormente denominado “Pedagogia Multicultural: em cena os (des)encontros intergeracionais na Família e na Escola” inserido no PIATI/PAIR (Programa Interdisciplinar de Apoio à Terceira Idade/ Programa de Ações Integradas em Rede), programa que atua de forma interinstitucional, transdisciplinar e interdiscursiva e se pauta, indissociavelmente, na tríade ensino, pesquisa e extensão.

Esta pesquisa vivenciada durante toda minha graduação foi possibilitadora de problematizações e desconstruções, no campo teórico, de alguns conceitos identitários impostos socialmente e idealizados pela mídia e pelos livros didáticos. Os conceitos de velhice, família, gênero, currículo escolar, trabalho, educação, enquanto reproduções de uma lógica identitária fixa, unificadora e essencialista foram questionados, desconstruídos, historicizados em prol dos conceitos que trabalham as identidades polifônicas e multirreferenciais. O projeto de pesquisa que participei como aluna bolsista, coordenado pela professora Keila Queiroz e Silva, mediante uma proposta pedagógica multicultural e de educação intergeracional, interviu na elaboração de novas relações entre as várias gerações e em novas culturas curriculares.

Este projeto transformado em tese de doutorado “Os corpos enrugados e meus ‘outros’ espelhos etários” se propôs a denunciar o silenciamento e a invisibilidade de idosos avós cuidadores e provedores dos netos, e, por conseguinte, possibilitou a emergência de novos estudos sobre a velhice e o envelhecimento, dentre estes destaco minha monografia de conclusão de curso defendida em 2007, onde focalizei histórias de vida de idosos(as) que vivenciaram as dores da solidão simbólica e experiencial em seus universos sócio-culturais e as reinvenções construídas no cotidiano, por esses atores sociais, através do cuidado- pelos avós cuidadores e provedores dos netos-, e através do lazer- pelos idosos ativos participantes de grupos de terceira idade.

Permiti-me continuar seduzida pelo desafio de investigar os sentimentos de velhice na contemporaneidade, de fazer uma conexão entre história e as subjetividades etárias, de mergulhar no cenário das sensibilidades senescentes e investir na desnaturalização dos lugares etários cristalizados pelos discursos institucionais. A minha escolha temporal ainda é motivo de aguçados debates dentro de algumas correntes historiográficas vinculadas a uma historiografia tradicional, impregnada com as ideias e a cultura da modernidade (Porto Jr.,

2007), que coloca o passado como o campo dos estudos históricos por excelência, principalmente por acreditar que o historiador precise se distanciar temporalmente do seu objeto de estudo e se isentar das emoções. De acordo com Albuquerque Junior (2007, p. 89):

Para fazer história não é necessário se afastar do mundo, das coisas, das pessoas, mas estar tão próximo delas que já não saibamos quando começa o eu e o outro, e eu e o eles. Para ser historiador, como para ser poeta, é preciso não estar alheio a nada, é preciso estar envolvido pela vida, estar misturado com as pessoas e as coisas, para existir nelas, ser disfarçado. Misturar-se para apodrecer seu próprio eu; apodrecer para fermentar novos personagens e novos entendimentos para a vida e para o passado, fazer história como exalação que corrompe os limites do homem, tal como ele se define e está definido em nosso tempo. O historiador, como o poeta, é um formulador de devires outros.

Fomos acostumados a não nos aventurarmos na temporalidade do presente porque estamos imbricados nele, porque ele ainda se encontra em fluxo e este fator impediria, portanto, o distanciamento daquilo que pesquisamos. Será que este distanciamento tão aclamado por uma historiografia tradicional é possível? O questionamento também trazido por Machado (2004) reflete esta preocupação: “Pode-se, podemos, posso fazer uma escrita ‘higiênica’, uma escrita neutra e distante acerca de alguma coisa”?

Invisto nas discussões promovidas pela História do Tempo Presente, as quais inspiram a postura temporal assumida nesta pesquisa.

(...) as mudanças pelas quais as sociedades desenvolvidas vêm pensando em relação à sua maneira de relacionar-se com o passado, tanto em termos nacionais quanto em termos gerais, determinaram e grande escala o surgimento de uma História do Tempo Presente como disciplina. (Muller, 2007, p. 29).

“A História do Tempo Presente (HTP) é um construto relativamente novo em seus métodos, é uma ‘criança que aprende seus primeiros balbucios’, mas que já dá sinal de que será madura em suas análises e intelectualmente sólida em suas argumentações.” (PÔRTO JR., 2007, p.10). A História do Tempo Presente vem se firmando enquanto possibilidade no cenário historiográfico desde a década de 1970 com a fundação do *Institut d'Histoire du Temps Present* na França e na década de 1980 no Brasil, com a fundação do Instituto de História do Tempo Presente (IHTP).

Esta nova proposta, de pensar o fazer historiográfico, adentra em um campo provocador, instigador de novos olhares, em que o passado sem fronteiras é pensado como característica constitutiva de uma relação entre o sujeito e o objeto, entre aquele que estuda e o que ele estuda, o passado é construído a partir das escolhas do historiador, das maneiras pelas quais ele vai olhar, ler e sentir as fontes para construir seu objeto de estudo, sem uma preocupação com a distância temporal, e ao construir esse corpo teórico o próprio historiador torna-se uma testemunha da história da humanidade. “(...) a distinção entre o passado do presente e o passado histórico é muito tênue; distinguirmos se um determinado acontecimento pertence a um ou a outro passado é algo que depende, fundamentalmente de nosso interesse teórico e prático.”(Muller, 2007, p. 23).

No texto “A poeira e a Nuvem”, Foucault (1980), em resposta às críticas feitas por Jacques Leonard ao seu livro *Vigiar e Punir* enfatiza que não existe a figura do “historiador” enquanto entidade abstrata, conforme Jacques Leonard estava defendendo, mas uma figura instável, sem identidade fixa e, a partir dessa configuração, propõe um modo diferenciado de olhar para a experiência histórica. De acordo com Foucault (1980) a temporalidade não deveria dizer o que devemos estudar, ao problema que formulamos caberia esse lugar e este problema partiria, portanto, das inquietações do presente; a identificação de uma zona problemática deveria conduzir a pesquisa e a temporalidade derivaria, por conseguinte, do problema.

Comungo, portanto, das ideias de Foucault (1980) quando penso a temporalidade desta pesquisa, investigo os sentimentos de velhice na contemporaneidade e me encontro transitando por um cenário ambivalente de dimensões temporais, pois os tempos se interpenetram nas narrativas orais dos sujeitos entrevistados, suas histórias de vida possibilitam o transitar entre o passado e o presente, as marcas de historicidade emergem dos discursos desses sujeitos investigados.

Albuquerque Junior (2007, p. 26) reconhece a subjetividade da escrita do historiador dentro da história cultural e, por conseguinte, a sua inscrição na temporalidade presente, quando descreve a figura do historiador irônico.

Para a história cultural, portanto, a invenção do acontecimento histórico, de qualquer objeto ou sujeito da história, se dá no presente, mesmo quando analisa as várias camadas de discursos que o constituíram ao longo do tempo, pois a historiografia é atravessada pelo tropos da ironia que traz a participação do discurso do historiador na construção da realidade que narra para o centro da reflexão. O historiador irônico

é aquele que não se coloca fora do acontecimento que enuncia, do tempo que narra, mas que sabe que seu próprio discurso é mais uma obra do inabarcável arquivo de enunciações que instituem dados sujeitos e dados objetos.

A passagem de Clio para o outro lado do espelho, conforme anunciou Dosse (2004) ao discutir a virada historiográfica, com a transferência do interesse exclusivo das condições sócio-culturais para os procedimentos de apropriação, representações e construções das próprias identidades sociais, (2004, p. 48) incentivou os novos olhares dentro do cenário historiográfico. A fluidez das fronteiras entre a História e outros campos do saber das ciências humanas incentiva o historiador a adentrar caminhos múltiplos tecidos pelas mediações culturais. Os novos olhares possibilitados pela História Cultural e mais recentemente pela História das Sensibilidades redimensionaram os objetos historiográficos e ampliaram o leque de problematizações e questionamentos que perpassam o estudo teórico referente ao emocional, à subjetividade, aos valores morais e aos sentimentos. A escolha da problemática desta pesquisa enquanto objeto historiográfico se tornou possível a partir desses novos olhares que investiram em um deslocamento na maneira de pensar e escrever a história.

Apesar de haver muitos silêncios e poucas produções historiográficas acerca da velhice e do envelhecimento, e não apenas sobre as construções históricas da velhice mas, também sobre as questões geracionais, as pulsões que me movem a investir na problematização desta temática transpassam as barreiras dos silenciamentos teóricos que se instalam dentro da historiografia e me oferecem a possibilidade de questionar a produção destes silêncios. Considerando-se que os silêncios também são elementos que estão na tecitura das relações de forças e são, portanto, produtos de um lugar que não deixam de ter intencionalidades que se desdobram no fazer historiográfico.

Os estudos acerca da velhice estão no *locus* das preocupações contemporâneas e são mais enfatizados no cenário acadêmico por sociólogos e antropólogos, quando não apresentados dentro de uma perspectiva biomédica. Há, sobretudo, uma valorização dos discursos científicos sobre o processo de envelhecimento. Estes discursos se aviltam à medida que o aumento do número de velhos começa a preocupar a dinâmica social, e se propõem a questionar diversos fatores tais como a improdutividade do velho, a institucionalização do curso da vida, a tomada da idade cronológica como categoria definidora dos papéis sociais e de lugares sociais cristalizados e engessados. São discursos que ganham o cenário contemporâneo tomando a velhice como problema social, não somente a partir de razões de

ordem demográfica, mas considerando toda uma conjuntura que envolve a exclusão social dos idosos, as mudanças na estrutura familiar, o impacto econômico ocasionado pelo aumento dos aposentados. (BARROS E CASTRO, 2002).

Uma das faces da velhice, no presente, consiste em ter-se tornado objeto de atenção de um crescente número de práticas de saber e de poder. Alertados pelas transformações demográficas, que indicam o aumento da população idosa e da expectativa de vida, mas mergulhados num mundo que trama a si próprio com os fios da valorização da juventude, os pesquisadores de diversas áreas têm inserido, cada vez com mais frequência, questões relacionadas à velhice e ao envelhecimento no mapa de seus interesses de estudo. (Agra do Ó, 2008a)

Esta eclosão discursiva da problemática do envelhecimento é enunciativa dos novos olhares que recaem sobre a gestão da velhice, os quais se estruturam a partir de uma dinâmica interdisciplinar e multidimensional para a produção de um novo sujeito de direito: o idoso. A intervenção jurídica incide na reformulação deste novo olhar sobre a velhice, a partir da elaboração das políticas públicas e assistencialistas destinadas ao segmento idoso. Os discursos jurídicos buscam sistematizar em textos o direito personalíssimo de envelhecer. Começam a ser introduzidos inicialmente pela Constituição Federal de 1988 e, posteriormente, ampliados através de uma legislação específica, a Política Nacional do Idoso, instituída pela Lei 8.842/94 e o Estatuto do Idoso, Lei 10.741/03.

Assistimos, por um lado, a uma socialização progressiva da gestão da velhice: durante muito tempo considerada como própria da esfera privada e familiar, uma questão de previdência individual ou de associações filantrópicas, ela se transforma em uma questão pública. Debert (2004, p. 13)

A emergência dos discursos legais somada aos dispositivos da terceira idade vem determinar, no cenário social, a categorização da velhice de forma homogênea ao incidir na construção de subjetividades senescentes demarcadas pelo limite da idade cronológica. De acordo com o que dispõe o Estatuto do Idoso, são caracterizadas como idosas as pessoas com idade igual ou superior a 60 anos de idade, sendo este aspecto cronológico o determinante para os beneficiários do Direito descritos na Lei, outras demarcações não são consideradas pelo Direito brasileiro. De acordo com os discursos normativos a idade é um dado natural que vem dizer e instituir a velhice enquanto categoria universal. Debert (2007) nos apresenta uma leitura antropológica que visa romper com essa ideia de velhice construída sob a égide de categoria natural e universal:

A pesquisa antropológica demonstra, assim, que a idade não é um dado da natureza, nem um princípio naturalmente constitutivo de grupos sociais, nem ainda um fator explicativo dos comportamentos humanos. Essa demonstração exige um rompimento com os pressupostos da psicologia do desenvolvimento que concebe o curso da vida como uma seqüência unilinear de etapas evolutivas em que cada etapa, apesar das particularidades sociais e culturais, seriam estágios pelos quais todos os indivíduos passam e, portanto, teriam caráter universal(p.51).

Os discursos que reforçam a idade enquanto uma realidade absoluta e universal, capaz de determinar o que podemos ser e o que nos é permitido fazer, acabam por aprisionar as singularidades subjetivas dos sujeitos e impede as expressões das diferenças cronológicas subjetivadas pelos sujeitos de forma plural. Ao questionar as imagens e práticas que se articulam no imaginário coletivo com vistas a determinar os lugares a partir da pertença aos grupos de idade, Lloret (1998) nos propõe desvelar as dimensões da cultura e do poder em suas tentativas de ordenar nossas condutas.

(...) com o próprio tempo vivido em mim e na alteridade dos demais, viver o tempo que temos e que nos tem (ambos são reais), é preciso desvelar como se articulam as imagens impostas a partir da memória coletiva, do imaginário social ou do costume. Não é só isso, porém; também há que se avaliar como as práticas quotidianas reforçam estas imagens ou as recriam e desvelar o modo em que certos estudos sociais ou psicossociais, certos interesses econômicos e políticos – sem esquecer as razões legislativas e gerenciais na classificação ou ordenação das populações – as conformam e as determinam (p.23).

Além das demarcações etárias, minha trajetória de pesquisadora também foi marcada por demarcações de gênero. Nas relações geracionais e inter-geracionais presentes no Centro de Convivência há um viés de gênero que perpassa as subjetividades constituídas cotidianamente e, dessa forma, pretendo me debruçar sobre estas questões no presente trabalho. Inscrevo esta proposta em uma perspectiva que prioriza o rompimento de uma visão dualista das categorias de gênero, que aborda as identidades masculinas e femininas enquanto categorias isoladas e cristalizadas em seus papéis sociais, em prol de pensar estas categorias de forma relacional e plural, pois, os sujeitos entrevistados são homens e mulheres idosos(as) que experienciam suas identidades etárias e de gênero a partir de uma pluralidade, seus discursos transitam entre a fluidez das fronteiras de gênero e a rígida demarcação dos papéis sociais cristalizados.

Dialogo com as representações de gênero, a partir de alguns referenciais de análise encontrados nas propostas de Albuquerque Júnior (2003), Perrot (1998), Colling (2004),

Hillesheim (2004), Rago (2004) e Nolasco (1995). Ao se debruçar sobre um estudo do gênero masculino, Albuquerque Júnior (2003) questiona os lugares que foram atribuídos a um tipo específico: o nordestino e avalia os códigos de masculinidade e feminilidade em uma sociedade de modelo predominantemente patriarcal. Suas considerações acerca das experiências-de-ser-mulher e as experiências-de-ser-homem fornecem a esta pesquisa subsídios para se pensar os sujeitos investigados durante a vivência de suas infâncias e juventudes em um cenário marcadamente patriarcal e suas identidades de gênero construídas no cotidiano do Centro de Convivência.

Ao pensar a configuração ocidental do espaço público e do espaço privado enquanto construção dicotômica e hierárquica, usada para justificar os papéis de superioridade masculina e inferioridade feminina, Perrot (1998) problematiza a identidade feminina constituída sob o signo da sensibilidade e da emoção, sendo estes aspectos inferiorizados nas relações de poder. As identidades de feminilidade pensadas a partir desse universo discursivo predominado pela ideia masculina de verdade também são investigadas por Colling (2004), em um artigo que investe na construção histórica do feminino e do masculino, Hillesheim (2004) em sua proposta de discussão do trabalho doméstico associado ao universo feminino e Rago (2004), que investe na problematização dos modelos de feminilidade a partir das relações do público e do privado, enquanto categorias espaciais definidoras das identidades de gênero. Para a problematização das identidades masculinas, além de Albuquerque Junior (2003) recorri ao diálogo com Nolasco (1995).

A minha preocupação no tocante ao uso das perspectivas teóricas e metodológicas ao longo da trajetória da pesquisa não é de seguir determinadas correntes teóricas, mas de pensar as teorias e os conceitos enquanto ferramentas, instrumentos que se aplicam ao mapa experiencial da pesquisa, contudo, ciente de que os conceitos trazem consigo implicações e que eles estão vinculados a um lugar de saber, que têm intencionalidades e trazem, portanto, a possibilidade de certos efeitos. As palavras de Gallo (2003), ao esboçar as ideias de Deleuze, desenharam a imagem dos conceitos nesta pesquisa.

(...) Importa que tenhamos afinidade com um certo conceito, afinidade que se produz pelo fato de agenciar em nós mesmos certas possibilidades. Na obra que escreveu com Claire Parnet, Deleuze diz que hoje devemos ler um livro como escutamos um disco: se gostamos, se a música nos toca de alguma maneira, se produz em nós efeitos, intensidades, afetos, seguimos ouvindo e ouvimos mais e mais; mas se a música não nos toca, não nos afeta, ou se nos afeta negativamente, abandonamos o disco, desligamos o rádio ou mudamos de estação. O mesmo deve se dar com os conceitos.

“(...) os conceitos são exatamente como sons, cores ou imagens, são intensidades que lhes convêm ou não (...)” (Deleuze, 1998, p.12 apud Gallo, 2003, p. 58-59). A trama conceitual desta pesquisa se apresenta através dos múltiplos olhares lançados pelos autores convidados a partilhar da discussão teórica que se instala no plano de imanência experiencial, trilhado pelas narrativas dos sujeitos idosos investigados.

Para a problematização dos conceitos de velhice e terceira idade utilizei os aportes teóricos fornecidos por sociólogos e antropólogos que percebem a velhice na sua heterogeneidade e questionam os estereótipos acerca do envelhecimento. Dentre os mais recorrentes cito Debert (2004) que traz uma grande contribuição para se pensar a desconstrução da teoria moderna do curso da vida, Lloret (1998) que investe na discussão das categorias etárias enquanto construção social, Barros (2007), Peixoto (2007), Lopes (2006), Alves (2004), dentre outros que me possibilitaram desconstruir os lugares produzidos para categorizar as identidades etárias.

Os conceitos de identidade de Bauman (2005) e Silva (2000) são recorrentes ao longo do texto, ora em forma de citação, ora como impulsionadores da problematização etária desvelada ao longo dos capítulos. Estes autores me oferecem subsídios para pensar as identidades de forma relacional, construídas a partir das trocas subjetivas com as outras categorias etárias. Ao lançar um olhar sobre a construção das identidades senescentes invisto na leitura das outras identidades etárias, as identidades juvenis e infantis, e, neste viés de análise, utilizo a leitura proposta por Ariès (1981) que problematiza o conceito de infância e a obra organizada por Fernanda Eugênio e Maria Isabel Mendes de Almeida sobre as culturas jovens.

Outro conceito que atravessa o percurso da pesquisa é o conceito de corpo, os corpos velhos pesquisados se investem de subjetividades corporais que são reinventadas nas relações com os outros corpos. Para pensar a reinvenção dos corpos na trajetória da pesquisa utilizo teoricamente como referencial de análise a obra “O corpo incerto” de Ortega (2008) que percebe o corpo em seus aspectos paradoxais: “o corpo é ao mesmo tempo cultuado e desprezado”, tomando-o enquanto aspecto biológico e cultural.

Alguns conceitos trabalhados por Maffesoli (2006) me foram caros, o conceito de neotribalismo usado por ele para falar das emergentes formações de microgrupos sociais na

contemporaneidade e das consequentes criações de comunidades emocionais que se gestam em prol de uma sensibilidade coletiva e em detrimento do processo de individualismo. Os conceitos de socia(bi)lidades, os quais refletem a dinâmica social explorada por Maffessoli (2006), assumida no contexto das práticas cotidianas dos sujeitos investigados na pesquisa.

De acordo com este autor, a socialidade se aplicaria às relações na contemporaneidade, precipuamente, ao instituir um investimento no instante vivido, nos momentos não institucionais e nas relações banais do cotidiano em contraposição ao que reza o conceito de sociabilidade, que é caracterizado pelas relações institucionalizadas, formais, são formas de interações sociais com fim nelas mesmas.

Outro conceito que perpassará todos os capítulos da minha dissertação é o de temporalidade, considerando-se que os sujeitos da minha pesquisa -os idosos inventados pelos discursos da terceira idade- reinventaram a própria relação destes com o tempo, onde a sua memória do tempo fordista da vida de adulto é resignificada pelo tempo das tribos, ou seja, pelo uso cotidiano do tempo livre. Para fundamentar a discussão do tempo livre utilizo as contribuições de Maffessoli (2006) que se debruça sobre a ideia de tempo das tribos e Dumazedier (1994) defensor do tempo livre enquanto categoria presente nas práticas de lazer vivenciadas por todas as faixas etárias em meio aos outros tempos sociais.

A fundamentação da pesquisa encontra respaldo no campo da historiografia a partir das leituras de Michel Foucault e de Michel de Certeau. Ao pensar na formação das redes discursivas e extradiscursivas que se instalam no espaço do Centro de Convivência, Foucault (1986) tem sido o maior impulsionador nessa trajetória genco/arqueológica dos conceitos, principalmente no tocante à investigação dos deslocamentos e transformações dos conceitos:

(...) para a análise histórica, não mais a pesquisa dos começos silenciosos, não mais a regressão sem fim em direção aos primeiros presensores, mas a identificação de um novo tipo de racionalidade e de seus efeitos múltiplos. Deslocamentos e transformações dos conceitos (...) (Foucault, 1986, p.24)

O diálogo com este autor tem me possibilitado investir na desnaturalização e problematização das categorias etárias enquanto construções discursivas delimitadas pelos dispositivos de poder que objetivam a institucionalização dos lugares etários e a ordenação dos sujeitos. A análise do discurso fundamentada em Foucault (1995) possibilita o

reconhecimento das práticas discursivas como objeto de estudo do historiador. Esta possibilidade de problematizar as redes discursivas produzidas em todo lugar social contribuiu para que eu fizesse uma análise sobre a velhice no cotidiano do Centro de Convivência. Os discursos institucionais que circulam no Centro de Convivência configuram predominantemente um modelo de velhice que se fundamenta nas políticas públicas com a instituição de novas maneiras de perceber e dizer a velhice, “terceira idade”, “idoso-cidadão” em detrimento do “velho”, mudanças de postura e de linguagem que se tornaram possíveis através do aparato discursivo legal: A Política Nacional do Idoso (1994) e o Estatuto do Idoso (2003).

As articulações tecidas pelos idosos participantes dialogam com a forma como o autor Michel de Certeau (1994) percebe as táticas usadas astuciosamente no cotidiano dos consumidores das culturas populares. Certeau (p.38) fala sobre as operações dos usuários supostamente entregues à passividade e à disciplina, mas que se investem de “mil maneiras de caça não autorizada” e recriam um cenário de consumo astuto nas maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante.

A efetivação metodológica deste trabalho ocorre através das possibilidades oferecidas pela História Oral. Os métodos da História oral me ofereceram meios para a construção dos caminhos desta pesquisa, meios para pensar as narrativas dos idosos participantes do Centro de Convivência. Narrativas que foram reveladoras das experiências relacionais presentes no cotidiano do Centro de Convivência e das experiências etárias representadas através do processo de rememoração. Uma vez que, a desconstrução de papéis sociais cristalizados se tornou possível a partir da ressignificação e da ressubjetivação do passado tomadas sob o viés das rememorações, que serviu de caminho metodológico para se pensar a relativização dos papéis sociais etários. A dinamicidade dos lugares etários e de gênero, (re)desenhada pelas narrativas, permite a produção de deslocamentos, os quais são configurados a partir das representações que são feitas pelos idosos. Ao considerar o conceito de representação utilizo a definição pensada por Chartier (1990, p. 16-17) como sendo “(...) o modo pelo qual em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade é construída, pensada, dada a ler por diferentes grupos sociais”.

Apesar da associação entre velhice e memória ser empregada como algo natural, por alguns discursos em diversos campos do saber das ciências humanas e sociais, não partilho desta associação. À medida que os discursos mostram a experiência de envelhecer agregada à

experiência das recordações, constroem lugares naturalizados, aprisionam o passado de forma nostálgica, diferente da proposta encaminhada nesta pesquisa, que é possibilitar a desconstrução dos papéis sociais institucionalizados, ao investir na cartografia das sensibilidades infantis e juvenis vivenciadas pelos sujeitos investigados e, por conseguinte, possibilitar as expressões das subjetivações e subjetividades etárias múltiplas, enunciadoras dos lugares diversos, produtoras de deslocamentos.

Na recusa a este cenário associativo de experiências de velhice e recordações do passado, somos instigados por Bérghson (1985), a pensar as lembranças estando presentes em qualquer percepção, portanto, podendo advir de quaisquer indivíduos, de quaisquer experiências etárias. De acordo com Bergson (1985, p. 170) “(...) não há percepção que não esteja impregnada de lembranças.”

As lembranças emergiram durante as oficinas de memórias e durante as entrevistas individuais realizadas no Centro de Convivência, foram 39 idosos que contribuíram com narrativas para a construção desta pesquisa, seus nomes não são revelados durante os relatos de experiência, nomes fictícios substituem seus nomes verdadeiros.

No primeiro capítulo discuto a emergência do Centro de Convivência enquanto espaço de expressão da terceira idade no cenário campinense. Proponho-me a investigar o processo de invenção dos grupos de terceira idade e a articulação dos discursos instituidores das políticas sociais com as redes relacionais presentes no espaço do Centro de Convivência que por ser um espaço dinâmico, incorpora as intencionalidades políticas dos formuladores das políticas públicas, mas também ressignifica através das práticas dos usuários, a dinâmica desses discursos. Ainda no presente capítulo, invisto nas representações e (re)apropriações dos sujeitos idosos frente às práticas de espaço nas cartografias do Centro de Convivência, investigo os usos dos espaços nas práticas de socia(bi)lidades.

Ao longo do segundo capítulo me proponho a investigar as construções identitárias de gênero a partir das práticas de socia(bi)lidades desenvolvidas no Centro de Convivência e a pensar as experiências-de-ser-mulher e as experiências-de-ser-homem no plural, de forma não generalizável, sob o viés da diferença e das particularidades. Invisto na (re)apropriação das identidades de gênero a partir da construção relacional vivenciada nas práticas da dança, principal atividade interacional do Centro de Convivência.

No último capítulo enveredo por uma investigação das vivências das outras identidades etárias, através da incursão nas histórias de vida e nas memórias afetivas dos sujeitos entrevistados, com vistas à relativização dos papéis investidos socialmente para delimitar as expressões etárias e, por conseguinte, (re)pensar os sentimentos de velhice (re)apropriados e representados a partir das experiências infantis e juvenis demarcadas no contexto temporal das décadas de 1940-1960 no cenário paraibano.

## 2. GRUPOS DE TERCEIRA IDADE NA *URBS* CAMPINENSE: EM CENA O CENTRO DE CONVIVÊNCIA



O cenário político delineado no final dos anos 1980 e início dos anos 1990 serviu de palco para alguns movimentos sociais preocupados com a defesa dos direitos dos aposentados, os quais ganharam destaque social e trouxeram questões que colocaram à tona a situação dos idosos. Mediante os problemas enfrentados pela defasagem das aposentadorias, os próprios idosos organizados em grupos lutaram pela reivindicação dos seus direitos e fizeram parcerias com o SESC<sup>3</sup>, o SESI,<sup>4</sup> a LBA<sup>5</sup> e o Ministério da Previdência e Assistência Social (Borges, 2003). Estas parcerias foram importantes no sentido de possibilitar a reflexão e a organização na esfera social dos direitos dos idosos, principalmente em um momento precedente à promulgação da Constituição Nacional de 1988. Estas reivindicações tiveram seu foco inicial de concentração em São Paulo, foram destacáveis no âmbito nacional em termos de visibilidade dos problemas políticos e sociais relativos à velhice e favoreceram na implementação da Associação Nacional de Gerontologia (ANG) e da criação e implementação da Política Nacional do Idoso.

Propomo-nos, portanto a pensar o final dos anos 1980 e início dos anos 1990 enquanto demarcação temporal de um cenário ambivalente de conquistas e embates relativos à aposentadoria e à Previdência Social, estando presentes como protagonistas os próprios idosos, aposentados e pensionistas. As lutas e embates empreendidos pelos idosos em defesa dos seus interesses no Brasil levaram a configuração de um cenário marcado por conquistas no espaço público e político. A movimentação desse novo ator político teve uma repercussão destacável no setor social, principalmente a partir do que ficou conhecido como a “mobilização pelos 147%”<sup>6</sup> movimento configurado a partir das reivindicações dos

<sup>3</sup> “O Serviço Social do Comércio (SESC) é uma instituição brasileira, sem fins lucrativos, com atuação em todo âmbito nacional, voltada para o bem-estar social dos comerciantes e empregados de empresas de serviços bem como seus familiares. Atua nas áreas da Educação, Saúde, Lazer, Cultura e Assistência Médica. Foi criado em 1946, no dia 13 de Setembro, pelo Presidente Eurico Gaspar Dutra que assinou o Decreto-Lei nº 9.853 autorizando a Confederação Nacional do Comércio a criar o Serviço Social do Comércio – SESC” Informações retiradas do site: <http://pt.wikipedia.org/wiki/SESC> pesquisadas em 11/08/09.

<sup>4</sup> “O Serviço Social da Indústria (SESI) é uma instituição privada brasileira, sem fins lucrativos e de atuação em âmbito nacional. Foi criado em 1 de julho de 1946 com a finalidade de promover o bem-estar social, o desenvolvimento cultural e a melhoria da qualidade de vida do trabalhador que atua nas indústrias, de sua família e da comunidade na qual estão inseridos, em geral.” Informações retiradas do site: <http://pt.wikipedia.org/wiki/SESI> pesquisadas em 11/08/09.

<sup>5</sup> “Legião Brasileira de Assistência, entidade filantrópica.” Informações retiradas do site: <http://pt.wikipedia.org/wiki/LBA> pesquisadas em 11/08/09.

<sup>6</sup> De acordo com Simões (2007, p. 25) essa chamada “mobilização pelos 147%” teve início quando em setembro de 1991, o salário mínimo recebeu um aumento de 147,06%, mas os benefícios da Previdência Social foram reajustados em apenas 54,6%, baseado numa interpretação pelo governo federal das disposições das leis nº 8.212 e nº 8.213, que estipulavam novas regras para o reajuste dos benefícios.

aposentados e pensionistas com relação às questões ligadas à Previdência Social e Assistência Social. Essas reivindicações foram iniciadas na década de 1980, mas estavam relegadas pela luta sindical desde quando o regime militar unificou o sistema previdenciário, fato que levou os sindicatos a concentrarem seu poder de articulação nas questões salariais dos profissionais ativos. O autor Simões (2007, p. 14-15) traz uma leitura deste movimento particular dos aposentados e pensionistas relacionando com questões que influenciavam o modo de vida dos mais velhos em um sentido mais genérico, ou seja, ele traz um panorama com vistas à discussão da possível associação desse movimento político com a visibilidade que os idosos começam a adquirir na sociedade brasileira.

Analisando mais detidamente a “mobilização pelos 147%” e o modo pelo qual esta foi retratada nos jornais e na TV, entre novembro de 1991 e abril de 1992, tento mostrar como o movimento de aposentados abriu caminho para a politização não só da questão da Previdência Social, mas também da questão mais ampla da velhice na sociedade brasileira. (Simões, 2007, p.14-15)

Nesse viés de visibilidade social configurado pelas conquistas legais dos sujeitos idosos, tem-se a criação de espaços socioeducacionais voltados para esse segmento. Fenômeno que começa a ganhar o cenário social enquanto reflexo de uma política de investimento para a terceira idade, teve início com as iniciativas promovidas pelo SESC, com o surgimento das escolas abertas da Terceira Idade e com os espaços de convivência, que passaram a proliferar enquanto política específica direcionada a esse grupo etário no intuito de minimizar o isolamento social, o preconceito e a marginalização das categorias senescentes no cenário brasileiro.

Borges (2003, p.99) traz uma leitura acerca dos primeiros movimentos sociais dos grupos de idosos que passaram a se organizar para discutir problemas relacionados à velhice:

Os primeiros sinais de organização social de grupos de representantes do segmento idoso foram identificados quando idosos de um grupo do SESC e grupos de Ribeirão Preto e de Catanduva começaram a lutar por uma revisão das aposentadorias que eram irrisórias, muitas vezes não atingindo nem mesmo um salário mínimo, o que despertou as comunidades para a problemática em torno da velhice, enclausurada em sua casa ou em asilos, crescendo numericamente, mas sem espaços sociais significativos.

O processo de implementação dessas políticas destinadas à pessoa idosa, as quais foram gestadas dentro de um contexto marcado pela intensificação discursiva de direitos

protetivos evocados e caracterizados no texto Constitucional, começou a se firmar na cidade de Campina Grande a partir do ano de 1989 quando a Secretaria do Trabalho e Ação Social (SETRAS) da Prefeitura Municipal começou a oferecer o serviço de cadastramento de idosos a partir dos 65 anos de idade com o objetivo de fornecer a aquisição de carteiras para a condução nos transportes coletivos, benefício garantido pela Constituição Federal de 1988. Neste mesmo ano foi elaborado pela Secretaria de Assistência Social um projeto para a construção de um Centro de Convivência para idosos na cidade; projeto que visava reunir todos os grupos de terceira idade que funcionavam em pequenos centros localizados nos bairros da cidade.

A crescente formação de grupos de convivência em alguns bairros da cidade de Campina Grande veio a fortalecer e impulsionar a ideia da constituição de um projeto, pensado pela Prefeitura Municipal, com vistas à criação de um Centro de Convivência que serviria inicialmente enquanto espaço unificador dos grupos de terceira idade espalhados pelos bairros. Ao longo de toda a década de 1990 surgiram vários grupos de idosos na cidade de Campina Grande, grupos que se organizavam em pequenos espaços localizados nos bairros da cidade. Durante esse período marcado pelo surgimento de grupos de convivência, foram realizados alguns eventos promovidos pela Secretaria de Assistência Social: fóruns, encontros, seminários, com o propósito de ampliar as discussões de questões relativas à terceira idade para toda a população.

No cenário municipal as práticas políticas pensadas para esse grupo de sujeitos de direito que ganhavam o cenário social em termos numéricos, foram se arregimentando através de ações engajadas entre a comunidade e os aplicadores das políticas de Assistência Social, as quais se instalavam nas práticas cotidianas dos idosos e não previam fins lucrativos

(...)A assistência social é um direito gratuito, não contributivo, cumprindo o preceito de atendimento às necessidades sociais, independente de rentabilidade econômica, ou seja, é uma política social e não depende de regras mercadológicas, não podendo ser submetida a pagamentos ou contribuições, inclusive, não podendo as entidades sociais ter fins lucrativos. (Borges, 2003, p. 96)

Os discursos instituidores dessas ações que visavam à criação e manutenção dos grupos recaíam incidentalmente sobre o aumento da longevidade enfrentado em todo o território nacional, somando-se a este aumento a necessidade de aplicar os direitos conquistados na Constituição e posteriormente pela Política Nacional do Idoso e pelo Estatuto

do Idoso. Esse aumento no número de idosos é um fenômeno estatístico que tem ganhado proporções vertiginosas em nosso país, de acordo com dados trazidos pela revista ISTOÉ (Janeiro/ 2010)

Entre 1940 e 2008, a esperança de vida passou de 45,5 anos para 72, 86 anos, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). [...] Na pesquisa Nacional por Análise de Domicílio (Pnad) de 2008, o IBGE contabilizou cerca de 21 milhões de pessoas com 60 anos ou mais, ou 11% da população, e de acordo com as previsões do Instituto, em 2040 essa população crescerá para mais de 52 milhões, passando a representar 23, 7% da população.

O avanço do número de idosos também se configura enquanto realidade do cenário paraibano, de acordo com reportagem trazida pelo Jornal da Paraíba (2007):

(...) em 1980, a expectativa de vida do paraibano era de 56,99 anos e, em 2006, passou para 68,64, o que corresponde a um aumento de 20,5%. Em todo o Estado são 402.143 idosos, o que representa 11,04% de toda a população paraibana, que é de quase 3 milhões e 650 mil pessoas. O que chama atenção no estudo é a quantidade de pessoas com 80 anos de idade ou mais, cerca de 70 mil, o equivalente a 17,5% do total de idosos. a Paraíba tem 538 idosos com mais de 100 anos de idade, segundo o último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano passado.

O processo de invenção e criação dos grupos da terceira idade em Campina Grande esteve atrelado a uma política geral que ocorria em âmbito nacional na década de 1980, principalmente a partir de iniciativas promovidas pelo SESC. A partir de uma entrevista realizada com a atual coordenadora do Centro de Convivência pudemos traçar um panorama da configuração dos primeiros grupos, os quais foram formados em alguns bairros da cidade e continham uma pequena participação em termos numéricos de idosos. As participações iniciais nestes grupos em formação eram predominantemente femininas, constatação corroborada pelos discursos que defendem uma feminização da velhice, devido ao número superior de mulheres idosas em relação àquele correspondente aos homens; de acordo com Berquó (1988, p.15) “a proporção de idosas em relação à população total de mulheres tem se mantido sistematicamente superior àquela correspondente aos homens idosos”

O primeiro grupo de convivência, Cabelos de Neve, foi formado no bairro do Santo Antônio em 1990 e contava com a participação de 6 pessoas. Em 1991 surge o grupo Cabelos Brancos no bairro do Quarenta e no mesmo ano no bairro do Catolé forma-se mais um grupo, o Renascer. Ainda em 1991 realizou-se o I Seminário Municipal do Idoso. Em 1992 mais dois

grupos foram criados: grupo Vida Nova no bairro da Conceição e o grupo da Saudade no bairro de Santa Cruz e nesse mesmo ano houve a realização do II Seminário Municipal do Idoso.

Em 1993 surge o grupo Continuando a Juventude na zona rural: São José da Mata. E em 1994 é formado o grupo Fios de Prata no bairro da Santa Rosa; mesmo ano em que o programa da pessoa idosa organizado pela Prefeitura Municipal de Campina Grande passa a se chamar Conviver.<sup>7</sup> Mais um grupo surge em 1994 no Monte Castelo, o grupo Sagrado Coração de Jesus e em 1995 acontece o III Seminário Municipal do Idoso e tem-se a criação do Conselho Municipal do Idoso, órgão articulador, fiscalizador, consultivo e controlador da política do idoso e suas diretrizes em conformidade com o estabelecido na Lei 3.174 de setembro de 1995.

A construção de um espaço físico que serviria para congregar os grupos de terceira idade que se reuniam nos bairros foi possível com o advento do Centro de Convivência na cidade de Campina Grande, inaugurado em 28 de Julho do ano de 2000 localizado no bairro dos Cuités, em um território afastado do centro da cidade, local que de acordo com a coordenadora tem se tornado indispensável para a socialização, comunicação e conhecimento de novas experiências. Desde sua inauguração esse espaço vem assessorando 13 grupos de terceira idade da cidade de Campina Grande e ainda vários idosos não-participantes de outros espaços de convivência.

A ida ao Centro de Convivência se tornou o itinerário de muitos idosos, os quais se deslocam de suas casas todas as manhãs para seguirem rumo a esse espaço. O primeiro encontro dos idosos acontece na Praça do Trabalho no bairro São José, próximo ao Centro da cidade, local onde eles se reúnem a espera de um ônibus fornecido pela Prefeitura Municipal para levá-los ao Centro de Convivência; nesse primeiro encontro a troca de experiências começa a acontecer nas conversas, a (re)apropriação dos espaços começa ao sair de casa, a praça se transforma num amálgama de sensibilidades senescentes.

---

<sup>7</sup> O programa Conviver foi pensado e elaborado pela Prefeitura Municipal de Campina Grande para atender à pessoa idosa. Atualmente é composto do Centro Municipal de Convivência ao idoso, o qual é responsável pelo desenvolvimento das atividades de caráter preventivo, educativo, terapêutico, promocional e social; o assessoramento dos grupos de convivência de idosos que funcionam nos bairros; o Disque-idoso, sistema de escuta de denúncias de violências e maus-tratos contra a pessoa idosa; e o encaminhamento das carteiras interestaduais, Lei 10. 741/2003.



**FIGURA 1** Imagem dos idosos na Praça do Trabalho

A imagem acima marca um desses momentos de encontro na Praça do Trabalho, os idosos começam a chegar a partir das 07 horas da manhã para esperar o ônibus, que sai rumo ao Centro de Convivência às 08 horas. Durante esse intervalo de espera as (re)apropriações e a produção de sentidos acontecem. Os idosos que chegam cedo se sentam nos bancos da Praça e as conversas começam a fluir, na maioria das vezes são conversas sobre o cotidiano e sobre os problemas da vida.

Uma dessas conversas foi marcada pela discussão sobre a diferenciação entre cidade grande e cidade pequena, conversa motivada pela chegada de uma senhora, antiga frequentadora do Centro de Convivência que estava retornando, ela havia chegado de São Paulo e as conversas foram guiadas sobre essa temática. Elas falavam sobre a positividade de morar em cidades pequenas em contraponto ao tumulto que marcavam as cidades grandes como São Paulo. Vários pontos foram ressaltados: a violência, a sensação de ausência de liberdade e autonomia, o isolamento, características presentes no cotidiano das cidades grandes e sendo, portanto, desfavoráveis para uma vida tranquila, desejo mostrado nas falas das senhoras.

Em outro momento de conversas uma senhora trouxe a temática do espaço do Sítio como espaço por excelência para se viver, desejo almejado por grande parte dos idosos

entrevistados. A senhora Margarida<sup>8</sup> ressaltou em sua fala a semelhança do espaço do Centro de Convivência com um sítio:

Adoro o sítio, é mais suave, a sensação que o Centro [de Convivência] passa é de estar em um sítio, pela suavidade, ali é um colosso [...] Ali o vento traz muita felicidade ali [...] Eu nasci e me criei no sítio, menina, pra mim quando eu chego ali, pra mim o anjo da guarda da gente parece que ta alumando a gente, batendo as asinhas, eu moro na cidade porque não tenho sítio, quando eu sai do sítio estava com 45 anos, o sítio vale a pena, é mais suave pra criar a família, pra quem tem, porque pra quem não tem... Eu morava no sítio que era do meu sogro, mas ele morreu, daí virou herança, uns queria vender, outros não, mas foi vendido. No meio desse repartimento o dinheiro que tocou a gente não dava pra comprar um pedaço de terra pra gente, aí a gente comprou uma casa na rua, uma casa pequena em Esperança, mas eu continuei trabalhando no sítio 'de meia' tinha que repartir tudo o que lucrava, o patrão tinha muito gado, muito estrume e eu fui pedir estrume pra estrumar a terra e ele não deu, aí eu com desgosto sai e vendi o restinho das coisas que tinha lá e viemos morar aqui em campina, comprei uma casinha de taipa perto do meninão, aí dali passei pro Pedregal e faz 25 anos que eu moro ali e não saio mais não, se Deus quiser só saio pro cemitério.

A construção do espaço cidade é pensada por meio de uma “racionalidade urbanística”. “(...) a organização funcionalista, privilegiando o progresso (o tempo), faz esquecer a sua condição de possibilidade, o próprio espaço, que passa a ser o não-pensado de uma tecnologia científica e política”. Certeau (1994, p.173). O cotidiano da cidade se apresenta para o idoso como um espaço marcado pelo risco, o planejamento urbano, em sua generalidade, é pensado de maneira funcional pelos seus implementadores. Mas, apesar de todos os riscos expressos pela urbanidade, as sensibilidades senescentes construídas nessa urbanidade são astuciosas, os sujeitos idosos se (re)apropriam dos espaços e a revestem de outros significados, fazem dos espaços lugar de encontros, de passagem cotidiana, de vivências.

Muitos dos idosos entrevistados no Centro de Convivência relataram seu gosto pela circulação na cidade, o encontro nas praças do centro da cidade (Calçadão, Praça da Bandeira), principalmente para os homens, é uma prática frequente, prática possibilitadora de vivências autônomas. A vivência da velhice na cidade é marcada por meio de astúcias e artimanhas que se corporificam dentro das formas de socia(bi)lidades urbanas, as tramas históricas ganham outros significados e são (re)apropriadas pelos sujeitos de maneiras múltiplas. A maioria dos homens idosos entrevistados não se acostuma a ficar o dia inteiro em casa, portanto esses homens saem para o Centro de Convivência durante as manhãs e quando,

<sup>8</sup> Entrevista concedida a autora no dia 15 de Outubro de 2009 na Praça do Trabalho em Campina Grande.

por algum motivo, se ausentam das participações diárias, geralmente vão para o centro da cidade, encontrar alguns amigos no Calçadão e na Praça da Bandeira, conforme nos relata o Senhor Bartolomeu<sup>9</sup>:

Quando eu não venho pra'qui [referência ao Centro de Convivência] distribuo simpatia no Calçadão, é bom porque desopila da vida, descarrega as angústias, esquece os problemas, a gente fica compartilhando com os outros. [...] Olhe, eu saio muito, eu me sento pra almoçar peço uma cerveja e tomo bem devagar pra ganhar tempo.

As representações urbanas construídas pelas falas e vivências dos idosos entrevistados demarcam uma nova sensibilidade de pertencimento à cidade. Essas representações perpassam a ideia de cidade enquanto materialidade erigida pelo homem, enquanto obra ou artefato e ganha a dimensão de sensibilidade, através da atribuição de significados ao espaço urbano, conforme explicitou Pesavento (2007, p. 14)

A cidade é objeto da produção de imagens e discursos que se colocam no lugar da materialidade e do social e os representam. Assim, a cidade é um fenômeno que se revela pela percepção de emoções e sentimentos dados pelo viver urbano e também pela expressão de utopias, de esperanças, de desejos e medos, individuais e coletivos, que esse habitar em proximidade propicia.

Essas novas formas de representação dos espaços, construídas pelos sujeitos idosos entrevistados, estão articuladas com a experiência vivenciada por eles a partir do Centro de Convivência. As experiências dos idosos com relação ao Centro de Convivência possibilitam a construção de uma dimensão de sensibilidade relacionada ao espaço cidade, os idosos que frequentam o Centro de Convivência tipificam uma representação de pertença ao espaço cidade no presente, suas lembranças não cristalizam a imagem do passado com uma visão nostálgica, suas construções do passado sucumbem à dimensão atingida pelo sentimento de pertença ao tempo presente, às vivências cotidianas. A fala da senhora Margarida<sup>8</sup> discutida anteriormente pode ser tomada enquanto uma proposição indicativa dessa construção de sensibilidade cidadina, ao trazer em seu discurso a associação do Centro de Convivência, espaço urbano, à suavidade encontrada em um espaço rural, o Sítio. O olhar lançado sobre a cidade ganha um contorno mais sensível, tomado pela emoção do presente, pelos detalhes do viver o tempo agora.

<sup>9</sup> Entrevista concedida a autora no dia 23 de Agosto de 2007 no Centro de Convivência de Campina Grande.

As imediações do Centro de Convivência expressam uma espacialidade simbólica, discursiva, permeada de subjetividades constituídas nas tramas cotidianas dos sujeitos participantes que se recriam e são recriados pelos espaços, pelas relações travadas em meio a rede de apoio social consubstanciada em microrredes formadas através de um conjunto de vínculos interpessoais que acontecem nas práticas de socia(bi)lidades. O universo político, cultural, simbólico que tem na ambiência do Centro de Convivência a construção das identidades corpóreas, senescentes, as subjetividades e as relações de um grupo que se une nas práticas de sociabilidades partilhadas, é um espaço que serve de aporte para se pensar a incidência das políticas públicas destinadas aos idosos, refletir e problematizar os discursos que recaem sobre o processo de envelhecer na nossa sociedade contemporânea e a consequente delimitação e construção de identidades etárias que se apóiam em um ideal de felicidade pautado nos sentimentos de jovialidade e festividade.

A mesma senhora que fez a comparação do Sítio enquanto um lugar de desejo, com o Centro de Convivência revela as significações que esse traduz na sua vida cotidiana, pois ela é uma das frequentadoras assíduas. Senhora de 78 anos, participante há 07 anos. Ela começou a frequentar depois do falecimento de uma irmã, por indicação de uma vizinha que insistia para que ela frequentasse, “ela me trouxe pra’qui e não quero sair mais nunca, minha alegria voltou [...] tudo é bom, tudo é de graça”<sup>8</sup> diz ela relatando que ficara muito triste e isolada após o falecimento da irmã e que a participação no Centro trouxe a alegria de volta.

Ela Foi casada, teve 14 filhos, mas hoje mora sozinha, ou como ela diz: “Moro com Deus, duas cachorras, meus passarinhos, minhas bonecas e o povão da rua [...] arranjei minhas meninas: as bonecas [...] é bom morar sozinha”. As suas bonecas são as melhores companhias, diz ela, pois não dão muito trabalho, tem uma coleção de bonecas, as quais são tratadas com muito afeto, são 78 bonecas que ganhara e comprara ao longo da vida e que faz questão de enfatizar que cuida muito bem delas, lavando-as na hora do banho e trocando-as sempre, assim é que elas são tratadas com muito carinho. Quando perguntada sobre suas lembranças do passado, diz não querer lembrar:

Não gosto de me lembrar da infância, nem de eu casada, foi um momento de muita dureza, pobreza, miséria [...] eu botava 2 filhos na escola pra ensinar aos outros quando chegavam [...] Eu era muito pobre, minha irmã me chamava de esmole, porque era a mais pobre da família.<sup>8</sup>

Ao falar sobre o passado seus olhos se enchem de lágrimas, a tristeza tomou conta daquele instante de recordação. Mas sua felicidade reaparece quando é perguntada sobre o presente, sobre sua vivência cotidiana no Centro de Convivência,

Não me sinto velha, to com 78 anos e me considero uma criança de 5 anos [...] Melhor fase da minha vida é agora, depois da velhice tenho liberdade [...] me chamam de doida, diz que eu bebi, não vou me fechar por causa dessa gente ignorante.<sup>8</sup>

A senhora Margarida<sup>8</sup> é reconhecida entre seus colegas por ser muito extrovertida e pela agitação corporal constante, ela é muito inquieta e não gosta de ficar parada, o tempo todo está se movimentando, dançando, “Gosto de dançar e fazer física, gosto de me agarrar com o povão”. Nesse dia a conversa fluiu na Praça, por motivos técnicos o ônibus não levou os idosos para o Centro de Convivência, todos estavam à espera quando a coordenadora avisou. Ao ouvir a notícia, rapidamente a decepção se espalhou no rosto da senhora Margarida<sup>8</sup>, porque ela não gosta de ficar em casa, ao receber a notícia começou a arregimentar outras possibilidades de lazer, combinou com outra senhora e saíram para outro lugar “Agora vou pensar pra onde ir, não vai ter hoje dia no Centro, acho que vou pra Esperança, tenho parentes lá.”

O Centro de Convivência, território pulsante de sensibilidades múltiplas, ambiente marcado por subjetividades que se constituem nas práticas de sociabilidades, nas relações cotidianas vivenciadas pelos participantes dentro do universo cultural e simbólico, atualmente computa um total de 321 idosos cadastrados, sendo 228 mulheres e 93 homens<sup>10</sup>, e conta com uma equipe multidisciplinar composta por 17 pessoas que trabalham diariamente para execução das tarefas destinadas aos participantes. O Centro fica a cargo da prefeitura municipal da cidade, responsável pelos funcionários, transportes, alimentação, atividades extras, enfim, pelo funcionamento do espaço.

A Prefeitura Municipal de Campina Grande, através da Secretaria Municipal de Assistência Social (SEMAS) tem como uma de suas principais responsabilidades planejar, coordenar e executar as políticas públicas de assistência social dirigidas às pessoas idosas que estão em situação de vulnerabilidade e/ou desvantagem econômica. A responsabilidade da execução do programa Conviver é destinada à gerência do idoso que fiscaliza com base nas

<sup>10</sup> Esses dados foram atualizados no dia 20 de Março de 2009.

diretrizes do poder público municipal e dentro dos objetivos da Política Nacional do Idoso, Lei 8.842/94. Não há pré-requisito para os idosos participarem, “basta querer” diz a coordenadora do centro. Os idosos participantes têm idade variável entre 50 e 90 anos e participam das várias atividades.

As práticas cotidianas pensadas e executas pelos funcionários do Centro de Convivência ganham incidência enquanto reflexo das políticas públicas estabelecidas em linhas gerais pelos formuladores, com interesses políticos empreendidos na formulação das mesmas, uma vez que, as intencionalidades que protagonizam as políticas públicas investem em uma imagética de universalização das identidades etárias, de homogeneização de determinados padrões comportamentais. Não obstante, haja toda uma tentativa de institucionalização presente nos espaços do Centro de Convivência, com vistas a uma melhor organização e sistematização, os deslocamentos, as (re)significações e as fugas também são produzidas no/pelo cotidiano dos idosos que frequentam cotidianamente.

Esses “usuários” (Certeau, 2004) não são pensados em termos de sujeição, mas inseridos em um processo de subjetivação onde jogam com os mecanismos da disciplina através da multiplicidade de táticas articuladas sobre os “detalhes” do cotidiano, compondo assim uma rede de “antidisciplina”. Nesse contexto, Certeau (1994, p.45) propõe pensar os indivíduos como produtores da cultura através de suas práticas cotidianas, as quais são práticas politizadas “As táticas do consumo, engenhosidades do fraco para tirar partido do forte, vão desembocar então em uma politização das práticas cotidianas.” Desse modo podemos tecer uma articulação entre os idosos participantes e os usuários analisados por Certeau (1994) no tocante às práticas inventivas que ocorrem no universo cotidiano do Centro de Convivência, onde os participantes recriam o cenário com as subjetividades que são (re)apropriadas, a partir de suas histórias, suas práticas, seus corpos e gestos.

Inspirados nas práticas de socia(bi)lidades cotidianas muitos idosos recriam as relações interpessoais e os espaços do Centro de Convivência. O Centro de Convivência é uma grande casa composta de vários espaços físicos e um enorme jardim com piscina, embora no momento a piscina esteja desativada, existe um projeto para sua revitalização. Dentre esses espaços encontra-se um salão onde são realizadas as atividades de educação física, as aulas de dança, as palestras, os momentos de oração entre outras atividades. Ao lado do salão há um espaço destinado às atividades escolares, com vistas à alfabetização dos idosos; há ainda a sala da fisioterapeuta, o consultório médico, a sala de artesanatos, a sala de reuniões, a

cozinha e um espaço onde funciona um refeitório. Esses espaços são ocupados pelos idosos de diversas maneiras, muitos utilizam o refeitório quando esse não está sendo usado para as refeições, para vender artefatos, calçados, lanches, usam também para conversar, cantar e tocar, bem como para jogar cartas. Outros idosos usam o espaço da escola quando não estão em horários de aula, para conversar e jogar, enfim, os espaços ganham novas funcionalidades através das (re)significações que são feitas de acordo com os interesses momentâneos dos idosos.



**FIGURA 2** Idosos jogando cartas



**FIGURA 3** Venda de lanches pelos idosos



**FIGURA 4** Espaço escolar



**FIGURA 5** Venda de calçados pelos idosos



**FIGURA 6** Jardim

As figuras acima são imagens dos espaços do Centro de Convivência e dos múltiplos usos e suas (re)significações, cartografias da cotidianidade reveladas por gestos, práticas,

símbolos. A figura 2 retrata um dos momentos em que os idosos estão jogando cartas no Centro de Convivência. A figura 3 traduz a venda de lanches no refeitório do Centro de Convivência e o uso desse espaço pelos idosos em um momento de descontração, de conversas. A figura 4 é reveladora do espaço escolar do Centro de Convivência. A figura 5 traz a imagem da venda de calçados no refeitório do Centro de Convivência, o mesmo espaço que serviu em outro momento para a venda de lanches e para as conversas entre os idosos, serviu também para a venda de calçados. Por último, a figura 6 aborda os arredores do Centro de Convivência, o jardim.

Os idosos participantes (re)significam os espaços do Centro de Convivência por vias de suas astúcias, deixando vir à tona suas intencionalidades. Suas motivações não são cercadas, há uma liberdade nas relações dos idosos com o espaço institucional, não há uma imposição por parte da coordenação que impeça os idosos de expressarem seus desejos e suas motivações, nem tampouco com relação a uma exigência institucional que obrigue os idosos a participarem diariamente, uma idosa fala sobre essa questão, a não obrigatoriedade de ir ao Centro, “eu tenho a liberdade de ir a qualquer momento e também de não ir, faz dois meses que não ia por que tive uns problemas<sup>11</sup>”.

“Aqui é melhor do que a Feira da Prata<sup>12</sup>”, relato de uma idosa demonstrando o quanto gosta de participar do Centro de Convivência, ao comparar o estar no Centro de Convivência com a Feira na Prata, sendo aquele o espaço eleito como o preferido, devido ao amálgama de possibilidades. Freqüentadora há 4 anos, a senhora Rita<sup>12</sup> tem 72 anos, é viúva, mora com um neto e começou a frequentar depois que perdeu 2 filhos. As conversas com essa senhora eram difíceis de serem conseguidas e quando conseguidas eram rápidas, ocorridas sempre nos intervalos entre a venda de lanches, porque ela comercializava, vendia cafés, chás, bolachas, tapiocas, bolos entre outras comidas. Seu pequeno comércio é montado todos os dias na cantina do Centro de Convivência, as comidas são retiradas das sacolas e em poucos instantes se forma seu ponto de vendas. O Centro de Convivência oferece um lanche aos idosos, antes da saída, mas muitos gostam de tomar um café quando chegam, e procuram a senhora Rita.<sup>12</sup> A sua participação no Centro de Convivência preferencialmente se restringe a poucas

---

<sup>11</sup> Fala expressa pela senhora Maria Jesus no dia 15 de Outubro de 2009 na Praça do Trabalho antes de ir ao Centro de Convivência.

<sup>12</sup> A inauguração da feira da Prata foi no dia anterior a essa entrevista, foi um evento muito festejado pelas pessoas que vivenciam aquele ambiente, sejam como vendedores sejam como consumidores. A senhora que fez a comparação relatou que participou dessa inauguração e ficou maravilhada com a reconstrução do espaço e com os festejos. Esta entrevista foi concedida a autora no dia 15 de Outubro de 2009.

atividades, participa das orações, das palestras, e às vezes ela joga cartas, diz que não gosta de dançar como a maioria dos idosos gosta,

Eu conheço meu lugar, não dancei quando era nova, vou dançar agora?! [...] mostrar as carnes só pra quem é novo, porque as pelancas ficam penduradas, não é nem bonito né!?![...] eu gosto de tudo no Centro, só não danço, eu gosto mesmo é de vender minhas coisinhas, bolo, coxinha, café, tapioca (...)<sup>12</sup>

Seu jeito de vestir é bem mais tradicional que as outras idosas, ela é muito recatada nas participações em atividades desenvolvidas no/pelo Centro de Convivência, preponderavelmente ela fica as manhãs inteiras na cantina, vendendo comidas, e observando as práticas de sociabilidades, observando a construção das relações nos espaços, como é o caso de observações que ela fez e relatou. De acordo com as observações da senhora Rita<sup>12</sup>, há um grupo de mulheres que vem ao Centro de Convivência apenas para comer na hora que o lanche é servido pela equipe do Centro de Convivência. São mulheres que não são consideradas idosas pelos outros participantes, também não são cadastradas e ficam isoladas em um grupo à espera do lanche e, de acordo com o relato da senhora Rita<sup>12</sup>, um dos senhores participantes sempre paga alguma comida para elas, de forma bem discreta. As fofocas acontecem nos espaços, de forma tímida alguns participantes comentam situações sub-reptícias, as quais são praticadas por outros participantes e são reveladas, portanto, por meio de cochichos.

Os sentimentos de velhice são vivenciados de forma multifacetada pelos idosos entrevistados, há várias nuances que contribuem para delimitar as subjetividades senescentes construídas nas (re)significações que são feitas nos espaços. As imagens de velhice que perpassam o Centro de Convivência congregam vários olhares, o olhar dos próprios idosos, que ora subjetivam os discursos sobre velhice presentes no universo do Centro de Convivência, ora (re)significam esses discursos a partir de suas experiências de vida, provocando descontinuidades no projeto pensado pelos formuladores das políticas públicas; o olhar do “outro”, o “outro” institucional, os organizadores e colaboradores, que têm se apresentado enquanto incentivadores de uma velhice bem sucedida, os quais investem em um modelo a ser aplicado de forma homogênea para os idosos.

A proposta política destinada a moldar certos padrões de comportamento se faz destacável nesses espaços que se transformam em verdadeiras arenas de gestão e

reprivatização da velhice, em que o Estado indiretamente se faz presente atuando nas diversas práticas culturais presentes no Centro de Convivência; espaço que possibilita a construção das identidades etárias articuladas pelas linguagens corporais, pelas peripécias, pelos deslocamentos presentes nas práticas de socia(bi)lidades que acontecem no universo do cotidiano do Centro.

No viés possibilitado pela abertura da história política em novas perspectivas de análise, em novos campos de atuação do político em cada prática cultural, se delineiam, portanto as construções das identidades senescentes num território que é político, cultural, que tem tido uma visibilidade e dizibilidade cada vez mais densa na nossa sociedade devido às novas maneiras de se pensar a velhice enquanto uma categoria social. O reaparecimento da história política em novos moldes dentro da historiografia vem contribuir para se pensar vários aspectos políticos envolvidos na conjuntura cultural das relações de poder que são desenvolvidas pelos agentes que propõem novas formas de compreensão do envelhecimento e na recepção desses dispositivos institucionais pelos idosos.

De acordo com Barros (2006) as noções de linguagem, representações e práticas se acoplam habitualmente ao universo da História Cultural que tende a se interessar simultaneamente pelos sujeitos produtores e receptores de cultura. Dentro desse âmbito historiográfico destaca-se a história política que experimenta uma espantosa volta de forma a envolver várias relações na sua esfera de análise. Segundo Remond (1996 p. 29-30):

(...) a renovação da história política foi grandemente estimulada pelo contato com outras ciências sociais e pelas trocas com outras disciplinas. [...] A ciência política, conjugando seus efeitos com a sociologia, obrigou o historiador a formular perguntas que renovam as perspectivas (...)

As leituras da história política assumem novos caminhos a partir do viés que pode ser seguido com a contribuição filosófica e pragmática dada por Foucault. A começar pelas dicotomias que perdem suas configurações governo/governados, opressor/oprimido, e cedem espaço para uma nova configuração onde inexiste um único sujeito que delimite o poder; as relações de poder passam a ser vistas, nessa ótica, nas suas múltiplas formas de atuar na sociedade, difundidas no interior do corpo social. Para Foucault (2008) o Estado é entendido como uma agência de poder dentre várias outras, um dentre vários eixos de ligação entre o múltiplo e o singular, explicação que se fundamenta no conceito de biopolítica que se

caracteriza enquanto fenômeno que assume a forma de exercício cotidiano de um poder estatal.

Destacável, portanto, se faz a contribuição de Foucault para a percepção dos jogos de interesses presentes nas teias do poder; um dos aspectos que merecem ser ressaltados dentre vários a partir da contribuição de Foucault é a concepção da anatomia do poder, ou seja, a forma como esse autor vai trabalhar o poder nas suas múltiplas faces, o poder permeando todas as relações sociais, assim afirma Gouvêa (1998, p. 2) sobre Foucault:

Para ele, não se trata mais de fazer uma análise do Estado e de 'seus aparelhos'. Muito pelo contrário, adere-se a uma percepção do poder enquanto uma estratégia que faz com que o Estado se desmantele, abolindo definitivamente a idéia de um centro que fosse capaz de coordenar ou tecer sozinho a malha do poder que se abateria sobre a sociedade.

Essa concepção de poder relacional transporta o poder, que é visto enquanto exercício, para todo o social e, portanto, pensar o político nesses termos é não perder de vista os diversos domínios de atuação do campo político que são representados nas práticas cotidianas. As categorias de idade são construções culturais, a manipulação dessas categorias envolve uma verdadeira luta política onde se coloca em jogo os poderes ligados a grupos sociais distintos, poderes que tendem a construir determinadas identidades, sedimentar subjetividades que respaldem as intencionalidades de quem as protagonizam. Mas o poder é circular, de acordo com Foucault ele só existe nas relações entre os corpos, advindo assim dessa concepção as possibilidades de (re)significação de identidades, de (re)apropriação das práticas que são impostas. Os idosos participantes do Centro de Convivência travam um embate com os discursos e práticas circulantes a partir de suas experiências de vida, dando um contorno às relações de poder hierarquizadas.

## 2.1. PRÁTICAS DE ESPAÇO NAS CARTOGRAFIAS DO CENTRO DE CONVIVÊNCIA: LINGUAGENS MÚLTIPLAS ENTRE NORMAS E DESLOCAMENTOS

Os corpos que transitam pelas espacialidades do Centro de Convivência demarcam inúmeras subjetividades as quais são sentidas de forma bastante particularizadas, por vias das

experiências de vida que teve cada sujeito. São diversas maneiras de sentir-se homem, sentir-se mulher, velho, jovem, as identidades etárias e de gênero vão se configurando por meio dos gestos, palavras, ações de cada participante que frequenta cotidianamente os espaços do Centro de Convivência. São corpos ávidos pelo *frisson* do movimento, pelo estar junto, pela busca do sentir-se pertencente a um grupo, a um lugar, corpos que partilham sentimentos de liberdade e autonomia frente às práticas de sociabilidades desenvolvidas pelo Centro de Convivência.

Alguns autores defendem que a formação de microgrupos sociais tem se tornado um fenômeno constante na atualidade, de acordo com Maffesoli (2006) esses microgrupos são formações que compartilham os mesmos valores, os mesmos sentimentos e emoções, as quais são denominadas por ele de “comunidades emocionais” - entendendo aqui “comunidade emocional” como uma “categoria” que talvez nem exista no plano real, mas que pode servir como um revelador de situações presentes - e suas constituições permitem uma “estética” comum, a formação de um laço social comum, ou seja, tipificam uma emoção coletiva, uma sensibilidade coletiva que ultrapassa a atomização individual, uma solidariedade orgânica que se expressa em inúmeras formas no meio social, geralmente grupos de iguais.

Ele ainda defende que o “desenvolvimento tribal”, característica que se presentifica no substrato cotidiano, é uma ferramenta de compreensão do mundo contemporâneo. O individualismo tem cedido espaço para o aparecimento de agrupamentos sociais que funcionam sob um clima de ressurgimento do solidarismo e de organicidade e são explicados dentro da tecitura das redes que configuram as relações sociais. Maffesoli (2006 p.5) usa as metáforas de “tribo ou tribalismo” para designar o conjunto complexo das formações desses reagrupamentos:

(...) pretendo insistir no aspecto “coesivo” da partilha sentimental de valores, de lugares ou de ideais que estão, ao mesmo tempo, absolutamente circunscritos (localismo) e que são encontrados, sob diversas modulações, em numerosas experiências sociais.

São reagrupamentos que se formam com frequência e, têm como base o “sentir em comum” através de uma multiplicidade de situações, de experiências, de rituais; são, portanto, as formas encontradas por determinados grupos, para a comunhão de um sentimento coletivo, que possibilita o “estar junto” mesmo que seja à toa, e pode, no entanto, ser adquirido com o desenvolvimento de socia(bi)lidades que se gestam na tentativa de provocar uma fuga da

solidão, do sentimento de isolamento, que são características que se intensificam com a longevidade e o aumento do tempo livre, de acordo com as definições que transitam entre os discursos dos idosos participantes do Centro de Convivência.

Os sujeitos investigados nessa pesquisa, os idosos entrevistados nos espaços do Centro de Convivência se inserem nessa dinâmica dos microgrupos ressaltada por Maffesoli. O estar-junto é um dos principais motivos, além de outras questões que serão relatadas mais adiante, que os fazem permanecer frequentando o Centro de Convivência cotidianamente. Esses sujeitos tendencialmente vivenciam um tempo voltado para o lazer, vivenciam as práticas sociais do tempo livre (DUMAZEDIER, 1994). De acordo com Dumazedier (1994, p.30) as práticas e valores que o tempo livre introduz no cotidiano provocam mudanças na sociedade, ele explicita o que seriam essas práticas do tempo livre:

Seria necessário lembrar a televisão, os passeios de carro, as viagens, bem como as novas práticas do corpo e da afetividade, além de tudo o que é lucrativo ou não, interessado ou desinteressado nas atividades escolhidas fora das obrigações profissionais, familiares e escolares, fora dos compromissos socioespirituais ou sociopolíticos do tempo livre, em resumo tudo o que denominamos *lazer*. [...] este lazer é um tempo de expressão de si mesmo, individualmente ou em grupo.

Esse autor supracitado nos traz uma discussão bem fundamentada sobre o crescimento do tempo liberado em todas as configurações etárias, ao propor que a influência das práticas sociais do tempo livre se faz presente concomitantemente ao conjunto dos outros tempos sociais no curso do ciclo de vida, fenômeno que ele denomina de revolução cultural do tempo livre, produto de uma luta oculta e silenciosa. Ele defende que o tempo livre vem tomando forma nas práticas de lazer, característica que começa a se configurar a partir da década de 1960, com as mutações de valores em todas as etapas da vida; acerca desses aspectos comunga Trípoli (1998, p. 39): “Novos valores são colocados, desde os anos 60 e acentuados principalmente nos anos 80/90: o ‘viver por viver’, ‘aprender a viver o tempo livre’, a aversão à racionalidade do trabalho, o retorno ao cotidiano, às relações familiares.”

Segundo Dumazedier (1994, p.49) o lazer é conceituado da seguinte forma:

O lazer, no fundo, é uma condição para usar o tempo de viver. É a aspiração ao direito de ‘viver por viver’, em interdependência com as normas legítimas do ‘dever-ser’ que a produção das coisas e a solidariedade dos homens impõem. [...] uma função mais freqüente e importante do lazer é uma tentativa de se desligar temporariamente da tutela cotidiana das instituições, organizações, agrupamentos, aos quais se está ligado pelo nascimento, estatuto.

Dumazedier (1994) defende que o tempo livre consubstanciado nas práticas de lazer é vivenciado por todas as faixas etárias em meio aos outros tempos sociais. Esta posição é comungada por Elias (1992), conforme destaca Alves (2004, p. 46):

(...) os espaços de lazer compõem o conjunto de atividades de tempo livre e guardam relações de interdependência com outras esferas da vida social, entre elas o trabalho. Elias recusa-se a tratar o tempo livre como oposto ao trabalho, afirmando que essas atividades de tempo livre também podem implicar trabalho.

Mesmo os indivíduos que fazem parte de um universo que vivencia o tempo escolar, ou seja, um tempo que lhes é imposto, paralelamente eles recriam esse tempo, os alunos não entendem em oposição o tempo escolar com o tempo livre, há uma recriação de uma escola paralela, não formal, identificada com os novos espaços da prática social do tempo livre. Nesse mesmo viés de análise, os indivíduos que vivenciam as práticas sociais do trabalho também não deixam de vivenciar os tempos do não-trabalho, o tempo livre, sejam nas atividades de fins de semana, nos feriados, ou em simplesmente estar diante da televisão. Mas é na velhice, na fase da aposentadoria, que esse tempo livre se faz mais presente nas práticas sociais do lazer, principalmente com a emergência dos grupos de terceira idade.

A invenção da terceira idade traduz novas configurações das experiências de velhice, essas novas configurações começam a se presentificar a partir da emergência das “comunidades de aposentados”. O termo foi originado na França com a criação das *Universités Du Troisième Age* na década de 1970 e tem se popularizado no Brasil, na forma de uma política específica para a velhice. O advento da categoria terceira idade provoca uma profunda inversão de valores, a velhice antes entendida como um momento de decadência física e invalidez, momento de descanso onde imperava a solidão e o isolamento afetivo passa a expressar um momento de lazer, à criação de novos hábitos, de novas habilidades, um investimento na realização pessoal de cada um. Segundo a leitura de Silva (2008b, p. 27)

Uma nova configuração dos modos de gestão da velhice deslocou o *corpo velho* da identificação com a inatividade, a decadência, o enrugamento, a solidão, a dependência, o confinamento, a improdutividade e com a feiúra. A atividade, a sociabilidade, a autonomia, o lazer, os artificios contra os sinais de envelhecimento e os rituais de embelezamento imprimiram aos *corpos velhos* uma imagem de corpos jovens.

De acordo com a citação acima, a modificação nos modos de gestão da velhice trouxe à cena social contornos definidores de novas subjetividades. A vivência da terceira idade é marcada pelas características da jovialidade, os corpos velhos recriam a velhice através de uma imersão nas práticas do tempo livre e estas configurações são demonstradas na pesquisa realizada com os idosos participantes do Centro de Convivência em Campina Grande.

Dentre os entrevistados, a maioria dos idosos anunciou em suas falas sentimentos de não-velhice ao reafirmarem enfaticamente não se sentirem velhos cada vez que eram perguntados. Em momentos de conversas com os idosos a pergunta “Você se sente velho?” frequentemente era respondida similarmente com uma negação, como demonstra as seguintes falas de dois entrevistados: “Parece que eu nasci ontem [...] eu me sinto mais jovem que tempos atrás.”<sup>13</sup> “Sou jovem, não sinto uma dor nenhuma.”<sup>14</sup> Muitos dos entrevistados ao serem perguntados como experienciavam a velhice não hesitavam em negar a velhice, a velhice que se apresentava para eles como algo negativo.

Essas falas revelam o quanto esses idosos assumem discursivamente uma postura de negação da velhice, de uma concepção de velhice entendida enquanto um momento de desengajamento social, de perdas, de inatividade, concepção que comunga com a noção de velhice emergida com os discursos da Geriatria ainda no século XIX. Os discursos sobre a senescência e a identificação do corpo envelhecido vão ser fatores responsáveis pela origem da Geriatria enquanto saber médico que toma o corpo velho como objeto específico de estudo, distinguindo a velhice das outras etapas da vida e definindo-a como momento de decadência física. Os discursos médicos trazem, nesse contexto, uma leitura da velhice pautada no fatalismo fisiológico, ao instituir a imagem de uma velhice passiva, associada a um processo de perdas, marcado pela degeneração física e psicológica, levando, portanto, a uma legitimação do desengajamento social. Esses discursos, além de responsáveis pela definição do envelhecimento físico, não deixaram de exercer uma forte influência social nas representações sobre a experiência de envelhecer.

Ser velho, sem sentir-se velho, demonstrar ter o “espírito de jovem”, usando aqui as palavras de um dos entrevistados quando perguntado se sentia-se velho, diz ele “eu me sinto igual a você, só quando me olho no espelho é que vejo que não sou mais jovem, mas, eu tenho

---

<sup>13</sup> Entrevista concedida a autora pelo senhor Marcondes no dia 13 de Março de 2009.

<sup>14</sup> Entrevista concedida a autora pelo senhor Ronildo no dia 13 de Março de 2009.

espírito de jovem”<sup>15</sup>, são colocações que refletem uma concepção de velhice sustentada e reafirmada pelos moldes de juventude, de jovialidade, são concepções trazidas a partir de um ideário construído pelos programas de terceira idade - sentimentos de velhice que expressam juventude.

Esse ideário de juventude que ronda as imediações do Centro de Convivência penetra os corpos nas suas relações cotidianas, ao envolver e definir as subjetividades dos participantes desde os poucos momentos que antecedem a chegada até a saída deles dos espaços do Centro de Convivência. O trajeto feito da Praça do Trabalho até o Centro de Convivência é comemorado como uma atividade festiva, dentro do ônibus os idosos se cumprimentam com abraços, cantam alto as cantigas que embalaram suas mocidades, dançam, conversam alto sobre o cotidiano. Poucos idosos ficam recolhidos quietos em seus lugares e aqueles que ficam sentem-se felizes em observar a alegria dos outros idosos.

O senhor Amarildo<sup>16</sup> é um deles, mesmo sendo bastante recatado, não deixou de notar a atração que o clima de festividade no ônibus exercia: “Tá vendo, olhe só! essa ida e volta no ônibus já é uma grande atração, não tem como não gostar”<sup>16</sup>. Esse senhor tem 82 anos, participa do Centro de Convivência há 7 anos, começou a participar depois que a mulher morreu; ele relatou que adora participar desses grupos de terceira idade principalmente pela atração que eles exercem, pela festividade. Atualmente diz estar participando de mais dois grupos de terceira idade de bairros, da associação dos aposentados e dos alcoólicos anônimos. Ele mora com dois filhos e um neto, mas passa grande parte do dia fora de casa, todas as manhãs no Centro de Convivência, e às tardes nas reuniões dos outros grupos que participa. A principal atividade que ele participa no Centro de Convivência é a dança,

Eu gosto muito de dançar, o que eu não gosto mesmo é dos homens enxeridos que .em lá. tem homens que depois de dançar ficam abraçados com as mulheres, principalmente um que só vive entre as mulheres, dá até abuso!<sup>16</sup>

Os sentimentos de velhice que constroem as identidades senescentes em grupos de terceira idade partilham um ideal de juventude. Sentir-se velho não é um sentimento que faz parte do universo sensitivo da maioria dos entrevistados no Centro de Convivência. As

<sup>15</sup> Fala expressa pelo senhor Joaquim no dia 26 de Março de 2007.

<sup>16</sup> Entrevista concedida a autora no dia 15 de Outubro de 2009.

práticas de sociabilidades, precipuamente, refletem essa compreensão do envelhecimento em moldes festivos.

Os grupos de terceira idade trazem uma proposta de preenchimento das lacunas sociais provocadas pela experiência do envelhecimento na nossa sociedade contemporânea, marcada pela exclusão social, e essa proposta é pensada em termos de práticas de sociabilidades com ênfase no lazer. Muitas das práticas de socia(bi)lidades vivenciadas pelos idosos participantes imprimem características marcantes na construção de subjetividades senescentes investidas de sensibilidades joviais. O festival da garota primavera é uma dessas práticas que traduz e imprime determinadas sensibilidades marcadas pela vivência da velhice enquanto uma não-velhice, um momento de (re)significação nostálgica da juventude não vivida; esse festival acontece uma vez por ano, é caracterizado por um desfile feito pelas idosas do grupo que desfilam com roupas bastante coloridas e são escolhidas como “a garota primavera” do ano por meio de votação dos jurados, que consideram na sua votação a simpatia, as vestimentas e a postura.

A formação de grupos de danças sejam essas quadrilhas, dança do arco, entre outras, marcam as práticas de socia(bi)lidades que ocorrem frequentemente no espaço do Centro de Convivência e são responsáveis pela maior participação dos idosos. As atividades festivas ganham o contorno de sustentáculos para a permanência dos idosos, pois a espera por momentos festivos, comemorativos, provoca grande ansiedade nos participantes e conta com a presença exclusiva de todos os cadastrados. Um dos senhores entrevistados ressalta, em uma das entrevistas, o papel que as danças exercem em sua vida, principalmente em aumentar a auto-estima. O prazer provocado pela dança é um dos principais motivos que o faz frequentar cotidianamente o Centro de Convivência, acrescenta ele sobre esse espaço: “aqui é uma terapia [...] sou aposentado, mas não morto”.<sup>17</sup>

Podemos tomar essa fala supracitada como corolário de uma representação de aposentadoria calcada em um modelo de velhice construído sob aspectos tradicionais enraizados no imaginário coletivo. Concepção marcada pelo desengajamento, pelas perdas físicas e sociais, encontrada na ideia de velhice associada a uma etapa que precede a morte e a aposentadoria institucionalizada enquanto processo que marca a retirada do trabalho assalariado e a última etapa da vida. Todavia, essa construção imagética da aposentadoria

---

<sup>17</sup> Entrevista concedida a autora pelo senhor Marcelo dia 13 de Março de 2009.

assentada em um ideário marcado por perdas, está cedendo espaço para novas imagens mais positivas da velhice, novas identidades, construídas a partir da subjetivação das novas possibilidades de vivenciar a velhice e o envelhecimento sob o signo da terceira idade, conforme ressalta Simões (2004, p.25-26):

A aposentadoria tem deixado de ser a marca de entrada na velhice, o período de recolhimento e descanso do idoso debilitado e dependente, para se tornar uma etapa privilegiada de lazer, de novos aprendizados e de realização dos sonhos que tinham sido postos de lado em virtude das exigências e compromissos da vida adulta. Expressões como 'terceira idade' ou 'melhor idade' traduzem a produção contemporânea de imagens mais positivas da maturidade e do envelhecimento, associadas em grande parte às possibilidades de converter a aposentadoria num 'platô infinitamente extenso de consumo ativo e agradável'".

É destacável a maior participação do público feminino nessas formas de socia(bi)lidades oferecidas pelos grupos de terceira idade, os homens se mostram mais reservados e indiferentes. Conforme ressaltado anteriormente, o número de mulheres participantes é quase três vezes maior que o de homens, as mulheres sentem-se menos resistentes para a inserção em grupos de terceira idade, resistência que ainda é encontrada nos discursos de muitos homens; esses preferem procurar outras iniciativas de atividade ao se aposentarem. As mulheres vivenciam nesses espaços de grupos de terceira idade uma adolescência tardia, são mulheres que tiveram uma educação muito rígida, não tiveram uma vida pública, casaram muito cedo e dedicaram toda sua vida à família e ao lar. Seus desejos são vivificados dentro das relações de sociabilidades constituídas no Centro.

A procura por um parceiro- dentre aquelas que ficaram viúvas, que nunca casaram, ou são separadas-, a busca por amizades, por estar-junto, vivenciar valores em comum, sentir-se pertencente a microgrupos que se convertem em mecanismos de identificação simbólicos, são desejos latentes expressados pelas participantes. Uma das entrevistadas fala sobre a liberdade que sente nessa fase da vida, o que não foi possível na juventude pela vida de trabalho intenso que tivera (...) tô colhendo o que perdi há 20 anos, pois trabalhei na roça [...] sinto falta de ter estudado cedo".<sup>18</sup>

Guita Debert (2004) questiona a criação dos grupos de terceira idade, principalmente no tocante a ênfase destes na velhice ativa enquanto ideal a ser seguido como solução para uma velhice bem sucedida. Ela mostra que "esses espaços são arenas privilegiadas para a

<sup>18</sup> Entrevista concedida pela senhora Dalva a autora no dia 13 de Março de 2009.

negação da velhice”. Mas ao mesmo tempo mostra que há uma proliferação dos programas no Brasil, e sua contribuição. “Estes programas, encorajando a busca da auto-expressão e a exploração de identidades de um modo que era exclusivo da juventude, abrem espaços para que uma experiência inovadora possa ser vivida coletivamente e indicam que a sociedade brasileira é hoje mais sensível aos problemas do envelhecimento.” (DEBERT, 2004, p.15)

Conforme já salientou Maffesoli (1998) essa junção de pessoas que se forma com interesses comuns é uma característica que vem se tornando comum em nossa sociedade, para ele “o indivíduo não pode viver isolado, ele está ligado, pela cultura, pela comunicação, pelo lazer e pela moda, a uma comunidade” (p.140). Ele ainda atenta para a falta de objetivo das relações de amizade construídas, são redes que se formam sem um projeto específico, “a religião é vivida por ela mesma”, seria, portanto, uma sensibilidade mística que fundamentaria a perdurância das relações e essas por sua vez são encaradas a partir da ideia de sacralidade, que se expressaria dentro das realidades cotidianas, na partilha dos gestos rotineiros e que teriam sua fundamental importância no “estar-junto que é um dado fundamental [...] ele consiste nessa espontaneidade vital que assegura a uma cultura sua força e sua solidez específicas” (MAFFESOLI, 1998, p. 140)

Esses sujeitos sociais que partilham o estar-junto nas espacialidades do Centro de Convivência produzem significações ao se (re)apropriarem do cotidiano, de seu espaço sócio-temporal com suas astúcias e táticas, com suas práticas inventivas e (re)criam as tarefas cotidianas, não somente nas práticas de socia(bi)lidades e de solidariedade, mas contudo, através de gestos que residem no silêncio, no não-dito (CERTEAU, 1994). São tecidas cotidianamente, portanto, tentativas agenciadas por esses grupos que se formam “em tribos”, com sua lógica comunicacional e interativa, para desmistificar os discursos que prezam de forma atávica o individualismo.

## 2.2. (RE)APROPRIAÇÕES DOS ESPAÇOS NAS PRÁTICAS DE SOCIABILIDADES

Os sentimentos de euforia e contentamento marcam a chegada dos idosos no Centro de Convivência, a fala de uma senhora participante revela as dimensões significativas representadas pelo Centro de Convivência em sua vida, ao enfatizar a assiduidade cotidiana,

tanto física quanto simbólica: “eu só não venho pra’qui quando não posso, mesmo assim meu espírito vem, o corpo fica, mas o espírito vem.”<sup>8</sup> Ao descerem do ônibus os idosos direcionam-se à sala de recepção, esse momento inicial é o momento das orações, dos avisos e da recepção dos novos participantes, ao término deste “ritual” seguem-se as atividades.

A execução das atividades planejadas institucionalmente acontece diariamente e são organizadas e distribuídas em alguns dias da semana. Elas são propostas de forma a pensar os aspectos físico, social e psicológico do sujeito idoso, são, no entanto, os exercícios físicos, a fisioterapia, as atividades pedagógicas destinadas à alfabetização na terceira idade, o atendimento psicológico, o atendimento geriátrico, os trabalhos de artes e as atividades que envolvem o Serviço Social: palestras, dinâmicas de grupo, danças e as comemorações festivas nos feriados. As atividades propostas pela equipe institucional são destinadas a todos os idosos, contudo, a participação se restringe às escolhas individuais. Os sujeitos idosos escolhem dentre as que mais gostam, não há uma imposição que os obriguem a participar de todas; a afinidade, portanto, é o fator que define as participações, as relações dentro das espacialidades do Centro de Convivência são reguladas pela liberdade e autonomia.

A não-participação em determinadas atividades faz parte das escolhas de alguns idosos, os quais escolhem aquelas que mais lhes agradam dentre o rol de atividades formuladas pela equipe institucional, e ainda é detectável que esses sujeitos participantes astuciosamente criam outras atividades que dão suporte as suas intencionalidades, aos seus desejos, eles (re)criam formas de se articularem nos espaços do Centro de Convivência, é o que podemos chamar das “maneiras de fazer” cotidianas (CERTEAU, 1994), tão presentes nos detalhes dos deslocamentos produzidos por esses sujeitos, o cotidiano é (re)inventado, “O cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada”. Certeau (1994, p.38)

A produção de sentidos no Centro de Convivência é subjetivada e simbolizada a partir da ação tecida conjuntamente pelos idosos nas práticas de socia(bi)lidades. Ao pensar sobre os conceitos de sociabilidades e socialidades nos remetemos a Maffesoli (2006), que parte de uma visão fenomenológica do social e nessa perspectiva define socialidade como um fenômeno que marca a atmosfera das sociedades contemporâneas, principalmente os agrupamentos urbanos, o ressurgimento das novas tribos:

**Não podemos deixar de assinalar a eflorescência e a efervescência do neotribalismo que, sob as mais diversas formas, recusa reconhecer-se em qualquer projeto político,**

não se inscreve em nenhuma finalidade e tem como única razão de ser a preocupação com um presente vivido coletivamente. (Maffesoli, 2006, p.130)

Seria nessa perspectiva hedonista e “tribal” trazida na citação supracitada que o conceito de socialidade se aplicaria às relações na contemporaneidade, precipuamente, ao instituir um investimento no instante vivido, nos momentos não institucionais e nas relações banais do cotidiano em contraposição ao que reza o conceito de sociabilidade. Ainda de acordo com Maffesoli (2006) a sociabilidade é caracterizada pelas relações institucionalizadas, formais; são formas de interações sociais com fim nelas mesmas. “De um lado está o social, que tem uma consistência própria, uma estratégia e uma finalidade. Do outro, a massa em que se cristalizam as agregações de toda ordem, tênues, efêmeras, de contornos indefinidos.” (MAFFESOLI, 2006, p.127)

As idcias defendidas por Maffesoli (1996) no tocante a essa discussão de sociabilidade se aproximam das ideias de Simmel (1983, p. 169) que define a sociabilidade como uma “forma lúdica de associação”; ao citar esse autor, Alves (2004, p. 41) em um estudo antropológico sobre envelhecimento discute a criação de mundo artificial pela sociabilidade:

A sociabilidade cria um mundo artificial, isto é, todos os materiais que compõem a vida social estão ali presentes – ‘o desejo de sobrepujar, de trocar, a formação de partidos, o desejo de arrancar alguma coisa do outro, os azares de encontros e separações acidentais, a mutação entre inimizade e cooperação, o domínio por meio de artificios e a revanche’ (Simmel, 1983:174) -, só que de forma “estilizada” e “reservada.”

Quando elementos não-institucionais passam a guiar as relações, a sociabilidade cede espaço para o surgimento da socialidade, que se fundamenta pelas relações que não têm fim em si mesmas, que não se orientam por certa finalidade ou racionalidade, mas, apresentam uma dimensão sensível. Para Maffesoli (2006) as práticas cotidianas que escapam de um controle rígido, que não sucumbem aos imperativos institucionais marcam a dinâmica social contemporânea, são as chamadas práticas de socialidades, fenômeno marcado pela lógica comunicacional, do estar-junto, das relações tácteis, da efervescência grupal. “O fato de partilhar um hábito, uma ideologia, um ideal determina o estar-junto, e permite que este seja uma proteção contra a imposição, venha ela do lado que vier.” (p.159).

A incidência dessas práticas de socialidades discutidas por Maffesoli (2006) marca as subjetividades contemporâneas, principalmente com a possibilidade de abandono da

imposição da normatividade disciplinar pensada e construída pela modernidade e que cada vez mais cede espaço para as escolhas individuais, para a manifestação dos desejos subjetivos pensados numa lógica da “pós-modernidade”. Porém, não podemos falar em um fim do universo disciplinar na nossa sociedade, mas de uma (re)significação, de um rearranjo dos mecanismos de controle. De acordo com Lipovetsky (2004, p. 20) “Os mecanismos de controle não sumiram; eles só se adaptaram, tornando-se menos reguladores, abandonando a imposição em favor da comunicação”.

A Modernidade, ao mesmo tempo que multiplicou a possibilidade das relações sociais, esvaziou-as, em parte, de todo conteúdo real. Essa foi, em particular, uma característica das metrópoles modernas. E sabemos que esse processo não contribuiu pouco para a solidão gregária sobre a qual tanto se tem falado. A Pós-modernidade tende a favorecer, nas megalópoles contemporâneas, ao mesmo tempo recolhimento no próprio grupo e um aprofundamento das relações no interior desses grupos. (Maffesoli, 2006, p.153)

Essa multiplicidade de experiências coletivas baseadas na não institucionalização denominada de práticas de socialidades também faz parte do universo cotidiano do Centro de Convivência. Os sujeitos idosos vivenciam nas atividades institucionais e não-institucionais, ou seja, nas socia(bi)lidades, a possibilidade de produzirem sentido para suas vidas, para a construção de suas identidades. Os encontros diários permitem aos sujeitos idosos (re)criarem meios de interação que fogem à institucionalização presente no Centro de Convivência, são criações que possibilitam vir à tona os interesses e desejos motivados pelo estar-junto.

Um grupo de idosos se reúne diariamente para jogar “pif paf”, um jogo de cartas (re)significado pelos próprios idosos, nesse jogo há regras bem definidas, as quais foram pensadas pelos idosos, a prática diária permite o aprimoramento do jogo e a redefinição de suas regras. Um dos idosos jogadores criou um estatuto do jogo de “pif paf” para não haver dúvidas nem discordâncias durante as jogadas, diz o senhor sobre a escritura do estatuto “foi fácil pra mim, eu leio muitos estatutos [...] isso é para regulamentar o lazer e a socialização do jogo”<sup>19</sup>; à medida que surge alguma dúvida a leitura do estatuto é feita em voz alta e por sugestão do criador do estatuto, esse deveria ser afixado nas paredes do Centro de Convivência para a melhor compreensão dos jogadores.

---

<sup>19</sup> Discurso proferido pelo senhor Humberto no dia 19 de Abril de 2010.



**FIGURA 7** Idosos Jogando “pif paf”



**FIGURA 8** Idosos jogando “pif paf”

A reunião desse grupo de idosos jogadores começa bem antes da chegada no Centro de Convivência, começa quando os membros desse grupo vão chegando à Praça do Trabalho para esperar o ônibus. Eles esperam jogando, se afastam dos outros idosos e começam a jogar. O jogo de cartas, nesse cenário, se configura em uma prática de lazer bastante apreciada por esses idosos, o favoritismo pelas cartas é latente, não é à toa que esses idosos começam seus jogos antes da chegada ao Centro de Convivência e só terminam quando as atividades se encerram, são grupos que partilham dos mesmos interesses na prática do tempo livre, o “prazer do jogo”, configurado enquanto um sentimento que é coletivamente compartilhado. Os sentimentos de prazer que vêm à tona durante os momentos que os idosos se encontram com a finalidade de jogar cartas oferecem aos participantes inúmeras possibilidades de vivenciarem emoções perdidas ao longo de suas vidas, as quais emergem no instante em que a mesa se compõe e as cartas são distribuídas; nesses instantes o espaço é tomado pelo divertimento e pela alegria de estarem juntos compartilhando os signos da liberdade e da autonomia presentes nas suas escolhas.

Além desse grupo de jogadores de pif paf supracitados somam-se mais três grupos de jogadores que se reúnem no Centro de Convivência para jogarem cartas e conversarem sobre o cotidiano. São grupos que se revezam no jogo de sueca, - outro jogo de cartas apreciado pelos idosos participantes -, principalmente em horários que não condizem com os horários das atividades desenvolvidas pela equipe institucional, geralmente eles se reúnem em diferentes espaços do Centro de Convivência e começam a falar sobre os detalhes do cotidiano; para a participação nesses jogos não há diferenciação de gênero, homens e mulheres sentem-se iguais nas escolhas do lazer, eles estabelecem relações simétricas durante os momentos do jogo com a finalidade da diversão.



**FIGURA 9** Idosos jogando cartas nas imediações do Centro de Convivência.

Os usos dos espaços são múltiplos, as astúcias empregadas na cotidianidade pelos sujeitos idosos revelam o quanto os espaços são alterados pelas práticas, as maneiras de empregar, de usar as espacialidades ganham contornos que transitam meio às escolhas individuais e/ou coletivas dos idosos, há uma dinamicidade que envolve os usos dos espaços. Ao ser abordada para as entrevistas a senhora Rita<sup>12</sup> pede que a conversa seja rápida, justificando ter pressa para vender seus lanches. Para essa idosa, o Centro de Convivência é o lugar ideal para o seu comércio, aspecto indissociável para sua diversão, pois, durante os momentos de vendas ela diz se divertir com intensidade e são nesses momentos que ela pode observar e conhecer muito dos outros idosos.



**FIGURA 10** Comercialização de lanches



**FIGURA 11** Comercialização de calçados

Tomando como ponto de análise os discursos desses idosos, inferimos que a maioria deles teve uma vida difícil durante as outras etapas da vida, a infância fora marcada pelo trabalho pesado, na maioria dos casos na roça, a idade adulta fora o momento das responsabilidades com a família, filhos, casa, um tempo específico para as práticas de lazer inexistia, sucumbia ao mundo das obrigações, o qual ainda se revela para muitos idosos, que têm no ambiente doméstico uma rotina de responsabilidades. As obrigações da vida adulta acompanham alguns desses idosos participantes do Centro de Convivência, sejam os que

moram sozinhos, sejam aqueles que moram com a família, a posição da maioria dos idosos no ambiente doméstico é de provedor, quando não de cuidador, muitos desses idosos ajudam os filhos e cuidam dos netos.

As pesquisas realizadas por autores que trabalham sobre a temática da solidariedade familiar intergeracional revelam que a grande maioria das pessoas de mais de 60 anos ajuda tanto financeiramente, quanto através de pequenos serviços (PEIXOTO, 2004), de acordo com essa autora “Muitos filhos divorciados retornam à casa dos pais solicitando um apoio – financeiro ou moral – para educar seus filhos” Peixoto (2004, p. 77). Outro trabalho revelador dessas questões acima citadas é o trabalho de doutorado de Silva (2008b) ao trazer uma trajetória de pesquisa que busca dar visibilidade aos corpos enrugados e as relações intergeracionais no cotidiano doméstico nos bairros periféricos de Campina Grande (Pedregal e Bodocongó) e João Pessoa (São José).

Para os jovens das comunidades pesquisadas, as pessoas velhas representam referenciais de estabilidade financeira e emocional, são aqueles que têm dinheiro, endereço, comportamento e colo certos para oferecerem aos que não têm, quais sejam: os adultos, os jovens e as crianças. (Silva, 2008b, p. 267)

Nesse mesmo cenário de famílias multigeracionais pesquisadas em comunidades periféricas, o trabalho de Sousa (2007) aciona as questões de co-educação e partilha de sentimentos nas relações intergeracionais, ao mostrar a relação de suporte afetivo recíproco entre avós e netos.

No cenário de crise das relações familiares que se configura na contemporaneidade, a avó é a guardiã do sentimento de família, ao mesmo tempo se afirma como cuidadora e foge da sensação de solidão, pois se sente ativa, importante dentro de seu universo simbólico. Apesar das avós reclamarem com frequência da tarefa de cuidar dos netos, não se vêem fora desse lugar, pois é esse lugar que dá sentido às suas vidas. (Sousa, 2007, p. 6)

As experiências de lazer, oferecidas pelo estar-junto no Centro de Convivência, portanto, em muitos casos, são sentidas como uma fuga da realidade doméstica. É o caso de duas senhoras frequentadoras, moradoras do mesmo bairro – Jeremias -, são vizinhas e amigas há muito tempo e começaram a participar do Centro de Convivência e das atividades oferecidas para esquecer ou tentar esquecer os problemas diários. Uma das participantes, a

senhora Raimunda<sup>20</sup>, no início da entrevista diz ter muitos problemas em casa com o marido, por ele ter “mudado” e ela está sofrendo muito com essa mudança, ela não entra em detalhes sobre esse assunto; fala que se sente responsável pelos netos, devido aos pais das crianças não possuírem senso de responsabilidade e terem um comportamento errôneo.

O bairro do Jeremias é perigoso, mas consegui encaminhar filhos e netos na igreja, se eu morrer hoje eu sou feliz, pois tirei meus netos da rua”[...] são 3 netos que viam o exemplo errôneo dos pais, principalmente da mãe, minha nora.<sup>19</sup>

Para essa senhora entrevistada, a vida marcada por dificuldades é esquecida durante as atividades no Centro de Convivência e em outras atividades promovidas por grupos de igreja, pois, o elemento da fé é indispensável para enfrentar a vida, a fé se consubstancia no suporte existencial para o enfrentamento das dificuldades cotidianas; esse discurso é encontrado na maioria das falas dos idosos entrevistados. Durante as entrevistas, essa senhora demonstra muita ânsia em falar, diz que adora esses momentos de entrevista para poder conversar “o tempo que a gente tem de conversar é com essas pessoas [os pesquisadores] por isso que eu gosto de fazer pesquisa.”<sup>20</sup>

A outra idosa acompanhante da senhora Raimunda<sup>20</sup> é a senhora Aída<sup>21</sup>, vizinha e amiga inseparável nas atividades do Centro de Convivência, ela começou a participar devido à insistência da senhora Raimunda,<sup>20</sup> depois que um de seus netos envolvido com drogas fora morto por traficantes, dessa forma, as idas ao Centro se tornaram refúgios da dor. Suas falas são cheias de amargura e os discursos sobre violência estavam sempre presentes, de acordo com o que foi relatado, timidamente, o crime e as drogas estiveram presentes nas trajetórias de familiares.

A senhora Aída<sup>21</sup> não demonstra ter interesse pelas atividades desenvolvidas e (re)criadas no Centro Convivência, ao ser perguntada sobre a participação nas atividades escolares, diz: “eu não quero aprender, tô velha.” A senhora Aída<sup>21</sup> não subjetiva o modelo de velhice pensado pelos idealizadores da terceira idade que a associam à “melhor idade”, a construção de uma velhice festiva comemorada com ideais de juventude, presente nos discursos dos formuladores das políticas públicas voltada para a terceira idade e repassada pelos grupos de convivência não se aplica a muitos idosos que participam do Centro de

<sup>20</sup> Entrevista concedida a autora no dia 15 de Outubro de 2009.

<sup>21</sup> Entrevista concedida a autora no dia 15 de Outubro de 2009.

Convivência, os quais têm interesses bastante específicos nos usos dos espaços. “O espaço assim tratado e alterado pelas práticas se transforma em singularidades aumentadas e em ilhotas separadas.” Certeau (1994, p.181).

### **3. SENSIBILIDADES FEMININAS E MASCULINAS: CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS DE GÊNERO NO CENTRO DE CONVIVÊNCIA**



### 3.1 – LUGAR DE HOMEM E LUGAR DE MULHER: SUBJETIVIDADES FABRICADAS

A maioria dos estudos sobre velhice prima por um viés de análise marcadamente feminista, principalmente, por se debruçar em discursos que tematizam a apresentação de uma feminização da velhice enquanto fenômeno que tendencialmente se instaura no meio social, são discursos referendados por dados estatísticos que trazem uma abordagem da proporção de mulheres idosas superior em relação à proporção dos homens idosos.<sup>22</sup> Embora esses dados estatísticos representem a demarcação de um fenômeno crescente em nossa sociedade, não precisam ser tomados como únicos direcionadores dos estudos sobre envelhecimento. Muitos estudos se apegam a esse olhar feminista estatístico com relação às questões de gênero e inviabilizam uma abordagem relacional para pensar as categorias feminino e masculino.

A velhice é feminina, mas também é masculina, essa caracterização está presente em um estudo feito na Paraíba sobre a velhice masculina, fundamentado na proposta de pensar o masculino e o feminino na relação e contribuir, em termos de visibilidade, sobre o envelhecimento masculino, na medida em que visa romper com a feminização da velhice enquanto única alternativa para se pensar o envelhecimento. (OLIVEIRA, 2008)

Sobre essas discussões que se referem às experiências de gênero, Albuquerque Júnior (2003) lança um olhar e problematiza, sob o prisma de algumas questões que nos são pertinentes nessa pesquisa. Ao se debruçar sobre um estudo do gênero masculino, esse autor questiona os lugares que foram atribuídos a um tipo específico: o nordestino, criado discursivamente por meio de determinados signos de macheza que vieram a determinar os códigos de masculinidade e feminilidade em uma sociedade de modelo predominantemente patriarcal.

Este estudo com foco nas relações de gênero rompe com a visão dualista, presente em muitos trabalhos de gênero, que reforça as identidades masculinas e femininas enquanto categorias isoladas e cristalizadas em seus papéis sociais, pois em sua maioria, os estudos de

---

<sup>22</sup> Sobre a discussão desses dados estatísticos, ver: BERQUÓ, E. Algumas considerações sobre a demografia da população idosa. Revista Ciência e Cultura, v. 40, n.7, São Paulo, jul.1988.

gênero focam o homem, a mulher, ou o homossexual isoladamente e silencia os sujeitos na sua relação. Sua contribuição também se revela à medida que propõe pensar as experiências-de-ser-mulher e as experiências-de-ser-homem no plural, de forma não generalizável, sob o viés da diferença e das particularidades.

Nossa proposta, portanto, se insere nessa perspectiva de combate e rompimento de uma visão dualista das categorias de gênero, à medida que nos propomos a pensar essas categorias de forma relacional e plural, pois, os sujeitos entrevistados são homens e mulheres idosas que experienciam suas identidades etárias e de gênero a partir de uma pluralidade. As narrativas desses sujeitos entrevistados confirmam o cenário ambivalente de demarcação dos lugares, os lugares de homem e de mulher instituídos normativamente ora são reforçados ora são desconstruídos pelas suas experiências, seus discursos transitam pela fluidez das fronteiras de gênero à demarcação dos papéis sociais cristalizados.

"Eu venho muito pra'qui, sou aposentado, minha mulher não aguenta que eu fique o dia todo em casa, ela não participa, mas manda eu vir".<sup>17</sup> Ao narrar sobre um dos motivos de sua participação no Centro de Convivência, o sujeito idoso entrevistado traz em seu discurso uma amostra das relações de poder investidas socialmente, presentes nas representações dos lugares de homens e mulheres na nossa sociedade ocidental. A fala desse sujeito supracitado nos remete às discussões sobre as relações sociais de gênero e os lugares ocupados pelos sujeitos feminino e masculino na rede das relações de poder.

A dicotomia espaço público e espaço privado nos serve para pensarmos as diferenças das experiências masculinas e femininas instituídas socialmente. A identidade masculina foi construída fora do ambiente doméstico, associada diretamente ao espaço público. A associação dos homens ao espaço público e das mulheres ao espaço privado e a consequente dicotomia entre os espaços, sendo esses dotados de uma hierarquização, ao prevalecer a ideia de produção de uma importância política ao espaço público em detrimento do espaço privado, faz parte de uma construção histórica, com vistas a determinar as relações sociais de gênero e à definição de papéis sociais, justificados pela pretensa superioridade de uma categoria e pelo desmerecimento e desqualificação de outra.

Essa dicotomia dos espaços durante muito tempo foi pensada como uma característica universal e trans-histórica consubstanciada pela oposição desigual entre homens e mulheres, caracterizando a sujeição destas aos homens. Os discursos que esboçam o espaço público

como o espaço por excelência destinado aos homens estão instituídos de uma estratégia de poder com vistas à criação de um lugar de poder que justifique a opressão.

Os homens definem-se e constroem a mulher como o Outro, a partir deles mesmos, ocupam um lugar de poder e o exercem não somente em relação à mulher, mas também em relação aos demais seres masculinos que não se ajustam ao seu arquétipo. (Colling, 2004, p.24-25)

As representações dos lugares de homens e mulheres na nossa sociedade ocidental foram construídas de forma hierarquizada, com os dois sexos assumindo valores diferentes, o masculino aparecendo sempre como superior ao feminino. O espaço público foi construído como o espaço por excelência para a vivência dessa pretensa superioridade masculina, o espaço do poder, da decisão, enquanto à mulher coube o papel de dona de casa, mãe, longe do espaço público. À mulher foi reservado o ambiente doméstico. Perrot (1998, p.8), ao pensar essa dicotomia do público e do privado no mundo ocidental, diz que o lugar das mulheres no espaço público se estruturou como algo problemático, como um deslocamento, discurso que se fundamentou ao longo dos séculos nas ciências naturais e biológicas, nos saberes médicos. Esses discursos visavam justificar a inferioridade feminina a partir de aspectos que eram entendidos como sendo naturais à feminilidade, aspectos patológicos inerentes à própria identidade feminina.

O lugar das mulheres no espaço público sempre foi problemático, pelo menos no mundo ocidental, o qual, desde a Grécia antiga, pensa mais energeticamente a cidadania e constrói a política como o coração da decisão e do poder. 'Uma mulher em público está sempre deslocada' diz Pitágoras. Prende-se à percepção da mulher uma idéia de desordem. Selvagem, instintiva, mais sensível do que racional, ela incomoda e ameaça. [...] O corpo das mulheres, seu sexo, esse poço sem fundo apavora. E, deste ponto de vista, as ciências naturais e biológicas, em pleno florescimento a partir do século XVIII, nada resolvem. Ancoram um pouco mais a feminilidade no sexo e as mulheres em seus corpos, escrutados pelos médicos. Estes as descrevem como doentes perpétuas, histéricas, à beira da loucura, nervosas, incapazes de fazer abstração, de criar e, acima de tudo, de governar.

Essa separação dos espaços pensada e articulada com o propósito de estabelecer domínios diferenciados quanto ao gênero e à importância social foi discutida por Colling (2004, p.22-23) ao mostrar a associação simbólica das mulheres à natureza:

O feminino caracterizado como natureza, emoção, amor, intuição, é destinado ao espaço privado; ao masculino – cultura, política, razão, justiça, poder, o público.

Esta dicotomia constitui uma oposição desigual entre homens e mulheres, caracterizando a sujeição destas aos homens dentro de uma ordem universal e igualitária.

A construção de um ser feminino mais sensível, associado à emoção, à natureza prevalece nos discursos que têm o propósito de estabelecer uma essência feminina que possa justificar a própria exclusão feminina do campo político, das esferas do poder e dessa forma, confinar a mulher ao seu papel maternal e doméstico, construindo uma identidade definidora do que é ser mulher, conceitos criados e cristalizados, relações de poder e de hierarquia socialmente construídos. (COLLING, 2004)

(...) o ser mulher vai se definindo a partir de experiências concretas e práticas sociais que são entendidas como constituintes de uma *natureza* feminina, e que, portanto, não são questionadas. A destinação do trabalho doméstico às mulheres, portanto, desde a mais tenra idade, constrói uma identidade feminina fundada no não-reconhecimento, na invisibilidade, no cuidado com o outro antes do cuidado de si. (Hillesheim, 2004, p. 49)

As identidades de feminilidade pensadas a partir desse universo discursivo predominado pela ideia masculina de verdade estiveram presentes nos modelos de família tradicional na nossa sociedade e nas relações de gênero travadas no seio dessa família que tem como principal característica o poder patriarcal. Não obstante a crise da família patriarcal nomeada por Gilberto Freyre (1959) entre o final do século XIX e o início do século XX, ter sido responsável pela desestabilização da estrutura familiar e das relações de gênero, “inviabilizando formas de ser masculino e feminino” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007), com a contínua perda de respeito e autoridade em nível do social do pai de família, da figura masculina, esses modelos de famílias e de relações fazem parte do universo experienciado pelos idosos investigados na pesquisa, são homens e mulheres que foram educados nessa moral familiar. Aos homens coube o lugar de pai de família, de chefe, de provedor e às mulheres de mãe e dona de casa. Em um estudo sobre famílias pobres, Sarti (2003, p. 63-64) discute a delimitação dessas identidades de gênero acima mencionadas:

O homem corporifica a ideia de autoridade, como mediação da família com o mundo externo. Ele é a autoridade moral, responsável pela respeitabilidade familiar.[...] A autoridade feminina vincula-se à autoridade da mãe, num universo simbólico em que a maternidade faz da mulher mulher, tornando-a reconhecida como tal, senão ela será uma potencialidade, algo que não se completou.

Embora esse lugar de respeitabilidade e autoridade moral do pai de família tenha sido desterritorializado de um contexto social, que predominantemente era marcado pela significação da figura do homem enquanto sujeito detentor do poder, da ordem, mesmo com a perda desses padrões patriarcais promovida pela urbanização e modernização do país e as consequentes mudanças conjunturais, o estudo do universo moral de famílias pobres demonstra que esse poder não se desfez totalmente, é o que nos mostra Sarti (2003) ao trazer uma discussão promovida por Candido (1951) em seu estudo sobre a família brasileira:

Estudos recentes sobre os pobres urbanos mostram, ao contrário, a força simbólica desses padrões ainda hoje, reafirmando a autoridade masculina pelo papel central do homem como mediação com o mundo externo, e fragilizando socialmente a família onde não há um homem 'provedor', de teto, alimento e respeito. (Candido, 1951 apud Sarti, 2003, p.58)

A ética cotidiana baseada no trabalho, família e religião não se desfez totalmente frente às mudanças sociais que apontam para a destradicionalização e a perda de valores, as quais são consubstanciadas pelos discursos defensores de uma "pós-modernidade". Não podemos afirmar que a moralidade tradicional continua intacta frente às mutações ocasionadas pela moral do espetáculo<sup>23</sup> na nossa sociedade, mas que houve um remanejamento na esfera dos valores, "(...) uma re-hierarquização dos valores tradicionais sob o dossel da moda e da mitologia científica" (Costa, 2005, p.132). Conforme salientou Costa (2005, p.16):

As decisões morais da maioria das pessoas, no Ocidente rico e na periferia pobre ocidentalizada, continuam sendo regidas pelos princípios religiosos do cristianismo, pelos ideais de justiça e decência do iluminismo e pelos ideais de auto-realização do Romantismo filosófico-literário. A tradição não se perdeu.

Essa moralidade tradicional ainda é vivenciada por muitos dos sujeitos idosos que entrevistamos, seus discursos revelam que os preceitos morais fazem parte de suas experiências de vida, não houve uma total desvinculação do conjunto de valores morais em que foram educados, principalmente no que diz respeito aos discursos religiosos e à moral familiar.

<sup>23</sup> Esse conceito pensado por Jurandir Freire Costa (2005) caracteriza um fenômeno que reorienta os valores e transforma a autoridade tradicional. É pautado pela percepção da vida como entretenimento e pela idéia de felicidade como satisfação das sensações.

Os discursos dos sujeitos idosos entrevistados no Centro de Convivência ora se inserem em um cenário delineado por papéis sociais bem delimitados para homens e para mulheres, ora borram as fronteiras de gênero, pois conforme discutiu Albuquerque Junior (2003) as experiências-de-ser-homem e as experiências-de-ser-mulher são plurais e não homogêneas. Apesar de a maioria ter sido educado segundo essa moral patriarcal definidora das relações familiares e sociais, as experiências que tiveram ao longo da vida foram múltiplas e as subjetivações também foram plurais. As formas narrativas de seus relatos remetem a subjetivações de papéis familiares delimitados pela dicotomia do homem provedor, voltado para o mundo do trabalho externo e da mulher dona de casa, responsável pelo cuidado e pelo trabalho doméstico. Todavia, alguns relatos se apresentam como desviantes desses discursos fundamentados em uma moral patriarcal.

Os homens entrevistados na pesquisa, em sua maioria, são atualmente aposentados, tiveram uma infância, juventude e fase adulta marcada pelo trabalho intenso; a maioria trabalhou na roça desde a infância, foram acostumados com o trabalho pesado, com jornadas completas de trabalho intenso, e essas experiências de vida marcadas pela lógica do tempo produtivo levam esses sujeitos a subjetivarem o tempo livre, proporcionado pela aposentadoria, de forma plural e ambivalente. Todos concordam que a aposentadoria é o momento ideal para o descanso merecido depois de toda uma vida de trabalho, mas não deixam de relatar as dificuldades encontradas para experienciar esse descanso, principalmente quando esse lugar de descanso se restringe ao ambiente doméstico, pois os conflitos com as esposas aparecem de forma mais constante, devido a possibilidade de compartilhamento em tempo integral do espaço doméstico. As mulheres não gostam de compartilhar aquele universo simbólico de poder, onde realizaram e ainda realizam seu papel de dona de casa, seu espaço de domínio por excelência, a casa:

O fato de o homem ser identificado com a figura da autoridade, no entanto, não significa que a mulher seja privada de autoridade. Existe uma divisão complementar de autoridades entre o homem e a mulher na família que corresponde à diferenciação entre casa e família. A casa é identificada com a mulher e a família com o homem. Casa e família, como mulher e homem, constituem um par complementar, mas hierárquico. A família compreende a casa; a casa está, portanto, contida na família. (Sarti, 2003, p. 63)

Com a entrada dos homens na fase da aposentadoria, a dinâmica doméstica se modifica, conforme evidenciou o Senhor Marcelo<sup>17</sup> na citação presente no início do capítulo, ao revelar através de sua fala o desejo de sua esposa de tentar mantê-lo distante do cotidiano

doméstico com vistas a não alterar a dinâmica da casa, do seu espaço de autoridade. Essa mutação provocada pela chegada da aposentadoria, principalmente dos homens, nem sempre é recebida de forma tranquila, muitos dos entrevistados relataram as dificuldades de aceitarem o tempo livre da aposentadoria e buscaram encontrar outras atividades que lhes trouxessem sentido e preenchimento do tempo, dentre essas atividades a participação no Centro de Convivência.

As representações da aposentadoria se instalam em um panorama de significação diferenciada para homens e mulheres. Os homens inicialmente sentem-se angustiados com a possibilidade de não se sentirem ativos, de não vivenciarem o espaço público, de voltarem para casa, um ambiente que foi construído como essencialmente feminino. Mas o paradigma do trabalho que antes da aposentadoria oferecia essa vivência da atividade e a construção da identidade masculina de provedor cede espaço para a possibilidade de outras socia(bi)lidades, e os homens começam a redesenhar um novo universo de atividade a partir da inserção em novos espaços. Grupos de terceira idade, grupos de danças, grupos de igreja, encontros com outros aposentados nas Praças, são possibilidades de vivência do tempo livre adquiridas no momento de entrada no processo de aposentadoria, tempo que, de acordo com os idosos entrevistados, precisa ser investido de alguma atividade para ter significação em suas vidas. Dessa forma, a aposentadoria deixa de representar uma experiência de desengajamento social para se configurar em uma experiência de (re)engajamento social, possibilidade cartografada a partir da vivência coletiva partilhada nos grupos de terceira idade.

O Senhor Caetano<sup>24</sup> é um dos idosos que começou a participar das atividades do Centro de Convivência para continuar se sentindo ativo. Senhor de 73 anos, acostumado com o mundo do trabalho, não conseguiu parar de trabalhar depois da aposentadoria e essa característica começou a preocupar os seus familiares que começaram a aconselhá-lo a participar de grupos de terceira idade com vistas a ocupar o tempo que era preenchido pelo trabalho. Ele disse que resolveu acatar os conselhos dos filhos e começou a participar das atividades do Centro de Convivência e de um grupo chamado “terço dos homens” promovido pela igreja católica. Apesar de ter trabalhado a vida inteira o Senhor Caetano<sup>24</sup> diz que não se acostumou em ficar sem trabalhar depois que se aposentou, e relata que apesar do pouco tempo que participa do Centro de Convivência, apenas um mês e alguns dias, sente-se ativo, sente-se feliz.

---

<sup>24</sup> Entrevista concedida a autora no dia 15 de Outubro de 2009.

Os discursos de outro senhor entrevistado também revelam que lidar com o desaparecimento do trabalho inicialmente fora tarefa difícil, contudo, a participação em atividades de lazer trouxeram sentido para sua vida. O Senhor Gaspar<sup>25</sup> ao se aposentar não conseguiu ficar sem atividade. Este senhor tem 75 anos participa do Centro de Convivência há mais de sete anos juntamente com sua esposa, mas diz ser mais assíduo que ela, principalmente porque ela tem muitos afazeres em casa e não pode frequentar todos os dias. Após o período da aposentadoria sua vida sofreu algumas mudanças, diz ele que pensava em apenas descansar, mas inicialmente não conseguiu:

Quando eu me aposentei eu pensei que eu ia ficar em casa, mas depois que aposentei ainda trabalhei um ano e quatro meses, sabe, na minha profissão, que eu sou padreiro, aí depois eu vi que era muito cansativo e que eu não tinha precisão de trabalhar sabe! Porque o pobre tendo o dinheiro pra comer arroz e feijão tá bom de mais né! Que não faz mais medo a gente, a minha mulher também é aposentada, aí eu disse não, vamo parar de trabalhar, aí parei e me acostumei, agora quero ficar em casa e até hoje não sinto falta mais não! E mesmo a idade não dá mais pra trabalhar né! Olhe eu vou dizer uma coisa a você, quando eu não venho pro Centro de Convivência eu saio de casa, eu gosto muito de dançar, olhe! e pra quem gosta de dançar tem de segunda a sexta de tarde, na segunda feira tem uma SAB lá no Centenário de tarde, eu até danço a quadrilha, faz dois anos que eu danço quadrilha lá, na terça feira também, na quarta feira tem também o Ipiranga, já ouviu falar no Ipiranga? É forró pros idosos, na quinta feira é lá em Deuzinha no Santa Rosa, tudo é de tarde, e na sexta feira vai pra Maria Mourin, tá vendo! No sábado quem quiser vai pro Ipiranga também, no domingo de tarde tem no Centenário de novo e por aí vai, tá vendo! Eu gosto mais do Centenário, não toda vez, mas eu gosto de dançar.

A narrativa do Senhor Gaspar<sup>25</sup> mostra que mesmo tendo se acostumado com o tempo livre, ao deixar de trabalhar, ele não se acostumou em ficar em casa propriamente, as dinâmicas do lazer passaram a ter uma grande representação no preenchimento de sua rotina diária, pois ele faz questão de ressaltar que frequenta o Centro de Convivência todos os dias: “aqui é muito bom, eu já to acostumado aqui, eu só não venho quando eu tenho alguma obrigação pra fazer em casa, aí eu não venho não, mas não sendo eu venho de segunda a sexta”. Além das atividades do Centro de Convivência o Senhor Gaspar<sup>25</sup> participa de grupos de bairros com o objetivo de dançar. Para esse sujeito entrevistado a dança enquanto atividade de lazer tem um lugar de destaque na realização de si próprio, pois lhe possibilita vivenciar a fase da velhice como a melhor fase da sua vida, pela liberdade conquistada em fazer o que gosta, “(...) tô gozando minha vida agora, a melhor fase da minha vida é hoje, pois minha vida foi só trabalhar, trabalhar, fui criado sem pai (...)”.

<sup>25</sup> Entrevista concedida a autora no dia 12 de Novembro de 2009.

Assim como as narrativas do Senhor Caetano<sup>24</sup> e do Senhor Gaspar<sup>25</sup> encontram-se outras narrativas de homens que trabalharam a vida inteira e quando se depararam com a aposentadoria sentiram a necessidade de experimentarem a atividade novamente, eis que o Centro de Convivência em Campina Grande se tornou uma forte alternativa para esses homens, principalmente pelo rol de atividades desenvolvidas e pela possibilidade de escolhas dentro dos espaços do Centro de Convivência.

Para as mulheres entrevistadas a aposentadoria apresenta outras significações. Muitas senhoras entrevistadas ao falar sobre a aposentadoria se reportam à independência financeira, conseguir ganhar o seu próprio dinheiro é uma conquista muito almejada entre essas mulheres, mas essa conquista é mais festejada, principalmente, quando elas se tornam viúvas e sentem-se autônomas. Assim como os homens elas tiveram uma vida marcada pelo trabalho, mas um trabalho não reconhecido e invisibilizado socialmente, um trabalho “essencialmente” feminino determinado pelos discursos normativos com vistas a justificar as relações desiguais entre os gêneros. Hillesheim (2004, p. 42) baseada em Romito (1997) discute essa questão:

Romito (1997) assinala que o fato de o trabalho doméstico ser conceitualizado como expressão da ‘natureza feminina’ (cuidar das necessidades familiares, das crianças, dos doentes...), faz com que este seja ignorado socialmente, negando-se os riscos que o mesmo acarreta para a saúde física e mental das mulheres e ocultando a injustiça da sobrecarga de trabalho doméstico e de cuidado.

Mesmo com a chegada da aposentadoria os trabalhos destinados às mulheres não cessam, os afazeres domésticos podem diminuir em alguns casos, seja pelo aumento da idade e/ou crescimento dos filhos, mas continuam fazendo parte da rotina da maioria dessas mulheres entrevistadas, que continuam cuidando não apenas dos filhos, mas também dos netos, considerando-se que o número de avós cuidadoras dos netos é altíssimo na Paraíba, conforme constatou Silva (2008b) na sua pesquisa sobre avós pobres que cuidam dos netos. Quando se tornam viúvas, algumas dessas mulheres dizem se sentirem mais livres para fazer o que sentem vontade, para usufruírem de um sentimento de liberdade. Rosilda<sup>26</sup>, uma senhora de 82 anos, frequentadora assídua do Centro de Convivência, narra avidamente sua trajetória de vida, marcada por angústias e dificuldades, vivenciadas principalmente durante o casamento. De acordo com seu relato, por falta de alternativa e por conveniência, casara cedo,

---

<sup>26</sup> Entrevista concedida a autora no dia 12 de Novembro de 2009.

assim que perdera os pais, mas nunca conseguiu sentir amor pelo seu esposo, apesar de conviver 35 anos com ele e ter dez filhos, dos quais apenas quatro criaram-se.

O discurso da senhora Rosilda<sup>26</sup> envereda por um caminho explosivo de memórias afetivas enunciativas de dor, rejeição, silêncios, sentimentos provocados pelas lembranças das experiências difíceis da sua juventude e da sua convivência matrimonial, sobretudo quando recria o cenário da relação conjugal, ao subjetivar seu passado, adentra nas limitações do relacionamento, nas falhas do marido, na ausência de carinho, nas traições, no não reconhecimento de sua dedicação. Memórias de sentimentos guardados, experiências vivenciadas em um território de subjugação, servidão e renúncia, numa relação que lhe mostrava da maneira mais dura o que era ser mulher, qual seu papel enquanto mulher numa sociedade que prioritariamente visibilizava e dava voz ao masculino. Os experimentos de uma vida marcada por proibições, ausências e silenciamentos dentro de uma relação matrimonial possibilitaram a comemoração simbólica da senhora Rosilda<sup>26</sup> em tornar-se viúva, fenômeno que lhe permitiu sentir-se livre das obrigações familiares e de sua condição invisível frente às tomadas de decisões. A vivência da individualidade tornou-se um aspecto possível, e essa possibilidade se mostrou viável após a morte de seu marido, o que representou para ela o fim das obrigações familiares.

Durante um dos momentos de entrevista, a Senhora Rosilda<sup>26</sup> afirma o quanto se sente independente e feliz, apesar das limitações físicas, pois apresenta alguns problemas de saúde, mora sozinha e diz com muita convicção que vivencia a melhor fase da sua vida, e que só conheceu a felicidade durante a velhice.

Com 21 eu namorava um menino, daí meus pais morrem e ele fugiu de mim, vim embora pra Campina pra trabalhar, quando chego aqui a mulher morre, o homem fica viúvo, com dois meses eu me casei, por precisão, não foi por amor, casei por necessidade, o marido não valia bosta, eu gostava dele né, porque eu não tinha nem pai nem mãe, mas não tinha amor, ele só servia pra ferir, humilhar, aí não se pega amor por ninguém, quem traz o amor...quem traz a vida é o amor, as palavras doces, eu estou vivendo agora um momento de alegria, mas conviver com um homem que só sabe lhe maltratar, não lhe dá de comer, não lhe dá de vestir..., eu tive dez filhos, tinha dia que eu tinha vontade de abrir o bucho pra jogar o feto fora, isso é vida, é vida? Eu tive dez filhos, eu não sei se foi por amor a 'frutinha'sabe! Porque eu gosto, sou fã de sexo, hoje não porque a mulher com 80 anos que diz que lembra de homem é mentira, com 60 anos a mulher ainda é mulher, depois disso não lembra nem que homem existe, tem é nojo de homem[...] hoje eu tenho minha aposentadoria, não tenho com o que me preocupar, homem pra mim morreu, pra mim os homens tudo viraram mulher, foi mesmo! Mas aqui tem uns homens enxeridos! [...] eu gosto de escrever versos e poemas desde os 12 anos de idade, é porque eu não tive estudo necessário sabe, pra me dedicar! Eu era muito pobre, meu pai não me deixou estudar, minha madrinha era riquíssima ela queria me levar pra Natal pra estudar lá, mas meu pai era muito ignorante queria muito era capital, disse

que se eu fosse eu ia voltar pra casa buchuda, eu sei que eu fiquei na merda, porque depois meu pai morreu e eu fiquei sem nada, nessa época meu pai me atrapalhou, um pai de ouro que eu tinha, Deus abençoe que já morreu, o amor que ele tinha era demais pra gente.

As prescrições familiares predominantemente exerciam um poder abusivo na construção das identidades femininas, ao naturalizar um modo de ser mulher, transformando-a em um sujeito sem voz nem discurso, ao torná-las proibidas de escolhas que fugissem ao padrão normativo de moralidade, ao torná-las reféns desses fundamentos moralistas, das obrigações familiares, e, dessa forma, impedi-las da liberdade de escolher outro modelo de ser mulher que não fosse o de mãe/dona de casa. Esse modelo de feminilidade exigido pelos discursos normativos tornava as mulheres obrigadas, em muitos casos, principalmente no universo das famílias populares, como o caso da senhora Rosilda<sup>26</sup> apresentado acima, a encarar um casamento como único projeto de vida, numa sociedade marcada pela separação desigual entre os sexos. Rago (2004, p.31) confirma esse universo de exigências normativas sobre a identidade feminina:

Ser mulher, até aproximadamente o final dos anos 1960, significava identificar-se com a maternidade e a esfera privada do lar, sonhar com um “bom partido” para um casamento indissolúvel e afeiçoar-se a atividades leves e delicadas, que exigissem pouco esforço físico e mental. Do outro lado, situavam-se as que podiam circular livremente por ruas, praças e bares, pagando, contudo, o alto preço da condenação moral, da perseguição policial e de outras formas de violência física.

Apesar da maioria dos casamentos no começo do século XX estar atrelada à ideia de obrigação social e também a um meio de aceitação social para as mulheres, muitas não deixavam de idealizar e sonhar com um casamento que lhe oferecesse a vivência de romantismo, mínimo que fosse, um marido que lhe incitasse amor, que lhe desse carinho, ideais que verificamos estarem presentes nas memórias afetivas da senhora Rosilda<sup>26</sup>, sonhos que não se concretizaram, pois seu marido representava uma figura de homem rude, insensível, incapaz de expressar afetividade. Essa não vivência do sentimento amoroso idealizado por ela transformou-se em ódio; ódio pela relação conjugal, ódio pelos filhos que gerava em seu ventre, a representação dos filhos aparece em sua fala enquanto fardo, sua vontade era de expurgá-los do ventre, mas a obrigação de ser mãe e de cumprir seu papel social impedia de qualquer atitude contrária.

Ao discutir a exclusão feminina manifestada como exercício de poder, de um poder com vistas a estabelecer a ideia reguladora de Homem e nomear a mulher enquanto lacuna, enquanto diferença, Colling (2004, p. 27) traz uma abordagem da configuração familiar construída a partir do Século XIX enquanto lugar de exclusão pelas quais sofreram as mulheres:

No processo de reclusão da mulher aparece com destaque a família. Núcleo fundamental para a perpetuação da estrutura social, lugar de reclusão unitário para a mulher onde se constrói à invalidez feminina. [...] O lar burguês é o perfeito reduto de paz e tranquilidade para o esposo que retorna da fadiga do trabalho. Pureza, abnegação, o meticuloso cuidado da precária saúde, são os requisitos que se fazem a esta mulher, privada também de discurso. Se ela reclama o direito à palavra, esta será interpretada e recolhida pelo ouvido esperto do confessor, do médico, do psicanalista. Esta é a configuração familiar do séc. XIX, onde aparece a maior parte dos discursos clínicos sobre a mulher e muitos permanecem até os dias de hoje.

Essa configuração familiar delineada a partir do século XIX faz parte do universo simbólico de significação dos idosos entrevistados, conforme anunciou a senhora Rosilda<sup>26</sup> ao expor fragmentos das memórias de suas experiências familiares: o sonho de se tornar poetisa, abortado pela autoridade de seu pai que não lhe permitia estudar e, sobretudo, a vivência dos anos de sua mocidade a partir da experiência do casamento, subjetivada enquanto experiência dolorosa, pelo fato de seu marido não corresponder às suas expectativas de afetividade. Essa forma de sentir e viver os sentimentos articulados a experiências marcadamente dolorosas, desiguais, imprime sentidos e significados na construção imagética do outro gênero. Para a senhora Rosilda<sup>26</sup> a figura masculina que tanto imperou normativamente nas relações que marcaram sua infância e juventude, hoje se encontra desautorizado em seus discursos, pela inexistência do *status* de autoridade e poder que antes era determinante nos homens que passaram por sua vida; diz ela em uma de suas colocações: “(...) homem pra mim morreu, depois que eu fiquei viúva eu não quis mais saber de homem não, Deus me livre, hoje pra mim homem é tudo mulher”. Percebemos, portanto, em sua fala a negação do masculino, uma forma simbólica de vingança ao desautorizar em seu discurso a figura masculina.

Apesar dos deslocamentos provocados nas relações de gênero, sobretudo, a partir das formulações de novas configurações relacionais, propostas na contemporaneidade pelos discursos feministas, os quais trazem uma proposta de repensar as construções ontológicas das identidades femininas e masculinas produzidas pelos sistemas de poder, há ainda no meio social uma grande dificuldade de desvinculamento dos discursos que priorizam uma

separação binária entre os sexos, onde o homem adquire o estatuto de neutro, o modelo a partir do qual se separa o outro e através do qual deve ser explicado. (COLLING, 2004)

As representações de gênero marcadas pelas desigualdades foram subjetivadas como verdade por alguns sujeitos que vivenciaram a experiência de um patriarcado universal, instituído enquanto construção discursiva. A investigação das memórias afetivas expressas através dos discursos dos sujeitos entrevistados nos permite uma identificação dos modelos familiares fundantes presentes em suas trajetórias, e nos impulsiona a interrogar sobre as (des)continuidades das sensibilidades produzidas pelas relações de gênero vivenciadas durante a infância e juventude desses idosos, sobre a produção dos deslocamentos trazidos com as novas configurações relacionais presentes nas cartografias contemporâneas, nas novas experiências, práticas que trazem a possibilidade de sentir e viver o gênero de forma múltipla, plural, heterogênea.

### 3.2 – O GÊNERO IDOSO MASCULINO E FEMININO NAS PRÁTICAS DE SOCIA(BI)LIDADES

As experiências infantis e juvenis vivenciadas pelos sujeitos idosos pesquisados foram influenciadas pela rigidez dos papéis sociais cartografados no cenário de configuração familiar delineado nas décadas de 1940, 1950, e 1960, cenário marcado pela predominância de identidades cristalizadas sob as relações de poder e de hierarquia socialmente construídas. As implicações de ser homem e ser mulher estavam determinadas discursivamente por uma estrutura de poder que se consubstanciava nas pretensões de universalidade de saberes sobre o sujeito, os quais construía o sujeito a partir de universais históricos e nesse viés, homens e mulheres se constituía enquanto uma estratégia de poder. Vale ressaltar que, o papel ocupado pelo feminino nessa relação de poder era de inferioridade em relação ao masculino.

Essas representações de masculinidade e feminilidade se presentificam nas memórias dos idosos entrevistados. Propomos-nos, portanto, a indagar sobre a incidência, em maior ou menor grau, que essa perspectiva binária de separação hierárquica dos sexos reflete na compreensão e na (re)apropriação das relações de gênero vivenciadas no cotidiano desses idosos, principalmente a partir da construção relacional experienciada nos espaços do Centro

de Convivência, precipuamente, nas práticas de socia(bi)lidades, tomadas enquanto espaço de interação relacional que reflete as sensibilidades senescentes articuladas às identidades de gênero.

As práticas de socia(bi)lidades experimentadas pelos sujeitos idosos frequentadores do Centro de Convivência são transformadas cotidianamente em espaços de interação geracional e de gênero, espaços que se abrem para a construção das sensibilidades múltiplas, para as trocas afetivas desenvolvidas nas relações astuciosas entre os corpos ávidos por atividade. Conforme anteriormente discutido nessa pesquisa, esse conceito de socia(bi)lidade é recorrente e nos fornece subsídios para pensarmos a construção dessas sensibilidades masculinas e femininas em um espaço de interação por excelência, o Centro de Convivência, revelador de subjetividades de gênero ambivalentes, que transitam em meio a fluidez das fronteiras à rigidez das identidades cristalizadas.

Esse conceito de socia(bi)lidade tal como ele é abordado nessa pesquisa, é emprestado da sociologia na perspectiva assumida por Maffesoli (2006) ao trazer uma atualização das reflexões promovidas por Simmel (1999). De acordo com Simmel (1999) são as múltiplas interações entre os homens que fornecem subsídios para a construção da sociedade, processo de sociação que, segundo ele, é constituído pelos impulsos dos indivíduos, ou por outros motivos, interesses e objetivos. (PITOMBO, 2004). No tocante a essa discussão, Pitombo (2004, p.287, 289) nos coloca algumas questões:

Ao atualizar as reflexões de Simmel, Maffesoli apropria-se da idéia de sociabilidade como forma lúdica de sociação, preferindo batizá-la de socialidade. Partindo do princípio de que socia(bi)lidade é o estar junto com o outro, para um outro, contra um outro, através das formas de interação sem laço algum com os conteúdos, mas que existem e se constituem pelo prazer do engendramento desses laços, Maffesoli atribui à socialidade um certo relativismo do viver, grandeza e tragédia do cotidiano, em que se compartilha uma certa empatia. [...] Na socialidade, segundo o autor, certas interações se estabelecem, cristalizações se operam e grupos se formam através de relações tácteis, as uniões em pontilhado se dão por uma espécie de empatia. [...] Maffesoli toma de empréstimo o termo para tentar entender os numerosos reagrupamentos contemporâneos que se definem a partir de um território e de uma partilha afetual, em última instância, de um sentimento de pertença; sentimento este que aliás, traz consigo a ênfase na proxemia (...)

Ao pensar essa configuração de socialidade enquanto fenômeno que marca os agrupamentos urbanos contemporâneos, Maffesoli (2006) destaca que alguns fatores se apresentam como tendo pouca importância para a constituição desse processo, como exemplos cita a durabilidade e o grau de envolvimento dos atores envolvidos, em contraponto,

ênfatisa um fator principal de destaque das relações de socialidade: o fato de estabelecer interação, o estar junto. É, portanto, nesse “estar junto” que as sensibilidades senescentes vão se construindo de forma relacional, as identidades de homens e mulheres se entrelaçam e se cruzam delineando cartografias afetivas que nos servem de caminhos para uma possível investigação dessas subjetividades de gênero que se constroem nas práticas de interação no Centro de Convivência.

### 3.2.1 – No *frisson* da dança



“(...) essa dançinha é gostosinha demais (...)”<sup>27</sup>

Pouco a pouco os idosos vão entrando no ônibus com destino ao Centro de Convivência, a cada parada um grupo de idosos entra e se junta aos outros. As cadeiras não são suficientes para todos irem sentados, mas esse fator não se constitui em problema, muitos idosos fazem questão de ficar em pé, pois são nos corredores do ônibus que os encontros dos corpos ávidos pela dança acontecem. O motorista liga o rádio, o forró é o estilo musical preferido da maioria, vozes e passos começam a tomar conta do cenário. As conversas em voz baixa iniciadas pelos idosos sentados não conseguem ser ouvidas pelos seus acompanhantes de cadeira, é preciso aumentar o tom das vozes, e o turbilhão de vozes que acompanha o canto da música tocada no rádio transforma-se em um coral. Está demarcado o cenário festivo de preparação para as atividades do Centro de Convivência, principalmente, para os momentos interativos proporcionados pela dança.

A dança é poeticamente tecida por Paul Valéry (2005, p.16, 27, 31) ao descrever uma dançarina:

Suas mãos falam e seus pés parecem que escrevem. [...] Um simples andar e aqui está a deusa. Parece enumerar e contar em moedas de ouro puro, aquilo que gastamos distraidamente em vulgares níqueis de passos. (...) A dançarina tem algo de socrático, ensinando-nos, quanto ao andar, a nos conhecer um pouco melhor a nós mesmos. [...] A música muda-lhe a alma. Ela se transforma toda em dança, e se consagra toda ao movimento total. Parece, com seus passos repletos de espírito, apagar da terra toda fadiga e toda tolice. [...] Esse corpo exercita-se em todas as suas partes, e se combina consigo mesmo e dá forma depois de forma. [...] Dentro de um mundo sonoro, essa festa intensa do corpo diante de nossas almas oferece luz e alegria. Tudo fica mais leve, mais vivo, mais forte; tudo é possível de outra maneira; tudo pode recomeçar.[...] Um corpo é poderoso o bastante para alterar profundamente a natureza das coisas.

Dançar, eis uma das atividades a ser destacada dentre as preferências dos sujeitos idosos no tocante às práticas de socia(bi)lidades realizadas no Centro de Convivência. A senhora Francisca<sup>28</sup>, 77 anos, viúva, começou a frequentar o Centro de Convivência há dois anos, e diz que visualiza nesse espaço a oportunidade de viver o que não viveu quando jovem,

<sup>27</sup> Fala expressa pela senhora Inês durante um momento dançante no Centro de Convivência no dia 27 de Outubro de 2009.

<sup>28</sup> Entrevista realizada no Centro de Convivência, concedida a autora no dia 20 de Fevereiro de 2008.

pois casara aos 14 anos e não tinha permissão de seu marido para sair de casa “Foi uma fase ruim, foram 49 anos de casamento e de escravidão”. As oportunidades de vivenciar a liberdade e autonomia chegaram com a velhice, principalmente a partir de sua participação nos grupos de terceira idade.

Eu comecei a participar por insistência de uma vizinha minha, pois eu vivia muito sozinha, muito isolada, nunca tive filho, não saía pra canto nenhum, daí ela ficou insistindo, disse que era bom demais, então eu fui. Primeiro pra um grupo que fica no Centenário, fui sozinha e nos primeiros dias eu fiquei meio por fora, pois não conhecia ninguém, fui indo aos poucos e fui gostando, daí através desse grupo comecei a frequentar o Centro de Convivência, arranjei até um namorado, ele tem 66 anos, já faz 6 anos e ele vem na minha casa todo dia, é meu companheiro[...]. Eu gosto tanto de participar do Centro de Convivência que quando eu não vou, fico pra adoecer, o que gosto mais de fazer lá é dançar, já participei da garota primavera, das danças juninas entre várias outras [...]. Minha vizinha que insistia pra eu participar parou de ir, mas eu vou direto, pra você ver como é as coisas.<sup>28</sup>

Para essa senhora participante as práticas de socia(bi)lidades em geral e as danças em específico, enquanto atividades de interação realizadas no/pelo Centro de Convivência, trazem-lhe sentido, à medida que oferecem a possibilidade de afirmação de uma condição feminina diferenciada daquela vivenciada em outras situações da sua vida, como a posição que exercia dentro da família, em que sua existência simbólica era condicionada ao casamento e ao papel que exercia dentro de uma ordem patriarcal de gênero<sup>29</sup> (SAFFIOTTI, 2004).

Ao se tornar viúva e se abrir para as novas possibilidades oferecidas pelos grupos de terceira idade, a senhora Francisca<sup>28</sup> diz sentir-se outra mulher, bem diferente daquela da infância e da juventude, uma mulher que tem autonomia, que vivencia um tempo para o cuidado de si, sem preocupações com família. Sobre o seu relacionamento amoroso diz que prefere namorar, afirma que seu namorado é muito cuidadoso e que frequenta sua casa todos os dias, e que ele é um parceiro ideal para a dança. Essa parceria afetiva entre o casal causa certo estranhamento em relação às outras senhoras do Centro de Convivência que não têm namorados, pois, conforme enfatiza a senhora Francisca<sup>28</sup>, as outras idosas ficam mais afastadas pelo fato de ela ter namorado e as outras não.

<sup>29</sup> Sobre ordem patriarcal de gênero, ver Saffioti(2004,p.44): “O patriarcado ou ordem patriarcal de gênero, ao contrário, como vem explícito em seu nome, só se aplica a uma fase histórica, não tendo a pretensão da generalidade nem da neutralidade, e deixa propositalmente explícito o vetor da dominação-exploração. Perde-se em extensão, porém se ganha em compreensão. Entra-se, assim, no reino da História. Trata-se, pois, dos regimes políticos tais como a falocracia, o androcentrismo, o viriarcado, a primazia masculina. É por conseguinte, um conceito de ordem política.(...)”

A equipe institucional do Centro de Convivência inclui as danças como atividades de destaque na programação, são importantes atividades de interação entre os idosos. As danças pensadas institucionalmente com vistas à formação dos chamados grupos de danças, os quais se disponibilizam nas apresentações de eventos, sejam eles organizados tanto pelo Centro de Convivência quanto por outras instituições, são categorizadas de dança do arco, do mamulengo, da peneira, do ventre e danças juninas. Além das danças temáticas, o Centro de Convivência oferece atividades da Educação Física que acontecem a partir de momentos dançantes. Essas danças, pensadas pela equipe do Centro de Convivência enquanto atividades que têm o objetivo de trabalhar fisicamente e psicologicamente os sujeitos idosos, oferecem-nos a possibilidade de pensar as identidades de gênero e as sensibilidades afetivas articuladas nos momentos de interação.

Ao lançar um olhar sobre um programa de dança e discutir como os sujeitos idosos buscavam na dança uma forma de atividade física, expressão e reconstrução da qualidade de vida, Todaro (2001, p.19) fundamentada em Garaudy (1980) nos traz uma definição bastante sensível sobre a dança:

O pensador francês ROGER GARAUDY (1980), afirma que dançar é vivenciar e exprimir, com o máximo de intensidade, a relação do homem com o mundo e com os outros homens. Para ele, a arte da dança é o caminho mais curto entre dois homens, pois não depende da mediação do conceito e da palavra. É uma pedagogia do entusiasmo, sentimento da presença de Deus no corpo. O ato de ensinar a dança trata de dar ao homem a imagem de como sua vida poderia ser um movimento harmonioso, livre e alegre. Não existe ato mais revolucionário que ensinar alguém a enfrentar o mundo como ser criador.

As atividades de dança e de Educação Física foram pensadas pelos profissionais do Centro de Convivência com o objetivo de melhorar a saúde dos idosos, tanto fisicamente como psicologicamente, objetivo que segundo constatações da professora de Educação Física é atingido cotidianamente pelos participantes. De acordo com essa profissional “o envelhecimento ocorre desde o momento que se nasce, a velhice é um processo, [...] muito embora o conceito de velho da forma como é usado rotula muito, por ser muito determinista, é sempre o que não tem condição de fazer<sup>30</sup>”. Ao longo da entrevista, suas falas se tornam enfáticas no tocante a afirmação de que o idoso é capaz e deve praticar atividade física, todavia ela declara a importância de alguns cuidados que devem ser tomados, principalmente

---

<sup>30</sup> Entrevista concedida pela profissional de Educação Física do Centro de Convivência no dia 20 de Março de 2009.

pelo profissional que está conduzindo a atividade “trabalhar com idosos na Educação Física precisa ter um conhecimento das patologias [...], sempre trabalhei com crianças e adolescentes, mas eu sempre quis trabalhar com idosos e para isso fiz cursos de Geriatria e Gerontologia.”<sup>30</sup>



FIGURA 12 Idosos na Educação Física



FIGURA 13 Idosos na Educação Física

Sua atuação no Centro de Convivência acontece em conjunto com os médicos geriatras, e enfatiza que seu trabalho é realizado no sentido de adaptar as atividades físicas à realidade dos idosos, com o objetivo de não prejudicar a saúde e assim poder contribuir de forma salutar.

A Educação Física é trabalhada no sentido de prevenir e estabilizar determinadas doenças. [...] A Educação Física e as danças em geral é um dos momentos mais esperados pelos idosos, eles adoram participar, 90 % participam. A melhoria de muitos é considerável, eles sentem-se melhores fisicamente e psicologicamente.<sup>30</sup>

Em uma determinada manhã, antes da chegada do ônibus que iria transportar os idosos ao Centro de Convivência, um grupo formado por três idosas conversava sobre a dança do ventre. Uma das mulheres comentou que faltara no dia anterior e perdera sua dança preferida, a dança do ventre “ontem teve ensaio da dança do ventre, perdi, não pude ir, mas sinto pena de ter perdido minha dancinha preferida”<sup>31</sup>, outra senhora interveio comentando a participação das outras mulheres que estiveram presentes no ensaio da dança no Centro de Convivência: “elas são burras, não sabem dançar a dança do ventre”<sup>32</sup> e responde a outra:

<sup>31</sup> Entrevista realizada no Centro de Convivência, concedida a autora pela senhora Lúcia no dia 06 de Março de 2009.

<sup>32</sup> Entrevista realizada no Centro de Convivência, concedida a autora pela senhora Mariza no dia 06 de Março de 2009.

“para dançar essa dança tem que ter um corpo mole, nós somos idosas, alguns acham bonito a gente dançar, outros não.”<sup>33</sup> Através desses discursos proferidos pelas mulheres idosas que estavam conversando na Praça, percebemos indicativos de reconhecimento das limitações do próprio corpo pelo avanço da idade, confissões incomuns entre os discursos da maioria das idosas participantes do Centro de Convivência, as quais costumam negar quaisquer características que lhes configurem identificação com a velhice. O corpo ativo é uma construção bastante presente dentro da rede discursiva que configura os grupos de terceira idade, observado principalmente através das práticas de socia(bi)lidades, enquanto espaços escolhidos por excelência para o consumo dessa atividade.

O cuidado de si, antes voltado para o desenvolvimento da alma, dos sentimentos ou das qualidades morais, dirige-se agora para a longevidade, a saúde, a beleza e a boa forma. Inventou-se um novo modelo de identidade, a bioidentidade, e uma nova forma de preocupação consigo, a bioascese.(Costa, 2005, p. 190)

Essa nova forma de “preocupação consigo” discutida por Costa (2005) é um conceito extraído das discussões promovidas por Ortega (2008). A produção das subjetividades masculinas e femininas preocupadas com o cuidado corporal, com o cuidado de si, se insere no que Ortega (2008, p. 31-32) chama de bioasceses, as modernas asceses corporais:

(...) as bioasceses, reproduzem no foco subjetivo as regras da biossociabilidade, enfatizando-se os procedimentos de cuidados corporais, médicos, higiênicos e estéticos na construção das identidades pessoais, das bioidentidades.

Alves (2004, p.104), ao se debruçar em um estudo antropológico sobre a dança de salão no Rio de Janeiro tomado enquanto espaço de sociabilidade de mulheres idosas, afirma que a prática da dança de salão possibilita às mulheres velhas envolvidas nessa atividade à exibição de um corpo ainda ativo, principalmente, por haver um “cuidar de si” que significa nesse contexto, cuidar do próprio corpo. “Para elas, a exibição é uma forma de conferir-lhes visibilidade. Além dos ganhos sexuais, o que está em jogo é a permanência de sua existência e visibilidade social enquanto mulheres”.

Visibilidade e existência social se coadunam e se inserem como aspectos presentes no cenário cartografado pelos grupos de danças no Centro de Convivência. Ao citarmos como

<sup>33</sup> Entrevista realizada no Centro de Convivência, concedida a autora pela senhora Madalena no dia 06 de Março 2009.

exemplo a experiência da dança do ventre, percebemos que o grupo é formado unicamente por mulheres, as quais tiveram uma infância e juventude invisibilizadas socialmente. Essas mulheres participantes desse grupo de dança, bem como de outros grupos, compartilham um sentimento de pertencimento e visibilidade social, tendo em vista a significação que essas danças imprimem em suas vidas, principalmente, com as possibilidades de experimentação do espaço público e do reconhecimento que essa vivência produz. Essas senhoras participantes de grupos de danças são convocadas constantemente a fazerem apresentações em vários eventos, principalmente em momentos festivos de cidades do interior, e essas experimentações de inserção no espaço público são traduzidas em sentimentos de pertença para essas idosas que não vivenciaram esses sentimentos na juventude, mas conseguem vivê-los na fase da velhice, uma velhice festiva, produzida no/pelo Centro de Convivência.

Os corpos se produzem para a dança. Em dias anteriores às apresentações dos grupos de danças, essas mulheres se investem de uma preparação física e simbólica, as roupas são confeccionadas para esses momentos singulares, maquiagem e bijuterias também fazem parte desse cenário de arrumação. São mulheres que descobrem o prazer no cuidado de si, no cuidado do próprio corpo para vivenciarem essas experiências festivas.



FIGURA 14 Idosa em momento festivo



FIGURA 15 Roupas dos grupos de danças

Essa preparação para as festividades também atinge os homens, que vivenciam intensamente os momentos da dança, e se produzem fisicamente para as apresentações. O grupo de dança preferido da maioria dos homens é o grupo das festas juninas, os ensaios são

muito aguardados entre os participantes, principalmente porque o ritmo musical é o forró, ritmo preferido da maioria. O forró se caracteriza enquanto uma prática marcante que se presentifica nas memórias dos homens nascidos e criados no cariri nordestino. As identidades caririzeiras vêm à tona nos discursos desses idosos, os quais vivenciaram suas infâncias e juventudes nessa territorialidade marcada por aspectos materiais e simbólicos bastante fortes, formadores de um modo de ser e sentir-se homem, aspectos ressaltados em muitas letras de músicas regionais. Ao lançar um olhar sobre essa região do Nordeste conhecida como Cariri, um trio musical traduz a importância de alguns aspectos dessa região cantando um trecho da canção “Adoro meu Cariri”:<sup>34</sup>

Enquanto existir o marmeleiro  
 Xique-xique e juazeiro  
 Vou ficando por aqui  
 Enquanto existir a rapadura  
 E uma cachaça pura  
 Vou ficando por aqui  
 Enquanto tiver a carne de bode  
 A água fria do pote  
 Vou ficando por aqui  
 E a sombra de uma baraúna  
 E o canto de um craúna  
 Vou ficando por aqui



**FIGURA 16** Grupo de dança das festas juninas



**FIGURA 17** Idosos dançando Forró

<sup>34</sup> Canção interpretada por um trio pé de serra conhecido como: ‘Os Três do Cariri’.



**FIGURA 18** Idosos dançando Forró

A cartografia delineada pelas subjetividades dançantes não se restringe apenas aos momentos de atividades institucionais pensados pela equipe responsável do Centro de Convivência, há ainda os momentos de dança criados pelos próprios idosos, que experienciam e compartilham o mesmo gosto pelo estilo musical: forró, o dançar a dois, agarradinhos, em passos determinados pelos ritmos das músicas. Na configuração desse cenário não há uma preocupação por parte dos sujeitos idosos na demonstração de performances<sup>35</sup>, os passos que são executados para a realização das danças não seguem um ritmo formal, não há regras sistematizadas que determinem uma singularidade na forma de dançar o estilo forró no Centro de Convivência, são os passos aleatórios que moldam os ritmos desses sujeitos.

Conforme salientado anteriormente, a ligação com a dança vivida pelos sujeitos idosos se remete ao tempo de suas juventudes, o “dançar forró” faz parte de suas memórias afetivas juvenis caririzeiras e foi uma das principais, senão a única, prática de lazer por eles praticada durante a juventude. Um desses homens a nos revelar os significados simbólicos do dançar forró impressos na sua trajetória de vida foi o senhor Celso<sup>36</sup>, que é um dos senhores que ao chegar mobiliza e investe de alegria o salão de danças, segundo ele, dança quatro horas sem parar durante os cinco dias da semana. Esse senhor de 74 anos, participante do Centro de Convivência há 05 anos, nasceu e foi criado no cariri nordestino, teve uma infância marcada pelo trabalho, mas afirma que se divertiu muito durante os anos de sua juventude nos forrós e ainda continua se divertindo, pois afirma não conseguir parar de dançar.

Com 7 anos já comecei a trabalhar, com 15 anos já tava na gandaieira, (...) aos 14 já morava com uma mulher. [...] Casei com 19 anos, em 1952, só namorei 6 meses e meu sogro não queria nem ver, porque eu era farrista, eu sou assim eu danço forró e

<sup>35</sup> De acordo com Alves (2004, p. 101) Performance é uma das formas de se narrar uma experiência, transformando-a em algo comunicável para outros através da atuação. A performance implica uma platéia e um meio de apresentação para outros através da atuação.

<sup>36</sup> Entrevista concedida a autora pelo senhor Celso no Centro de Convivência no dia 16 de Agosto de 2007.

tô caçando mais. [...] Eu não conheço esse negócio de solidão, de aperrei, se eu tiver aqui com 10 pessoas eu tô contente, se eu tiver só eu, tô contente também.

Essa paixão pela dança, expressa nas palavras do senhor Celso<sup>36</sup>, é o que move o senhor Damaceno<sup>37</sup> a participar do Centro de Convivência, 71 anos, viúvo há 18 anos, mora sozinho e é participante do Centro de Convivência há mais de 3 anos. “A curiosidade me fez vir ao Centro [referência ao Centro de Convivência], me chamava atenção aquele monte de idosos esperando o ônibus todo dia”, confessa, ao relatar sobre o que lhe motivou inicialmente a frequentar grupos de terceira idade. Depois que conheceu as atividades oferecidas pelo Centro de Convivência, sentiu-se acolhido e motivado a frequentar assiduamente, principalmente por ter encontrado a diversão que sempre gostou: a dança. “Eu adoro participar das danças, sou apaixonado pela dança, estou até matriculado numa academia de dança de salão, vou todos os dias à noite. [...] eu me sinto diferente lá porque todos os outros são jovens”. Participa de três grupos de danças no Centro de Convivência e não se ausenta de dançar forró no final das atividades, diariamente o senhor Damaceno<sup>37</sup> tem um encontro marcado com a dança, diz ele que essa é uma das formas que encontra pra ser feliz.

Eu não tenho estresse, não tenho solidão e também não tomo remédio, porque eu tenho amor à vida e tenho Deus, não tenho religião, Deus é a natureza. [...] O mundo é um livro e cada dia uma página. [...] aqui a gente tem um grupo de irmão, a administração é muito boa, trata a gente com respeito.

Desde que perdera sua esposa o senhor Damaceno<sup>37</sup> não conseguiu ter um relacionamento duradouro, principalmente por não conseguir encontrar alguém compatível com seu ritmo de vida, contudo, namorou uma senhora também participante do Centro de Convivência, mas em pouco tempo o relacionamento acabou.

Eu sinto falta de uma companheira, eu arrumei uma namorada aqui no Centro, mas ela não vem, eu venho, eu gosto de sair, aí é difícil. [...] Desde jovem eu gosto de curtir a vida, principalmente dançar, não gosto de ser caseiro e achar uma companheira que me acompanhe é difícil, mas também eu adoro morar sozinho.

As possibilidades de relacionamentos amorosos no Centro de Convivência são constantes, não há empecilho por parte da coordenação, os idosos sentem-se livres para

---

<sup>37</sup> Entrevista concedida a autora no Centro de Convivência no dia 06 de Março de 2009.

construir quaisquer relacionamentos uns com os outros. Os momentos partilhados pelas práticas de socia(bi)lidades tornam essas possibilidades de experimentos sentimentais uma realidade, alguns são efêmeros, configuram-se em tentativas, como é o caso do senhor Damaceno<sup>37</sup> acima citado, outros investem na construção de uma nova sensibilidade amorosa e procuram se entregar à relação, mesmo que essa entrega se configure em um cenário de embates e conflitos familiares. O casal Romildo<sup>14</sup> e Carlinda<sup>38</sup> são exemplos dessa configuração; conheceram-se no Centro e decidiram ficar juntos. O Senhor Romildo<sup>14</sup>, 72 anos, divorciado, começou a participar por encaminhamento de uma psicóloga, devido a estar sentindo uma intensa solidão. A senhora Carlinda,<sup>38</sup> 71 anos, viúva há dez anos, morava com uma filha até conhecer o senhor Romildo<sup>14</sup>. Sua filha não aceitou esse relacionamento, mas apesar desse conflito familiar a senhora Carlinda<sup>38</sup> decidiu ir morar com seu novo companheiro, eles estão juntos há nove meses e ela diz que sonha em casar na igreja, mas esse sonho não vai ser possível por ele ser divorciado. Os dois estão sempre a andar de mãos dadas nos arredores do Centro de Convivência e declaram que estão muito felizes com essa nova união.

A senhora Dora<sup>39</sup> é uma mulher de 55 anos que encontrou a possibilidade de vivenciar uma história de amor nas imediações do Centro de Convivência através da prática da dança. Foi a partir dos ensaios da quadrilha que ela conheceu o senhor Caetano<sup>24</sup> começaram a namorar e foram morar juntos.

Eu vivia com uma depressão muito grande, vivia chorando, casei com 21 anos e durou 10 anos, mas ele não prestava e eu botei pra fora[...] a depressão foi pela solidão, então eu conheci Caetano, to muito feliz, ele é uma pessoa muito boa. [...] Eu sofri muito, apanhei muito, passei fome[...] eu melhorei demais depois que eu entrei aqui dentro.[...] Eu adoro dançar, mas eu não gosto de dançar com quem não sabe não! Tem uns aí que parece umas aranha, eu fico com minhas costas doendo! Não! Quando eu to estudando eu já fico olhando pra ver se começou a dança.

Outras histórias de relacionamentos também estão presentes nas memórias afetivas de muitos idosos entrevistados, os quais se revestem de discursos saudosistas do vivido e constroem a partir dessas experiências significantes em um tempo passado suas identidades amorosas contemporâneas. Bartolomeu<sup>9</sup> é um senhor divorciado que não aceita a separação

<sup>38</sup> Entrevista concedida a autora no Centro de Convivência no dia 13 de Março de 2009.

<sup>39</sup> Entrevista concedida a autora no Centro de Convivência no dia 16 de Agosto de 2007.

por parte da esposa, se diz muito romântico, e não aceita que sua história conjugal tenha sido desfeita. Ele nos diz que gosta de rememorar suas lembranças matrimoniais e revela:

Eu gosto de ficar lembrando os bons momentos do casamento, eu tinha muita vontade de me casar e o que ficou marcado foi o parabéns. [...] Ela [referência à ex-esposa] ficou com raiva de mim, não sei por que, eu sempre fui um homem caseiro, comprometido, nunca dormi fora de casa, foram 24 anos de casado, e já faz 10 anos de divorciado. Ela parece que tem um parafuso frouxo, a gente viveu uma grande história, eu disse a ela: eu não tenho nada a perder, quem tem sempre é a mulher. [...] Até hoje eu não me acostumo com esse negócio de separação, de divórcio, eu vejo sempre ela, não tenho raiva dela, gosto dela, não esqueço, quando eu vejo ela me dá umas boas recordações, os momentos que vivi com ela. [...] Quando me divorciei fiquei com 4 filhos, ela saiu de casa e quando arrumou um canto, os meninos quiseram morar com ela, ela dava liberdade eu não, então eu desmanchei as beliches, aluguei uma carroça de burro e dei 10 reais.

Todavia, a possibilidade de construção de novas subjetividades amorosas e sexuais não se esgota, ele afirma em outro momento de entrevista que espera encontrar alguém pra compartilhar a vida e o Centro de Convivência lhe revela muitas possibilidades, apesar de algumas tentativas frustradas:

Já pintou paquera aqui no Centro, mas ela tinha 62 anos, ela era mulher enxada, ela quer mandar, eu já pesquisei, ela era doída por mim, eu sempre olhava para o olho dela e eu conhecia que ela queria mandar em mim. [...] Eu sempre pesquiso quando alguém se interessa por mim, e a gente tem que pesquisar mesmo. [...] O psicólogo disse a ela que o problema dela era amor, que tinha que arrumar alguém e ela começou a chorar e eu fui consolar e ela se apaixonou. Eu convidei para tomar café, sorvete, mas ela confundiu a amizade. Um dia ela disse, Rubinho aquele nosso romance dá para ir pra frente? Você casaria comigo? Mas aí eu disse que não, você bateu na porta errada, ela não entendeu e ficou insistindo. [...] Eu sou pessoa muito higiente, fiz almoço pra ela, comprei cerveja, preparei cacho de rosas, forrei a mesa bem chik, dei um visual, eu recebi muito bem. Eu gosto de mulher que saiba comprar, receber dinheiro no banco, lavar, cozinhar(...)

Os discursos do senhor Bartolomeu<sup>9</sup> desenham uma identidade masculina que não se assenta sob os signos da macheza tomados enquanto códigos de gênero construídos socialmente para determinar a figura masculina. Albuquerque Júnior (2003, p. 20) ao se debruçar sobre questões que procuram entender o porquê da emergência da figura do nordestino e o porquê de sua elaboração como figura masculina, esboça representações de um cruzamento marcadamente forte entre uma identidade regional e uma identidade de gênero que se cristaliza em nossa sociedade por meio de uma vasta produção cultural:

O nordestino é uma figura que vem sendo desenhada e redesenhada por uma vasta produção cultural, desde o começo deste século. Figura em que se cruzam uma

identidade regional e uma identidade de gênero. O nordestino é macho. Não há lugar nesta figura para qualquer atributo feminino. [...] Na historiografia e sociologia regionais, na literatura popular e erudita, na música, no teatro, nas declarações públicas de suas autoridades, o nordestino é produzido como uma figura de atributos masculinos.

A representação dessas duas identidades esboçadas pelo autor supracitado faz parte do cenário em que o senhor Bartolomeu<sup>9</sup> está inserido, pois ele é identificado discursivamente enquanto homem e enquanto nordestino, porém, a construção de sua experiência masculina caminha por veredas desviantes dos códigos de gênero construídos ao longo dos anos como definidores da masculinidade e internalizados como tal. O aspecto emocional está presente nas suas memórias, na sua forma de se relacionar com as mulheres, as lembranças afetivas do casamento inspiram certo romantismo no seu modo de reviver o passado.

Ele ainda expõe através de sua fala que não consegue entender o porquê do fim do seu casamento, que ocorreu por vontade da sua esposa e não por sua vontade, se dependesse dele continuaria casado; e ainda, continua seu discurso se autodenominando uma pessoa caseira. Esses lugares que o senhor Bartolomeu<sup>9</sup> ocupa nesse cenário experiencial foram construídos socialmente para as mulheres, à mulher caberia o espaço privado e à preocupação com a manutenção da relação conjugal, numa dedicação ilimitada ao lar, ao marido e aos filhos. De acordo com Nolasco (1995, p.113), as representações sociais masculinas são definidas através do sexo e enfatizam a não proximidade do homem às emoções, às experiências interiores:

A representação social do homem é definida através do sexo, que se torna um dispositivo norteador para suas ações e intenções durante a vida, seja ela homo ou heterossexual [...] desde criança é estimulado a afastar-se de suas experiências interiores ao mesmo tempo em que é pressionado a obter o melhor desempenho no que faz

Esse cenário ambivalente de discursos que transitam entre a cristalização à fluidez dos papéis sociais tecido subjetivamente pelos sujeitos idosos entrevistados nos oferece a possibilidade de pensar as (des)continuidades dos modelos familiares e dos códigos de gênero que marcaram suas experiências relacionais. Conforme percebemos em suas narrativas e em suas práticas cotidianas, a subjetivação dos papéis sociais construídos para homens e mulheres ocorreu de forma heterogênea, esses sujeitos ora reafirmam os códigos de masculinidade e/ou feminilidade instituídos socialmente, ora rompem com essa rigidez identitária, ao produzirem

deslocamentos e possibilidades plurais de vivenciar as categorias de gênero e as categorias etárias.

#### 4. HISTÓRIAS DE VIDA E IDENTIDADES ETÁRIAS: RELATIVIZANDO PAPÉIS SOCIAIS



“Não fui, na infância, como os outros  
e nunca vi como outros viam.  
Minhas paixões eu não podia  
tirar de fonte igual à deles;  
e era outra a origem da tristeza,  
e era outro o canto, que acordava  
o coração para a alegria. (...)”

Edgar Allan Poe

A pretensão de nos debruçarmos sobre as histórias de vida dos sujeitos investigados nessa pesquisa e enveredarmos pelos lugares recônditos de suas memórias afetivas faz parte de uma escolha metodológica com vistas à desconstrução das categorias etárias investidas discursivamente enquanto identidades cristalizadas, com papéis sociais bem definidos. Os papéis sociais relacionados às identidades etárias foram pensados e sistematizados pelos discursos modernos de institucionalização do curso da vida, a sociedade moderna com seu projeto de organização, disciplinarização e classificação passa a regular o modo de vida dos indivíduos, com a construção de identidades fixas e papéis bem definidos. A esse respeito, Bassit (2000, p.222) nos diz que

A modernidade, ao estar associada ao desenvolvimento do capitalismo, da ciência e tecnologia e ao nascimento do Estado Moderno, acarreta um maior interesse em registrar, regular e disciplinar a vida das pessoas, quer por meio do desenvolvimento das ciências humanas ou do corpo. A preocupação central na modernidade é periodizar a vida humana, institucionalizando as transições das pessoas da família para a escola ou o trabalho, instituindo a idade ideal para se casar ou se aposentar, entre outras. (...) a lógica da modernidade está fundamentada na uniformização e ‘universalização das transições’ em uma grande variedade de contextos institucionais, bem como uma maior segregação de grupos sociais. Esse processo acarretou uma maior diferenciação no curso de vida, com limites claramente definidos por meio de idades cronológicas pré-definidas, que separam as diferentes fases da vida como a infância, a adolescência, a maturidade e as emergentes meia-idade e velhice.

As identidades etárias foram pensadas pelos discursos fundamentados e institucionalizados pela Psicologia do Desenvolvimento, pelo saber jurídico, médico, dentre outros saberes, no contexto moderno, como tendo funções e papéis bem definidos e precisos dentro do *corpus* social e dentro dessa realidade constituída por esses dispositivos de poder. Estas categorizações etárias foram instituídas de forma a marcar quase todas as esferas da vida social, a idade foi pensada como um fator fundamental para a distinção social. Debert (2004, p.51) discute a ideia de institucionalização do curso da vida a partir do termo

“cronologização da vida”, que serve de aporte para pensar a idade enquanto um constructo que possui dimensão fundamental na organização social no contexto moderno.

A institucionalização crescente do curso da vida envolveu praticamente todas as dimensões do mundo familiar e do trabalho e está presente na organização do sistema produtivo, nas instituições educativas, no mercado de consumo e nas políticas públicas que, cada vez mais, têm como alvo grupos etários específicos. [...] A padronização da infância, adolescência, idade adulta e velhice, pode ser pensada como resposta às mudanças estruturais na economia, devidas sobretudo à transição de uma economia que tinha como base a unidade doméstica para outra, baseada no mercado de trabalho. [...] O Estado Moderno [...] seria, por excelência, a instituição que orienta o curso da vida, regulamentando todas as suas etapas, desde o momento do nascimento até a morte, passando pelo sistema complexo de etapas de escolarização, entrada no mercado de trabalho e aposentadoria. (Debert, 2004, p. 51)

Essa categorização das idades da vida gestada discursivamente na modernidade começa a ser questionada pelos discursos trazidos com a experiência da “pós-modernidade” e das conseqüentes mudanças ocorridas em vários âmbitos da sociedade: no domínio das famílias, no processo produtivo, nas configurações das unidades domésticas (DEBERT, 2004). O fenômeno da “cronologização” começa a ceder espaço para a “descronologização da vida” que tem o seu desenrolar nas sociedades “pós-modernas”, marcadas pela desmassificação dos mercados de consumo. De acordo com Debert (2004, p.54): “(...) uma das características marcantes das sociedades ocidentais contemporâneas ou da experiência pós-moderna seria a “desinstitucionalização” ou a “descronologização da vida”. Nesse cenário, a produtividade não é mais configurada como a base da economia, suplantada pelo fenômeno do consumismo, e as identidades começam a ser percebidas por lentes multireferenciais que abrigam a ideia de mobilidade e pluralidade, havendo, por conseguinte, deslizamentos de sentidos, a possibilidade da plasticidade do curso da vida.

A desconstrução dessa crença na “cronologização da vida”, da naturalidade das identidades etárias foi provocada no campo da historiografia por alguns historiadores preocupados em investir na relativização das categorias etárias. Destacam-se, dentro do campo dos historiadores preocupados em desnaturalizar as categorias etárias, Ariès (1981) que trabalha com a categoria infância e Giovanni Levi (1996), organizador do livro História dos Jovens, que deflagra discussões sobre a condição dos jovens e da juventude em diversos momentos da história.

Ariès (1981) nos traz uma grande contribuição ao pensar a infância como uma categoria que começa a se desenvolver pouco a pouco ao longo dos séculos, sendo, portanto, incisivo em suas colocações ao mostrar que na Idade Média a infância não existia, vindo esta a se constituir, dentre outros aspectos, devido a transformações na esfera familiar. A partir da preocupação em mostrar a infância enquanto um problema específico, ao pensá-la como uma categoria que vai se caracterizar enquanto período distinto da idade adulta, Ariès (1981) provoca uma desnaturalização da infância e inspira o estudo de outras categorias etárias.

Os lugares sociais que foram atribuídos às demarcações etárias, construídos e referendados pelos discursos defensores da institucionalização do curso da vida na modernidade, ainda prevalecem no imaginário coletivo e em algumas situações determinam o estabelecimento das identidades etárias ao tomar como único parâmetro a idade cronológica. No âmbito jurisdicional a caracterização dos sujeitos em infantes, jovens e/ou idosos com vistas a se tornarem beneficiários do Direito descritos nas legislações específicas, quais sejam, o Estatuto da Criança e do Adolescente e o Estatuto do Idoso, é determinada pelo aspecto cronológico. Outras demarcações não são consideradas pelo Direito brasileiro para o estabelecimento das identidades etárias; demarcações psicológicas, físicas, culturais, experienciadas de formas multifacetadas pelos sujeitos não entram no panorama de discussão legal, e ante essa visão propagada pela legislação específica, a idade é um dado natural que vem dizer e instituir as categorias etárias enquanto categorias universais.

Os formuladores de políticas públicas, de forma geral, demarcam um limite pela idade cronológica e isso coloca os sujeitos em um patamar de homogeneidade, sem levar em conta as diferenças individuais, as particularidades das experiências etárias e, face a esse panorama, implementam tentativas de construção de identidades cristalizadas pela demarcação do aspecto cronológico, característica que se materializa no texto legal, criando, portanto, modelos de infância, de juventude e de velhice que ganham o cenário sócio-cultural de forma a refletir identidades fechadas, delimitadas em representações universais.

(...) o dizer-se jovem, velho ou criança define modos existenciais e relacionais que dependem do contexto histórico de sua enunciação. O próprio ato de se dizer pertencente a tal e tal grupo traz em seu significado uma necessidade histórica e cultural de ordenação da vida em ciclos. Ou seja, uma necessidade de categorização, classificação e constituição da identidade que nega a diferença em seu processo e a coloca como algo distinto, separado e externo à própria vivência do si mesmo. (Magro, 2004, p. 40-41)

As identidades são plurais, elas se constroem dentro de uma teia de significações e subjetividades que transpassam o dito. Segundo Bauman (2005a, p. 17) “Tornamo-nos conscientes de que o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, (...)”. As experiências de infância, de juventude e velhice vivenciadas pelos idosos entrevistados são esboçadas de forma plural através de suas narrativas, elas nos são apresentadas por meio de suas histórias de vida e das representações etárias produzidas por esses sujeitos. Essas representações etárias provocam deslizamentos de sentidos, sutis deslocamentos, dos lugares etários cristalizados pelo aspecto cronológico, e nos possibilitam relativizar os papéis sociais que foram e são atribuídos aos sujeitos infantes, jovens e velhos.

#### 4.1. AS REPRESENTAÇÕES ETÁRIAS NAS MEMÓRIAS AFETIVAS DOS SUJEITOS IDOSOS DO CENTRO DE CONVIVÊNCIA

Temos uma idade ou pertencemos a uma idade? Essa questão esboçada por Lloret (1998) incita a discussão que nos propomos nesse capítulo ao nos deixarmos enveredar pelos caminhos que levam às construções e representações simbólicas dos lugares etários, quando mergulhamos nas subjetivações e representações presentes nas memórias afetivas dos sujeitos idosos investigados e tecemos uma narrativa preocupada com a relativização dos papéis sociais e etários.

Ao lançar um olhar sobre as questões que envolvem as discussões geracionais, Lloret (1998) discute a apropriação das idades como critério normalizador e problematiza os lugares de pertencimento dos indivíduos sob a perspectiva da desnaturalização das referências de classificação etária.

Pertencer a um grupo de idade significa ter que adequar-se a uma normativa bastante precisa: em cada idade, podemos ou não podemos fazer, devemos ou não devemos (como se viver fosse uma dívida) fazer uma série de coisas e, sobretudo, temos de levar muito em conta os possíveis desvios com relação aos modelos socialmente sancionados (...) nos anos da infância, por exemplo, há que se adaptar à escola graduada que determina aulas e currículos segundo uma idade que resulta ser a do grupo e a de sua imagem (...), uma imagem que determina a pertença ou não-pertença dos anos de cada menino ou menina (não pertença no caso dos que repetem, imaturos, deficientes ou precoces, todos eles por certo, não muito bem

vistos) (...). Viver a idade acarreta assim a preocupação de nossa normalidade ou do desvio com relação a ela. (p.15-16).

Lloret (1998) ao tecer a possibilidade de um outro olhar que (re)direcione e (re)invente os lugares produzidos para as categorias etárias, incentiva a proposta defendida nessa pesquisa, que visa provocar deslizamentos de sentidos, principalmente por pensar as idades enquanto construções sociais, enquanto experiências mutáveis e relativizáveis. De acordo com Silva (2005):

A valorização social das idades é uma experiência individual e coletiva mutável, portanto relativizável. As idades mudam seus significados, não são demarcações a-históricas e meramente biológicas. O nosso modelo societário europeizado sempre investiu em clichês comportamentais homogêncizantes, isso também vale para a leitura dos territórios geracionais. Trata-se de um processo de estereotipia das condutas de crianças, jovens, adultos (as) e velhos (as). Os discursos sobre as gerações tem sido marcadamente monoculturais e caricaturais, têm estabelecido o que podemos ser, o que podemos fazer e o nosso valor pessoal e social.

Essa experiência de desconstrução de papéis sociais cristalizados se tornou possível a partir das narrativas dos idosos pesquisados, das memórias afetivas que nos serviram de caminho metodológico para pensarmos a relativização dos papéis sociais etários. A resignificação e a ressubjetivação do passado tomadas sob o viés das lembranças dos idosos nos possibilita desconstruir a ideia de aprisionamento e cristalização dos lugares etários. A dinamicidade desses lugares, (re)desenhada pelas narrativas, permite a produção de deslocamentos, os quais nos chegam a partir das representações que são feitas pelos idosos. Suas experiências de infância e de juventude são tecidas pelas palavras, silêncios, gestos, e sentimentos que transbordam no momento das lembranças e cartografam um cenário que transita entre a fluidez das fronteiras geracionais à pertença a grupos etários socialmente definidos.

As representações tecidas pelos sujeitos da pesquisa comungam teoricamente da definição pensada por Chartier (1990, p. 16-17) como sendo uma noção que ele lança mão para designar "(...) o modo pelo qual em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade é construída, pensada, dada a ler por diferentes grupos sociais". As experiências etárias foram representadas nas narrativas dos sujeitos idosos a partir do processo de lembrança, as memórias afetivas narradas em gestos, em palavras, em silêncios,

provocaram a (re)construção e a (re)significação de sentimentos infantis e juvenis. Propomos, portanto, a pensar a tecitura das memórias dos idosos entrevistados, enquanto possibilidade de cartografar as sensibilidades infantis e juvenis vivenciadas ao longo de suas vidas. E, por conseguinte, não aprisionar o passado de forma nostálgica através da cristalização de modelos identitários, mas possibilitar as expressões dos sentimentos vivos presentes em suas memórias, seja com palavras ou com silêncios, e, dessa forma, relativizar os papéis atribuídos socialmente às categorias etárias.

Não pretendemos (re)afirmar nesse trabalho, com a escolha de pensar as representações infantis e juvenis dos idosos sob a forma de memórias, a associação entre velhice e memória como algo natural, perspectiva comumente priorizada por alguns discursos em diversos campos do saber das ciências humanas e sociais, os quais constroem discursivamente o indivíduo velho enquanto sujeito prisioneiro do passado e, portanto, legitimado como o responsável socialmente pelas recordações. Os discursos que mostram a experiência de envelhecer agregada à experiência das recordações constroem lugares naturalizados, principalmente quando esses discursos incidem na construção da memória enquanto função social dos indivíduos velhos e esses, portanto, são legitimados e aceitos socialmente como portadores desse lugar marcado pelo lembrar.

As lembranças e o ato de lembrar, de rememorar foram construídos socialmente como inerentes à experiência de envelhecer, vindo a impedir a associação com as outras experiências etárias. Na recusa a esse cenário associativo de experiências de velhice e recordações do passado, somos instigados por Bérqson (1985), a pensar as lembranças estando presentes em qualquer percepção, portanto, podendo advir de quaisquer indivíduos, de quaisquer experiências etárias.

“A memória possui um primeiro e bem definido patamar: a memória é desencadeada de um lugar, e este se situa no presente. A memória do passado revela, de imediato, sua incontornável inscrição no tempo presente.” Seixas (2002, p. 62-63) baseada em Bergson nos traz esta abordagem relacional da memória com o presente, aspecto que nos permite associar à nossa proposta de pensar as memórias dos sujeitos investigados enquanto respostas ao apelo do presente.

O presente se inscreve na espacialidade do Centro de Convivência, cenário que se configura em demarcação espacial para a construção dessas narrativas tecidas pelos idosos.

As tramas de suas histórias são construídas nos momentos das entrevistas individuais e em momentos coletivos, explorados através de oficinas de memórias. Nesses momentos de encontros individuais e coletivos, as dores, os desejos, os medos, as alegrias, os sentimentos mais escondidos explodem em suas faces através de palavras, olhares, lágrimas e/ou de silêncios. Os idosos relembram algumas experiências passadas e as tornam dizíveis e visíveis para nós. Todavia, mediante esse processo de releitura do passado, muitas experiências são silenciadas, muitas dificuldades pesam sobre a possibilidade de narração das histórias de vida marcadas pela dor, histórias densas de sentidos, e, por conseguinte, hesitações, incompletudes e esquecimentos apresentam-se sob as lembranças.

#### **4.1.1. Memórias das sensibilidades infantis**

Uma das questões suscitadas por Lloret (1998, p. 20-21) em seu estudo sobre “As outras idades ou as idades do outro” é pensar as experiências [etárias] de forma articulada, precipuamente, a partir de uma desvinculação da ideia de ciclos fechados em si mesmos.

(...) no devir das experiências e respostas existenciais, uma idade não elimina a outra, mas a contém. O menino e a menina, o jovem e a jovem, estão na pessoa adulta ou velha (...). Em vez de pensar em termos de regressões, inaptações ou reduções, poderíamos reclamar o direito de jogar, em cada momento, com todas e cada uma das cartas de nossa experiência (...), de maneira que, em cada itinerário pessoal, o tempo nos fosse amigo e não cárcere, permitindo assim uma identidade flexível e diversificada.

A reflexão sintetizada na citação supracitada nos instiga a pensar as articulações das imagens etárias impostas socialmente, produzidas dentro de grupos de pertença que segundo Lloret (1998) são marcados pelos atributos de gênero e de idade, e as representações subjetivas dos sujeitos investigados, pensar sobre o transitar pelas identidades construídas sob parâmetros socialmente estabelecidos e pelas identidades desviantes desse olhar normalizador.

A infância não é uma experiência universal de qualquer duração fixa, mas é diferentemente construída, exprimindo as diferenças individuais relativas à inserção de gênero, classe, etnia e história. Distintas culturas, bem como as histórias

individuais, constroem diferentes mundos da infância. (Gusmão, 200, p. 17, apud Pinto & Sarmento, 1997, p.17)

As experiências infantis trazidas por meio das memórias afetivas dos idosos nos possibilitam investigar esse cenário cambiante e plural. Adentremos imaginariamente o cenário de rememoração constituído durante a realização das oficinas de memórias desenvolvidas por nós no Centro de Convivência. Forma-se um círculo, os idosos ajeitam-se timidamente nas cadeiras, alguns sobressaltos e hesitações se instalam no ambiente, a ânsia de começar a narração das experiências infantis invade os corpos inquietos, uma inquietude refletida nos cochichos e nos silêncios provocados pelo instante que espreita as histórias reveladoras de sentidos e cores. Um dos participantes pede para começar, inicia-se, portanto, a partilha das representações de infância tecidas pelas narrativas desses sujeitos idosos.



**FIGURA 19** Idosos na oficina de memórias



**FIGURA 20** Idosos na oficina de memórias

O senhor Inácio<sup>40</sup> ao começar sua narrativa ressalta que tivera uma infância marcada pelo trabalho na roça, local onde passara toda sua infância e parte de sua adolescência. O trabalho esteve fortemente impregnado no seu modo de vida, na sua rotina diária, começou a trabalhar a partir dos 07 anos de idade e este foi o marco que lhe permitiu conhecer o significado da responsabilidade de ter de trabalhar junto com seu pai para ajudar uma família de 12 irmãos. Ao adentrarmos no universo de experiências de infância do senhor Inácio,<sup>40</sup> encontramos um cenário refeito de lembranças marcadas por sentimentos ambivalentes, que transitam entre a dor de uma vida marcada por limitações e a satisfação de ser educado segundo uma moral patriarcal rígida, que de acordo com suas palavras, lhe fez homem. Ao

<sup>40</sup> Entrevista concedida a autora no centro de Convivência no dia 24 de Novembro de 2009.

mesmo tempo em que o senhor Inácio<sup>40</sup> se entristece com as lembranças das dificuldades da sua vida, um sentimento saudosista lhe toma a face e gestos ao trazer à cena as lembranças das astúcias desveladas em brincadeiras marcadas pela confecção de brinquedos.

Eu sou natural de Mamanguape, até os 7 anos de idade eu tive infância, mas depois tive que trabalhar na roça com meu pai, precisava muito de trabalhar, a família tava...em crescimento, eu tenho, eu sou de uma família de 12 irmão e tudo são vivo ainda. Aí vim trabalhar na roça com meu pai logo cedo, comecei a trabalhar com 7 anos, mas de qualquer maneira eu tinha uns brinquedo, eu tinha uns 7 ano de idade e comecei a brincar né, mais aí de vez em quando deixava de brincar pra ir pra roça, mas foi muito bom assim em termo de conhecimento, tinha lá um rio muito grande assim [gesticula o tamanho do rio], tomava banho tudo pelado mesmo, saía aboiando em cima das águas assim e aprendia a nadar logo, os brinquedo nós naquele tempo não podia comprar, mas, nós fazia carrinho, adaptava, num tem essa cuia assim de cabaço né?! Essas cuias de cabaço! Eu fazia umas rodinha e adaptava e pegava um bocado de marmeleiro e fazia um ganchinho assim e fazia um carrinho pra dirigir... e fazia bola também eu gostava muito de jogar futebol, fazia bola de imbirá de bananeira costurava e fazia uma bola deste tamanho assim [nesse momento ele gesticula o tamanho da bola para expressar quão grande ela ficava], ficava boa, nós fazia uma agulhazinha e pegava a imbirá da bananeira, uma imbirá seca! botava pra secar aí fazia, fazia a bola, costurava e ficava cada uma bola boa. Às vezes final de ano assim, quando matava peru na mão né! aí do papo do peru nós fazia uma bola pra jogar, eu já fiz muitos gols aí, jogando por aqui, até aquele Romildo Nascimento, é muito meu amigo, e disse seu Aluizio quantos gols na sua carreira? Eu fiz mais de mil e quinhentos gols, eu comecei a jogar logo de novinho, garotinho né, as minha brincadeiras era assim, nós fazia peão também de tronco de jurema, nós brincava a vontade, fazia essas pipa, brincava menino com menina, logo no inicio assim era tudo junto, mas tinha hora que a brincadeira era só de menino num sabe! No futebol era só menino, nos banhos era só menino, aí então minha infância foi essa aí, brinquei muito de toca, tanto dentro da água como fora, aí tinha também assim uma brincadeira que nós brincava muito assim, fazia uma divisão assim do terreno, uma areada assim grande, aí nós botava uma bandeira aqui, uma bandeira quer dizer um ramo de mato, e ficava seis daquele lado e seis do lado de cá, digamos assim, pra roubar a bandeira de cá sem tocar na gente, e agente ia tocar a bandeira de lá, então tinha umas brincadeiras muito boa na minha época e ainda hoje tenho lembrança, muito gratificante mesmo, a gente aprendeu muito(...)

Os fragmentos das memórias de infância trazidos na narrativa do senhor Inácio<sup>40</sup> nos possibilitam refletir acerca dos papéis assumidos pelas crianças no seio familiar e na nossa sociedade, em um contexto que tem como demarcação espacial o interior nordestino, especificamente na zona rural, e como demarcação temporal as primeiras décadas do século XX. Como era configurado o período da infância nesse cenário delineado pelo senhor Inácio<sup>40</sup> e quais as fronteiras que determinavam o fim dessa infância? Julgamos por bem nos deter um pouco mais sobre as configurações e representações dessa demarcação etária tecidas no discurso do sujeito entrevistado.

Albuquerque Júnior (2003) destaca, a partir dos discursos de Freyre, que o campo se constituiu como espaço por excelência da dominação do poder patriarcal, dessa forma de

organização familiar em que “Os filhos deviam obediência total às determinações dos pais, sob pena de serem castigados (...)” (p.61). A construção de um lugar de infância dentro dessa moral patriarcal, assinalada por Albuquerque Júnior (2003), é determinada por uma lógica desigual das relações etárias, configuradas sob o signo da subordinação. A criança estaria presa à determinação dos pais, principalmente à figura paterna detentora do poder de dominação.

A narrativa do senhor Inácio<sup>40</sup> nos possibilita pensar as experiências de infância vivenciadas nesse território rural marcado pela tradicionalização dos costumes, por uma moral patriarcal bastante forte, definidora das relações sociais. A construção de sua narrativa vai moldando uma experiência de infância destoante da concepção de infância enfatizada pelos discursos normativos que pensam a criança como sujeito de direitos, principalmente a partir da proposta de criação de políticas específicas com vistas a nortear o atendimento à infância. A experiência infante deste sujeito entrevistado foi fortemente marcada pelo trabalho, sua fala e gestos são enfáticos quando ele diz que trabalha desde os 07 anos de idade, essa foi a demarcação temporal representada em sua narrativa como o momento de saída do universo infantil e de entrada no mundo das responsabilidades [associado ao universo da adultez] que lhe foi apresentado de forma impositiva pelo pai: trabalhar para ajudar na criação dos 12 irmãos.

Encontramos na fala do senhor Inácio<sup>40</sup> sinalizações de uma vivência de infância carregada de sentidos. Apesar das dificuldades e carências reveladas em sua narrativa, ele enfatiza que a infância foi um período de grande aprendizagem, e como um dos fatores responsáveis pelo aprendizado ele destaca o aspecto lúdico da infância, as brincadeiras desenvolvidas sub-repticiamente, os brinquedos confeccionados nos intervalos do trabalho. Astuciosamente o senhor Inácio,<sup>40</sup> em conjunto com outras crianças, desenvolvia e criava brinquedos e brincadeiras dentro das possibilidades que lhe eram cabíveis, a partir dos instrumentos que a natureza lhe oferecia.

A entrada no universo escolar foi sucumbida pela entrada no universo do trabalho, uma escolha que não cabia às crianças, cabia à figura paterna definir e escolher os caminhos que os filhos deveriam seguir para tornarem-se “homens de vergonha” e “mulheres de bem”. O trabalho era instituído como o melhor caminho para educar os filhos, de acordo com os preceitos morais comungados na época, a instituição escolar evidenciada na contemporaneidade como uma das responsáveis pela proteção dos direitos da criança não

existia no universo experiencial do senhor Inácio,<sup>40</sup> que devido às dificuldades de subsistência encontradas no âmbito doméstico, não pôde frequentar a escola. Outro motivo que lhe impossibilitou de receber uma educação escolarizada foi a ausência do ambiente escolar na zona rural onde ele morou até os 17 anos.

(...) aí eu vim já pra cidade com 17 anos, eu não tinha conhecimento de nada da cidade e a cidade que eu enfrentei logo foi o Rio de Janeiro, nem a minha cidade eu conhecia, porque eu morava no interior, nem energia tinha, era candeciro, passei uns quatro anos no Rio de Janeiro e vim embora pra'qui e até hoje. Hoje graças a Deus eu construí uma família maravilhosa e to vivendo tranqüilo graças a Deus, eu tive um pai e uma mãe muito boa, mas dinheiro não existia sabe, quando eu comprava uma calça a outra já tava remendada, pra mim foi bom, foi gratificante porque me ensinou ser homem e com aquela capacidade que Deus me deu, meu pai me ensinou, hoje sou pai de quatro filho, tudo homem de vergonha, tenho quatro filho maravilhoso, quatro benção, foram todos criados aqui, nada do que eu disse aqui eles não conhece não, conhece porque eu disse e quando nós ia pro sítio também nós arrancava aquela batatona da roça sabe! E... fazia uns fogo assim e assava, ficava uma maravilha, um gosto muito saboroso, churrasco de batata doce, é bom demais! A gente que vivia no sítio assim, a gente passou muita necessidade, uma fome geral não, mas uma necessidade grandilosa mesmo, mas a gente superou tudo. (...) hoje eu tava numa reunião da igreja, tinha mais gente que aqui, aí levantou uma irmã e disse: 'é errado uma criança trabalhar', ela começou a conversar, aí na reunião tinha uma base de 70 pessoa mais ou menos, aí quando ela terminou eu levantei o dedo e disse irmã eu quero a palavra, eu disse: 'olhe! Muita gente acha que uma criança trabalhar é ruim, mas num sei, eu não estudei porque não tive oportunidade, só fiz o segundo ano primário, mas quando eu tenho oportunidade eu dou até uma palestra, já dei várias palestra com meu segundo ano. Então, é...eu digo a vocês que hoje eu posso dizer que sou um homem dignamente porque Deus me ensinou em primeiro lugar através do meu pai e o conhecimento na palavra de Deus, mas eu digo a você, a criança trabalhar nunca foi ruim nem vai ser ruim, porque ensina a ser gente é trabalhar desde criança, porque eu conheço lá no meu lugar mesmo as criança que trabalharam tudin deu pra homem e hoje os que não tão trabalhando tão dando tudo pra vagabundo, fumando maconha e crack e os que trabalharam, nenhum deu pra ruim porque foi ensinado como homem a trabalhar, num estudaram, mas (...) eu me acomodei um pouco, mas depois tive a oportunidade de estudar, mas hoje eu vejo aí, os filhos com 18 anos 20 anos, num quer trabalhar, num quer estudar, aí vai ser vagabundo, não tem outro caminho não, é vagabundo, por isso que o mundo ta assim, uma criança trabalhar é válido, eu acho que seja, no meu ponto de vista (...)

O universo citadino lhe foi apresentado somente no período da adolescência, quando o senhor Inácio<sup>40</sup> saiu do âmbito familiar a procura de emprego na cidade grande, sua saída da zona rural e sua chegada à cidade do Rio de Janeiro são marcadas pelo estranhamento. Albuquerque Junior (2003, p.101) fundamentado em Freyre relata de forma panorâmica a preponderância da cidade enquanto um dos fatores responsáveis pela crise da sociedade patriarcal e delinea as mutações subjetivas provocadas pela experiência citadina.

A cidade é o lugar do estranho, do diferente, do não-rotineiro, da mudança, do combate e do distanciamento das manifestações tradicionais da cultura. É o apego do desenraizamento, da desterritorialização, da falta de apego à terra, de fim do

idílio com a natureza. Espaço da confusão de cores, de gentes, de cheiros, de muito ruído.

Nesse espaço de confusão de gentes, cheiros e ruídos o senhor Inácio<sup>40</sup> não conseguiu ficar muito tempo, apenas 04 anos, pois decidiu voltar para a Paraíba. Sua infância e parte de sua adolescência fora construída na relação com o campo, sob a ética do trabalho, fator que o faz defender o trabalho infantil enquanto uma experiência educacional necessária para formação da dignidade do indivíduo. Esta valorização positiva do trabalho infantil encontrada na fala do senhor Inácio<sup>40</sup> é comum entre as famílias pobres, que vivem na atividade laboriosa um lugar de aprendizado da disciplina e de valores morais necessários à formação do indivíduo, e não como desvio de função, que é um dos aspectos discutido pelos programas institucionais que apregoam a erradicação do trabalho infantil<sup>41</sup>.

A associação do trabalho com o mundo da ordem, tornando-o fonte de superioridade moral, leva também à valorização do trabalho dos filhos. Como o do homem e da mulher, o trabalho dos filhos faz parte do compromisso moral entre as pessoas na família. (Sarti, 2003, p. 103-104)

Outros relatos de experiências infantis corroboram o lugar de infância marcado pela relação entre campo e trabalho discutida através da fala do senhor Inácio.<sup>40</sup> Ao relembrar as experiências de infância a senhora Dora<sup>39</sup> enfatiza esse lugar marcado sob a égide do trabalho:

A minha infância foi mais no sítio, eu morava com meus avós, aí lá eu vivia plantando feijão, plantando milho e apanhando algodão. E na época da colheita do arroz, era mei dia em ponto com um chapéu de palha, que não tinha tamanho, na cabeça batido e molhado, era pro modo os passarinho não comerem o arroz, agora isso pra ganhar um vestido durante o ano todin. E então, a minha infância mesmo pra brincar de boneca eu só tinha uma chancezinha quando eu vinha na casa de meus pais, mais minha infância foi todinha dentro do mato.

---

<sup>41</sup> A título de exemplificação apresentamos o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), um dos principais programas que tem o objetivo de erradicar o trabalho de crianças e adolescentes no país. É desenvolvido e mantido pelo Governo Federal desde 1996 e conta com o co-financiamento dos estados e a execução direta dos municípios.

A senhora Eva<sup>42</sup> também vivenciou esse lugar de infância marcado pelo trabalho árduo na roça, pela ausência de uma educação escolar, por dificuldades financeiras e relembra com tristeza sua experiência de infância:

Não brinquei de boneca, nem estudei, passei minha infância no cariri, na fazenda Quixaba. Eu não tinha estudo, fiquei com meus irmão, meu pai morreu, quando eu nasci meu pai morreu, aí minha vida foi essa, só vida de doido, não tive alegria pra nada. Trabalhava na roça, só alimpar mato, eu alimpava porque meu padraсто botava, mãe casou duas vezes, mas só foi pra sofrer, eu num conto nenhuma vantagem da mocidade, to contando agora, porque eu nasci agora, depois que entrei nesse Centro de Convivência viu!

Mais uma das participantes da oficina de memórias pede para expor suas memórias de infância, a senhora Lia<sup>43</sup>. Caminha com dificuldade até chegar ao centro do círculo, pois tivera um AVC (Acidente Vascular Cerebral) recentemente, se expressa também com muita dificuldade e com muita emoção, à medida que sua fala vai sendo expressa pausadamente, lágrimas escorrem em sua face. Contudo, ela afirma querer continuar a narrativa sobre sua experiência infante.

Eu trabalhei muito no sítio, era um sítio lá em Puxinanã, meu pai não deixava a gente estudar, minha mãe escondia uma boneca debaixo da cama pra meu pai não ver, porque se ele visse batia muito. Um dia eu tava conversano com minha mãe, falano que eu tava com saudade da minha tia, queria ver ela, aí meu pai chegou e perguntou gritano o que a gente tava conversano, eu disse que não era nada não, só tava dizeno que tava com saudade da minha tia, daí ele me bateu muito, muito, disse que não era pra eu sair de casa, ele só deixava ir pra igreja com minha madrinha. [...] quando ele ia cortar o cabelo a gente brincava, mas era bem escondido. [...] hoje eu dou pras minha netinha o que eu não tive, eu compro muitas bonecas (...).

Sua infância fora marcadamente uma experiência de proibições, de desejos recalcados, anseios reprimidos, o repressor dos seus desejos de infância foi seu pai, a figura autoritária paterna, responsável pelas determinações que cada membro da família deveria seguir. Mas, apesar da senhora Lia<sup>43</sup> está inserida nesse cenário de dominação, comandado pelo seu pai, com vistas à obediência irrestrita, linhas de fuga foram produzidas, “maneiras de fazer” cotidianas sub-repticiamente foram tecidas. Astuciosamente foram criados meios que possibilitaram a experimentação das brincadeiras de infância, a saída do pai para cortar o cabelo era um dos momentos que a senhora Lia<sup>43</sup> utilizava para brincar de boneca e para falar

<sup>42</sup> Entrevista concedida a autora no centro de Convivência no dia 24 de Novembro de 2009.

<sup>43</sup> Entrevista concedida a autora no centro de Convivência no dia 24 de Novembro de 2009.

com sua mãe sobre seus desejos infantis. Mediante à produção astuciosa e silenciosa da senhora Lia,<sup>43</sup> a proibição paterna não impossibilitou suas brincadeiras de infância.

Estas brincadeiras de infância reprimidas na infância dos sujeitos supracitados, conforme narrado, se transformam em uma prática permitida e constante na infância delincada discursivamente pela senhora Emília<sup>44</sup>. Outro cenário infante é (re)desenhado por ela, embora comungue da mesma demarcação temporal dos outros sujeitos entrevistados, a demarcação espacial se diferencia, sua infância fora vivenciada integralmente numa cidade capital, a liberdade foi um dos aspectos marcante de sua fala na descrição de sua infância.

“Eu hoje sou feliz porque tenho essa infância dentro de mim.” Essa infância reportada na fala da senhora Emília<sup>44</sup> foi construída pela sua narrativa enquanto uma experiência maravilhosa, viva de sentidos.

Se eu fosse falar, essa semana não daria pela minha infância, mas primeiro de tudo eu tive uma infância assim, eu era uma menina alta, bem magrinha, então minha perninha era assim como a da Maria bem fininha [Maria é uma senhora participante do Centro de Convivência], eu era toda magrinha, mas eu fazia tudo que tinha direito, foi uma infância maravilhosa, eu fui criada pelos meus avós, sabe! E eu brinquei, eu brincava na rua, porque naquele tempo a gente tinha a liberdade de brincar na rua, eu brincava de rica rica ‘eu sou rica rica rica de mavé mavé...’, eu brincava de casamento oculto, de fita, de fruta, sem pensar nos cozinhados que a gente fazia na porta de casa de noite, eu morava em Macció, eu com dez anos eu saía pra praia pra tomar banho, naquele tempo não tinha tarado nem nada, jogar vôlei, eu jogava rasteirinha de peão, pegava na palma da mão, pipa, eu fazia tudo que tinha direito. Um dia eu saí, tinha um sapateiro que tinha 7 filhas, então ele ia pescar todo domingo, aí um dia ele foi pescar levou as filhas todinhas né, meninas da minha idade, nesse tempo eu acho que eu já tinha uns 12 anos, aí levou aquela turma todinha pra pescar no cais do porto, longe, a gente andava um pedaço né! Passava a praia e ia pescar, aí eu disse ah! eu vou com seu Giverto, aí fui não avisei nada a minha mãe porque ela não ia deixar né, menino! Aí quando eu dei fé o tempo tava escuro e minha mãe doida em casa procurando, procurando, ela ficou detrás da porta com um tênis ‘criolo’ que se usava naquela época, nunca me esqueci disso, era um tênis branco, ‘criolo’ que tinha, é porque hoje em dia os tênis são sofisticados, mas naquela época era só aquele tipo, mas menina! ela detrás da porta escondidinha que quando eu passei ela me pegou com esse tênis ‘criolo’, pense numa ‘piza’. Mas aí minha infância foi maravilhosa, eu era uma menina muito ativa, com dez anos eu já negociava, não era que eu tivesse condições de...[nesse instante ela faz o gesto de dinheiro] porque minha família era abastada né, o lado dos meus avós, não me faltava nada, mas eu era uma menina muito interesseira, eu tirava cajarana da cajaraneira, eu levava pro colégio, eu vendia, eu fazia quadros, eu negociava e a minha vida foi muito ativa, tive uma infância ma-ra-vilhosa né, por isso que eu ainda hoje ainda sou feliz porque eu ainda tenho essa infância dentro de mim, então eu brinco, danço, eu danço a dança cigana. Eu tive uma infância maravilhosa, com tudo que tive direito, sem contar nas brigas né, que eu era tão magra que me botavam o apelido de esqueleto humano, mas só que eu era braba né!(...)

<sup>44</sup> Entrevista concedida a autora no centro de Convivência no dia 24 de Novembro de 2009.

Ao (re)desenhar suas experiências de infância, a senhora Emília<sup>44</sup> constroi a infância sob os signos das brincadeiras e travessuras, da liberdade de brincar permitida por seus pais, diferentemente das infâncias do interior do nordeste, vivenciadas no campo, marcadas pelo labor e pelas ausências de oportunidades. Conforme assinalou Albuquerque Junior (2003, p. 61) ao descrever a crise da sociedade patriarcal e o papel da cidade nas mutações subjetivas, os valores trazidos pela educação urbana eram distintos daqueles apreendidos no campo e, portanto, reveladores de outro modelo de infância.

As mutações subjetivas provocadas que a educação urbana das novas gerações das elites teria provocado levava a uma progressiva dissensão em relação aos valores e costumes predominantes na sociedade agrária e escravocrática, entre eles o da obediência cega aos pais (...)

A pluralidade experiencial das infâncias trazidas pelas memórias afetivas dos sujeitos idosos participantes do Centro de Convivência revela adaptações, (re)apropriações, (re)significações dos papéis sociais instituídos normativamente às categorias etárias, revela um amálgama de sentidos e significações, que possibilitam o transitar pelos lugares infantis instituídos e pelos não-lugares construídos nas/pelas experiências do cotidiano.

#### **4.1.2. Memórias das sensibilidades juvenis**

As representações juvenis dos sujeitos idosos são expressas nas conversas individuais, em meio aos intervalos das práticas de socia(bi)lidades, em conversas delineadas por tons informais desencadeadas antes da chegada ao Centro de Convivência e configuram-se em relatos sensíveis, os quais expressam lembranças marcantes, - assim como foram as lembranças infantis -, lembranças que desabafam os (res)sentimentos guardados. Nessa perspectiva, as lembranças são tomadas como um dos lugares possibilitadores da ressignificação das histórias de vida e da construção de uma narrativa preocupada com o questionamento dos lugares sociais atribuídos às categorias etárias.

As memórias juvenis, de acordo com a narrativa de muitos idosos entrevistados, revelam identidades construídas sob o signo da responsabilidade, advindas com a aquisição

do casamento, fenômeno que se configura enquanto fator de delimitação da juventude que nasce atrelada à ideia da adultez. Para os sujeitos investigados a demarcação juvenil é intrínseca à categorização da idade adulta, período marcado pela saída da casa paterna e entrada no universo de constituição da própria família, com a instituição do casamento. Nesse universo investigado e configurado por meio das memórias afetivas, o casamento é vivenciado enquanto obrigação social, espaço de realização dos papéis centrais na organização familiar, para as mulheres a continuidade da ausência de liberdade, antes tolhida pelos pais e agora reprimida pela figura do marido, para os homens, a aprovação de seu papel de provedor.

Esta associação entre juventude e casamento se presentifica nas narrativas da maioria dos sujeitos entrevistados, principalmente nas narrativas das mulheres, que ao se reportarem às experiências juvenis vinculam-nas à experiência do casamento. Ao narrar sobre suas experiências juvenis, a senhora Hilda<sup>45</sup> relembra, timidamente, o cenário amoroso vivenciado antes do casamento e se debruça com mais ênfase na sua experiência matrimonial.

Eu me casei com 18 anos, mas antes namorava escondido, me apaixonei com 15 anos quando ele me deu um beijo, eu nem dormia de noite, pensei que tava grávida. (...) fiquei casada durante 20 anos (...) eu pensava que as vizinhas tinham amantes e que meu marido não tinha, me enganei, pois ele tava me traindo com uma morena ralé, uma dona que ele trouxe lá da Bahia, antes disso, minha vida era pra luxar, ele era tão bom pra mim que eu cheguei a abusar dele, ele era também muito ciumento, eu me sentia muito presa. (...) a minha liberdade não tem preço, por isso que eu to sozinha, pois arrumei um véi que tinha 77 anos e eu com 55, ele não deixava eu sair, fechava a porta de 06 horas, o véi não fazia nada, tudo despencava. (...) esperei tanto tempo um amor, uma paixão e nada, agora eu tenho uma paixão, mas é uma paixão proibida, eu adoro música e quando escuto fico pensando se a minha paixão tivesse aqui, mas a minha paixão é proibida. (...) Ah se fosse eu! Quando assisto as novelas eu digo: ah se fosse eu! Eu queria arrumar uma pessoa que me amasse, que eu amasse, vou mandar meu filho botar na internet: mulher de 65 anos procura um amor de 60.

Suas memórias de juventude são delimitadas a partir de uma demarcação experiencial, escolhida para representar este lugar juvenil vivido por ela: as relações amorosas. Primeiramente, o namorado escondido que tivera com quem sonhava à noite, depois a experiência matrimonial, que se estendeu por 20 anos. Seu discurso sobre o casamento, tomado enquanto experiência que marcara sua juventude se torna ambivalente, pois, à medida que ela enfatiza a relação conjugal como uma experiência benéfica, por seu marido representar um homem que lhe proporcionava luxo, também a descreve como uma

---

<sup>45</sup> Entrevista concedida a autora no centro de Convivência no dia 04 de Setembro de 2007.

experiência negativa, principalmente pelo sentimento de prisão respaldado no ciúme do marido, figura que também representou a traição.

Ao falar sobre suas experiências amorosas da época da juventude a senhora Hilda<sup>45</sup> não se desvincula das experiências vividas no presente, o seu lugar de fala é delineado por meio de suas práticas cotidianas, do que ela está vivendo no presente. As suas memórias juvenis enfatizam as ausências afetivas, as possibilidades amorosas que ela não teve e, a partir desse cenário de percepção e de resignificação delineado em sua fala, portanto, ela reescreve a possibilidade de construção de novas sensibilidades amorosas.

As lembranças juvenis expressas pela senhora Idalina<sup>46</sup> também enfatizam o aspecto amoroso, as relações afetivas construídas antes do casamento, enquanto demarcação experiencial representativa de sua juventude.

Me casei com 19 anos e fiquei casada até 71, foi quando meu marido morreu. Mas antes deu me casar, eu namorava num banquinho e minha mãe ficava no meio. (...) eu era tão bunitinha quando eu era nova, agora to toda engiada! Mas a gente fica diferente viu, se você vê as fotos! [referência as fotos da época da juventude]. (...) Namorar era só olhar, nem pegar na mão podia, mas sabe quem vei me dar um beijo no rosto?! O noivo, às escondidas... até um dia desse eu era inocente... sempre a moça era mais nova e o rapaz mais velho!

Em meio ao discurso da senhora Idalina,<sup>46</sup> encontramos uma expressão nostálgica dos tempos da juventude referente à estética corporal, sua narrativa, no entanto, tece uma associação entre beleza e juventude, aspectos apresentados em seu discurso enquanto sinônimos. Quando vivenciava os tempos áureos da juventude, a senhora Idalina<sup>46</sup> sentia a beleza presente no seu corpo, mas essa beleza, com o avançar dos anos, cedeu espaço para a feiúra, percebida por ela através do aparecimento das rugas em seu corpo “(...) agora to toda engiada (...)”. Ao construir uma narrativa que tem como um de seus aspectos a exaltação da estética jovem associada à cultura performática da beleza, a senhora Idalina<sup>46</sup> compartilha com os discursos que elegem os corpos jovens como socialmente aceitáveis e os corpos velhos como repugnáveis, um ideal padronizado de beleza.

Os (res)sentimentos também marcam a configuração desse cenário simbólico de lembranças e nutrem a representação das identidades juvenis. De acordo com Ansart (2004)

<sup>46</sup> Entrevista concedida a autora no centro de Convivência no dia 04 de Setembro de 2007.

os sentimentos que melhor definem a palavra ressentimento são os rancores, a raiva, os desejos de vingança, as invejas; estas manifestações de sentimentalidade também se encontram presentes nas narrativas dos sujeitos entrevistados, os quais relembram suas experiências do passado sob o prisma dos (res)sentimentos acumulados no cotidiano das suas experiências de vida.

A senhora Cecília<sup>47</sup> ao relembrar o período de sua juventude o faz com muito ressentimento, principalmente por relembrar as oportunidades que não teve e as escolhas que não fez. A partir destas memórias do passado ela fala genericamente sobre as experiências de seus dois casamentos, o primeiro como uma experiência de “destruição” e o segundo como uma experiência duradoura, mas assentada sob uma convivência fraternal “(...) eu estou casada faz 55 anos, mas a gente é como dois irmão, a convivência de casal jamais!”

Eu tive uma adolescência sofrida, fui criada pelos meus avós desde os 06 anos, eles eram agricultores e não me colocaram na escola e sim na enxada, desde os 10 anos.[...] só estudei até a 5ª série, não tinha condição, eu lembro que a professora passou um dever e eu não tinha onde escrever aí eu deixei. [...] minha mãe se envolveu com outro homem e por isso que me entregou a meus avós, eles me criaram até os 13 anos quando eu vim pra'qui [referência a Campina Grande], daí comecei a trabalhar na Indústria, depois dos 17 eu comecei a namorar e foi só destruição, 16 anos de duração do primeiro casamento, tive 02 filhos e do segundo eu tive 07 filhos.

Esse cenário de experiências e sensibilidades juvenis representado pelas memórias afetivas dos sujeitos idosos é bastante revelador de sentimentos múltiplos, silêncios e (res)significações que ganham visibilidade a partir das narrativas tecidas por esses sujeitos. Assim como as falas da senhora Hilda,<sup>45</sup> da senhora Idalina<sup>46</sup> e da senhora Cecília,<sup>47</sup> as lembranças juvenis relatadas pelo senhor Gilberto,<sup>48</sup> homem de 73 anos de idade, frequentador do Centro de Convivência há 03 anos e meio, nos possibilitam pensar esse universo sensível e plural encontrado nas subjetivações etárias, nas (res)significações que cada sujeito constrói a partir de suas experiências de vida e, nessa perspectiva, nos propomos a questionar os lugares sociais construídos para os jovens.

Encontramos na narrativa do senhor Gilberto<sup>48</sup> muitos (res)sentimentos acumulados devido à sua experiência de vida marcada por proibições e privações, por não ter tido e por não ter vivido a liberdade, delineada por ele enquanto marca da juventude.

<sup>47</sup> Entrevista concedida a autora no Centro de Convivência no dia 16 de Agosto de 2007.

<sup>48</sup> Entrevista concedida a autora no Centro de Convivência no dia 20 de Março de 2009.

Eu tive uma adolescência péssima, era muito rigoroso, minha mãe reprimia muito. [...] Não é que eu tenho medo de morrer, eu tenho medo de como vou morrer, e agora um mundo maravilhoso e tem tanta proibição besta num tem?! Tanto tabu, tanta proibição, privação, privações entendeu, proibições e agora eu vejo um mundo maravilhoso de liberdade entendeu?! E eu sofri tão oprimido, não vivi quando eu deveria viver, eu não vivi, não tivemos aquela liberdade, tudo era proibido. (...) A minha experiência não foi muito legal, eu casei sem ter muita experiência.

Ao reconfigurar as lembranças da juventude, O senhor Gilberto<sup>48</sup> faz com muita emotividade, aspecto que se manifesta através de sua fala, gestos e silêncios. As conversas são longas, as dores e tristezas provocadas pelo arrependimento de não ter vivido uma juventude liberal, cartografada nas escolhas e desejos próprios, emergem durante sua narração.

Ele costuma andar com uma pasta preta que atíça a curiosidade dos outros participantes do Centro de Convivência. Suas memórias, na maioria das vezes, são pontuadas a partir da abertura desta pasta, nela encontram-se vários textos, suas leituras preferidas, reportagens de jornais, artigos de opinião entre outros. Em um dos momentos da pesquisa, ele retira um texto, uma reportagem que fala sobre sexo e fetiches, apresentados como fenômenos normais. A partir da leitura do texto ele começa a discutir o assunto, ele faz questão de enfatizar o quanto é normal falar desse assunto na atualidade e relembra o período de sua mocidade marcado pela proibição de mencionar estes assuntos, “(...) essas questões eram tabu”.

Os indícios de desejos sexuais reprimidos durante sua juventude aparecem com frequência durante as conversas, ele faz questão de dizer que foi um homem muito correto, “(...) fiz tudo para ser santo, consegui apenas ser correto (...)”, e que vê o feminino de forma diferente dos outros homens. Para ele a mulher é associada ao sagrado, a mulher é o ser enviado de Deus, “(...) eu adoro tudo que exala da mulher, os cheiros, os gostos, a menstruação, a geração de um filho, são verdadeiros dons que a mulher possui”. Durante toda sua vida ele diz que sempre gostou de tratar a mulher com muito carinho e muito respeito, mas tanto respeito que se sente reprimido por não ter feito nada em termos sexuais com sua esposa, pois segundo ele as relações que tiveram foram com muito respeito. E ele ainda acrescenta que “(...) não gostava de usar as mulheres como os outros homens faziam”.

Em outro momento de conversa ele retira outro papel da sua pasta, um texto que fala sobre a repressão na ditadura e, a partir da leitura, relembra um episódio vivido em meados de 1965:

Eu trabalhava no Rio de Janeiro numa repartição do exército durante a ditadura militar, e lá cheguei a ser torturado, fui interrogado por falar sobre JK, pois questioneei a retirada do nome JK de um estaleiro, eu disse: 'Por que você não destrói Brasília que ele deixou?' depois desse questionamento tive de responder a um inquérito no DOI CODI, pois suspeitaram que eu tivesse alguma infiltração. Foi uma experiência horrível, pois vi moças nuas jogadas, sendo machucadas, em uma dessas situações tive muito sentimento de pena e joguei meu casaco para uma moça que estava jogada no chão, nua, mas ao fazer isso fui espancado por um dos oficiais.

A proibição e a repressão, física e simbólica, são cartografadas na narrativa do senhor Gilberto<sup>48</sup> como marcas de sua experiência juvenil e são configuradas enquanto fatores que lhe impossibilitaram de vivenciar a juventude desejada, liberta dos preceitos proibitivos comungados pela família e pela sociedade naquele contexto. É, por conseguinte, devido à vivência de um cenário juvenil cartografado por limitações, que encontramos no discurso do senhor Gilberto<sup>48</sup> traços de ressentimentos e de um forte embate simbólico com a velhice. A velhice se apresenta para ele como o seu "outro", um outro que lhe retira a possibilidade de viver intensamente seus desejos, de recomeçar, de acordo com suas palavras lhe impossibilita de ser jovem novamente e lhe impede de viver o casamento desejado na juventude. Sentir-se velho o faz desistir de lutar por seus sonhos, o faz sentir-se limitado, portanto, ele se vê condicionado a viver das lembranças tristes, do que não fez, do que não teve quando jovem, das ausências, das saudades, das sombras do tempo.

Ele afirma sentir saudade do que não viveu, do que poderia ter feito durante os anos de sua juventude, este sentimento de saudade emerge cheio de ressentimentos, assim como emergem nas falas dos outros idosos pesquisados, os quais localizam, em suas narrativas, as ausências da experiência juvenil e as utilizam como instrumentos de representação dessa experiência etária.

A maioria dos idosos entrevistados delineou em seus discursos uma experiência juvenil marcada por proibições e silenciamentos. Estes idosos encontram nos espaços oferecidos pelos grupos de terceira idade a possibilidade de ressignificação de suas identidades etárias, que se tornam fluídas em meio às práticas hedonistas proporcionadas pelos novos *scripts* construídos nesses grupos, os quais visam construir novas sensibilidades

senescentes. Portanto, os grupos de terceira idade são tomados como espaços incentivadores dos diálogos com as sensibilidades jovens que não foram vivenciadas durante a vida dos sujeitos idosos participantes. É deste modo, na territorialidade festiva propagada pelos espaços de convivência, que os idosos visualizam as possibilidades de reativação de seus desejos infantis e juvenis silenciados durante anos.

#### 4.2. “EU NÃO SOU VELHO, EU SOU IDOSO”<sup>49</sup>: DA VELHICE À TERCEIRA IDADE

Devido à perda de conexão com um grupo etário específico, a juventude vem deixando de ser apenas uma categoria etária e vem se transformando em valor (DEBERT, 2004), em um ideal que, de acordo com as representações sociais, torna-se passível de ser eternamente perseguido. Swain (2006), fundamentada nas discussões propostas por Foucault, discute a velhice enquanto “abstração materializada pelo biopoder”, representada em um cenário polarizado de grupos divididos em “juventude versus velhice”, e, portanto, neste viés de análise, a velhice seria vista através da ótica do referente juventude e, por conseguinte, estaria inserida entre as heterotopias do desvio.

(...) a ‘velhice’ não passa de uma representação social que polariza e hierarquiza o humano para melhor excluir, para melhor controlar, para melhor cindir as forças de resistência. [...] para Foucault, a velhice estaria entre as heterotopias do desvio, ‘[...] aquelas nas quais se coloca os indivíduos cujo comportamento é desviante em relação à média ou à norma exigida [...]’

A busca deste valor juvenil estimulada pelo imaginário social se presentifica no universo cartografado pelos grupos de terceira idade, os quais se propõem a investir na representação do envelhecimento e da velhice sob os signos da atividade e da autonomia. Os sujeitos idosos entrevistados no Centro de Convivência se relacionam e dialogam com essa juventude simbólica estimulada pelos grupos de terceira idade, a experimentação da velhice sob o signo da terceira idade aciona os desejos infantis e juvenis que foram recalcados

<sup>49</sup> Fala expressa pelo senhor Damaceno<sup>37</sup> durante a realização de uma entrevista no Centro de Convivência no dia 06 de Março de 2009.

durante as outras etapas da vida e induz esses sujeitos idosos a elegerem a velhice como a melhor fase da vida.

O investimento dos grupos de terceira idade em uma velhice ativa é um fator preponderante nesse universo de análise. Os sujeitos velhos ganham visibilidade quando negam e assumem uma postura individual de gestão de sua própria velhice, quando são dotados discursivamente de competência para redefinir os novos espaços do envelhecer de forma ativa, tendo o controle físico e emocional exigido para a definição dessa nova imagem instauradora de uma velhice bem sucedida. Esse fenômeno é discutido por Debert (2004) como “reprivatização” da velhice, a transformação da velhice numa responsabilidade individual é um dos fatores que tem se tornado predominante nos discursos sobre a gestão da velhice na contemporaneidade. De acordo com esses discursos a responsabilidade pela gestão da velhice é delegada aos próprios idosos, os quais aparecem como os únicos responsáveis por sua condição, eximindo, dessa forma os esforços coletivos.

(...) a visibilidade conquistada pelas experiências inovadoras e bem sucedidas fecha o espaço para as situações de abandono e dependência. Estas situações passam, então, a ser vistas como consequência da falta de envolvimento em atividades motivadoras ou da adoção de formas de consumo e estilos de vida inadequados. (Debert, 2004, p. 15)

É indiscutível a crescente atuação dos programas voltados para os idosos, como os grupos de terceira idade, e a consequente responsabilidade no que diz respeito à visibilidade social dessa categoria etária que tendencialmente foi silenciada durante muito tempo. Contudo, mediante esse cenário de visibilidade e dizibilidade trazido pela construção dos grupos de terceira idade, cabe ressaltar as armadilhas criadas em torno da construção das categorias de idade, visto que, algumas experiências propostas por esses grupos tendem a homogeneizar os idosos por critério etário e, por conseguinte, aprisionar as diferenças. No tocante a essa discussão Lopes (2006, p. 10) traz uma abordagem desse universo de categorização e padronização etária.

A armadilha consiste em apresentar idosos saudáveis e produtivos como o único modelo aceitável de envelhecimento, relegando os menos saudáveis e menos produtivos a uma outra categoria, com status mais baixo e menor legitimidade. Assim, não é incomum categorizar idosos ativos e produtivos, independentemente de terem 60, 70, 80 ou mais anos como pertencentes à Terceira Idade. Ao mesmo tempo, os que não correspondem a esse padrão modelar são simplesmente chamados de velhos, com todas as conotações negativas inerentes ao termo.

A partir desse cenário de categorização etária construído pelos grupos de terceira idade, cria-se, portanto, uma atmosfera de idealização da velhice, onde os grupos de idosos vivem à sombra da juventude e de seus mitos. A maioria dos idosos entrevistados no Centro de Convivência expressa essa elaboração simbólica que o definem como sujeitos ativos, jovens, na medida em que vivenciam esses sentimentos de jovialidade que não puderam vivenciar durante o período de suas juventudes. Todavia, as ambivalências se tornam práticas correntes nas narrativas destes sujeitos quando o assunto é representação da velhice. Os discursos dos idosos investigados transitam entre a negação da velhice fisiológica e psicológica sucumbida pelas novas propostas identitárias de velhice e a reafirmação, em alguns momentos das entrevistas, dos lugares senescentes construídos sob a égide do desengajamento, decadência e perdas.

Durante a realização de uma entrevista no Centro de Convivência as colocações do senhor Damaceno<sup>37</sup> foram enfáticas no que diz respeito à sua percepção sobre velhice: “Eu não sou velho, eu sou idoso [...] idoso é apenas uma pessoa de idade, o velho se recolhe, se entrega, não procura viver a vida [...] eu não me sinto velho, ser velho é não gostar da vida”. Ao evidenciar um lugar de fala que encontra respaldo nos discursos que se propõem a determinar a experiência de envelhecer na contemporaneidade o senhor Damaceno<sup>37</sup> faz questão de ressaltar a velhice como a melhor fase que já viveu, principalmente pela sensação de liberdade e de autonomia.

A explicação sobre o que é ser velho e o que é ser idoso tecida na narrativa do senhor Damaceno<sup>37</sup> é convergente com a definição de velhice esboçada pelo senhor Caetano<sup>24</sup> quando perguntado se sentia-se velho: “Deus me livre, não me acho velho [...] a gente tem vida não somos velhos”. A associação entre velhice e morte é latente no discurso do sujeito entrevistado, ao enfatizar que não se sente velho porque tem vida, comunga com a ideia, bastante difundida no imaginário coletivo, de finitude trazida pela velhice, de acordo com Bobbio (1997.p. 27) “(...) a velhice, última fase da vida, exprime um ciclo que se avizinha do fim”.

A fuga deste tempo finito, tempo que traz a consciência da morte se consubstancializa socialmente por meio do silenciamento da morte que passa a ser encarada como tabu. De acordo com Elias (2001), em nossa sociedade contemporânea ocidental, as pessoas tendem a fugir da ideia de finitude, tornando-se, portanto, visível a dificuldade que as pessoas têm de identificar-se com os velhos e moribundos. Ele diz que o afastamento da ideia de morte é uma

tentativa de fugir da lembrança de nossa própria morte, a morte é empurrada para os bastidores da vida social e os moribundos também. “(...) a partida começa muito antes [...] muitas pessoas morrem gradualmente; adocem, envelhecem [...] a fragilidade dessas pessoas é muitas vezes suficiente para separar os que envelhecem dos vivos. Sua decadência as isola.” Elias (2001, p.8).

Conforme destaca Swain (2006, p.261, 262) a ideia de morte social também perscruta o imaginário coletivo:

Vida e morte colidem no estado da velhice, mas em algum momento é a morte que triunfa. A velhice é a marca da morte em nossos corpos e peles, em nossos olhos, em nosso olhar, mas também o é a doença, o medo, o ódio, o poder que dissolve as entranhas, ao decretar na norma, o direito à vida.[...] em nossa sociedade, a velhice é considerada a antecâmara da morte, uma morte em vida: para as mulheres, a essência que lhes é atribuída, a procriação-sedução desaparece, reduzindo-as a corpos inexpressivos; para os homens, a virilidade minguava, murcha.

A concepção de velhice associada a um processo de perdas, de decadência física, de desengajamento social foi construída pelos discursos provenientes da Geriatria, saber que toma a velhice enquanto objeto de estudo e se torna responsável, em conjunto com os discursos incipientes da Gerontologia, pela constituição da velhice enquanto categoria social. Os discursos provenientes da Geriatria instituíram um modelo de velhice pautado no determinismo fisiológico, ao criar uma imagem de velhice associada a perdas biológicas, emocionais, sociais, modelo que foi disseminado para outros campos do saber. De acordo com Silva (2008a, p.4):

(...) a definição médica da velhice disseminou-se para outros campos de saber e determinou amplamente o seu espectro no imaginário cultural, alimentando os discursos do Estado, as formulações de políticas assistenciais e a formação de outras disciplinas como a gerontologia.

Até a década de 1930 a Gerontologia ficou praticamente restrita aos aspectos biológicos do envelhecimento e da velhice, apenas sendo alargado posteriormente o papel da interdisciplinariedade para o estudo dos múltiplos aspectos do fenômeno do envelhecimento. Os discursos provenientes da Gerontologia tentam firmá-la como ciência do envelhecimento a partir das ideias defendidas por Metchnikoff, um cientista renomado que propunha a criação de uma nova especialidade, a Gerontologia em 1903, e, mediante esse panorama de criação e

sistematização desse novo campo do conhecimento, a Gerontologia se configura enquanto disciplina que começa a ser pensada numa dinâmica científica e interdisciplinar. Sobre esse aspecto nos informa Netto (2002, p.07):

[a gerontologia começa a ser pensada] (...) como uma disciplina científica multi- e interdisciplinar, cujas finalidades são o estudo das pessoas idosas, as características da velhice enquanto fase final do ciclo de vida, o processo de envelhecimento e seus determinantes biopsicossociais.

A formação desses saberes médicos, identificados nas discussões da Geriatria e da Gerontologia conforme explicitado acima, em conjunto com a institucionalização das aposentadorias se consubstanciam em fatores responsáveis pela tomada da velhice enquanto objeto de estudo, fenômeno delineado a partir do século XIX no contexto demarcado pela modernização das sociedades ocidentais que tem como uma de suas caracterizações a fragmentação do curso da vida em etapas, com a nítida separação e especializações funcionais para cada idade.

A institucionalização da aposentadoria começa a ocorrer no decurso da segunda metade do século XIX quando a velhice passa a ser objeto do discurso de legisladores sociais e são criadas instituições específicas como as caixas de aposentadoria. (SILVA, 2008a, p. 6)

As primeiras discussões políticas sobre as criações da Caisse Nationale francesa datam de 1850, quando surgiram dúvidas sobre o tratamento a ser dispensado aos incapazes de trabalhar e garantir o próprio sustento. [...] Os sistemas de aposentadoria surgiram como parte de um espectro mais amplo de preocupações que tomavam conta do cenário francês desde a segunda metade do século XIX e que diziam respeito à contenção do 'perigo social' representado pela massa dos trabalhadores.

A partir dessa configuração que começa a se estabelecer a partir da segunda metade do século XIX, as imagens relacionadas à velhice vão se tornando insistentemente próximas à incapacidade, devido à delimitação identitária provocada pela posição do indivíduo no trabalho. Essas imagens são apropriadas pelos formuladores de políticas assistenciais e utilizadas para a caracterização da velhice como categoria política. No tocante a esse ponto destaca Silva (2008a, p.6):

As campanhas pelos direitos à aposentadoria utilizaram intensamente as definições depreciativas da velhice oriundas do discurso geriátrico, tomando-as como estratégia para reivindicar a instalação de políticas de atenção à velhice. O discurso

gerontológico também estava implicando com o processo de institucionalização das aposentadorias e contribuiu para a ampliação do debate sobre os direitos dos aposentados com a inclusão de aspectos sociais, psicológicos e culturais no rol das reivindicações políticas.

Estas preocupações supracitadas estão no *locus* do cenário francês que se propõe a lançar um olhar sobre a problemática trazida pela massa dos trabalhadores (Peixoto, 2007). Concomitantemente ao processo de instauração dos sistemas de aposentadoria surgem os agentes especializados na gestão da velhice, responsáveis pela transferência de responsabilidades das famílias. A França é pioneira no que podemos chamar de uma “política de velhice”, um conjunto de discursos e práticas que tomam a velhice como objeto e possibilita, dessa forma, o surgimento da terceira idade, fenômeno que remonta às últimas décadas do século XX.

A ‘terceira idade’ também é uma criação recente das sociedades ocidentais contemporâneas. Sua invenção implica a criação de uma nova etapa de vida que se interpõe entre a idade adulta e a velhice e é acompanhada de um conjunto de práticas, instituições e agentes especializados, encarregados de definir e entender as necessidades dessa população que, a partir dos anos 70 deste século [século XX], em boa parte das sociedades européias e americanas, passaria a ser caracterizada como vítima da marginalização e da solidão. (DEBERT, 2007, p.53)

As sensibilidades que vão marcar essa nova maneira de ser velho a partir das novas políticas identitárias que se afirmam sob o signo da terceira idade, se revestem de subjetividades múltiplas. Os conceitos classificatórios jovens idosos/ idosos velhos, ganham contornos definidores de novas subjetividades etárias, a criação de um novo vocábulo para designar a representação de um envelhecimento mais ativo, sob o signo do dinamismo nasce atrelada ao surgimento da terceira idade enquanto uma nova etapa da vida, uma categoria que representa a conquista da autonomia dos idosos através das práticas de sociabilidades.

(...) a invenção da terceira idade- nova fase do ciclo de vida entre a aposentadoria e a velhice- é simplesmente produto da universalização dos sistemas de aposentadoria e do conseqüente surgimento de instituições e agentes especializados no tratamento da velhice, e que prescrevem a esse grupo etário maior vigilância alimentar e exercícios físicos, mas também necessidades culturais, sociais e psicológicas. (Peixoto, 2007, p. 76)

Novas necessidades são criadas e aperfeiçoadas, a partir dessa (re)configuração etária que se delinea com a emergência da terceira idade e da produção de espaços de subjetividades, que adentram o cenário político, econômico, social, cultural e são (re)apropriadas nas relações de poder que se definem por meio dos discursos e das práticas envolvidas nesse processo, produzindo assim, novas identidades. Novas sensibilidades são investidas sobre esta categoria etária, a partir de uma (re)configuração no cenário discursivo que antes delimitava as representações da velhice à um processo de perdas e decadência. De acordo com Marques (2009, p. 103)

As experiências, bem como as identidades, são produzidas nos e através dos discursos. Não é possível, pois desconsiderar a força da linguagem na constituição dos sujeitos, que por sua vez, constroem suas identidades nos processos de subjetivação.

Os aparatos discursivos que envolvem o processo de envelhecer, a partir da configuração da velhice enquanto terceira idade, possibilitam a produção de subjetividades que ora se apresentam conflituosas pelo embate de não ser ou não querer se sentir velho(a), possibilidade vivenciada no universo cultural contemporâneo e refletida nas práticas e nas representações sobre as novas experiências de envelhecer em grupos de terceira idade.

Conforme esboçado anteriormente neste trabalho, a narrativa do senhor Gilberto<sup>48</sup> assume uma posição combativa à velhice. Ele diz sentir-se velho e não conseguir se livrar desse sentimento que o persegue e o impede de viver outras experiências, que segundo ele, somente seria possível se fosse jovem. Esta situação delineada discursivamente pelo senhor Gilberto<sup>48</sup> o impede de vivenciar a velhice como uma etapa significativa, diz ele que as lembranças do passado, principalmente do que não foi vivido, lhe invade a memória e lhe traz muitos ressentimentos. Ele ainda afirma que a participação no Centro de Convivência tem lhe possibilitado se desentranhar desses ressentimentos, apesar de participar pouco das atividades, consegue sentir que o estar junto no Centro de Convivência é uma das poucas práticas significativas em sua vida.

Eu não aceito a velhice, não estou conformado, eu me anulei, o tempo passou e a velhice me deu uma rasteira [...] tudo me faltou, tudo, uma vida a dois. [...] eu tive uma depressão muito forte, minha mulher fica me ignorando, ela fez isso depois que a filha cresceu, virou adolescente e então as duas viraram amiguinhas, ela quer competir com a filha, quer usar as mesmas roupas, viver de shopping. [...] Ela se arruma toda pra sair e quando está pronta pergunta se eu quero ir, eu digo que sim e que só vou tomar um banho, então ela diz que não vai esperar e assim vai embora, eu convivo dessa forma há mais de 10 anos [...] eu tenho um neto que é a minha

vida, são dois, mas tem um que é tudo pra mim, eles moravam na minha casa com a minha filha, mas ela se mudou, eu sinto muito a falta dele. [...] Quando eu comecei a vir pra'qui eu pensava que era um depósito de velhinhos, não queria vir, mas vim encaminhado e gostei [...] o afeto, a recepção daqui me ajudou muito, eu me reconhecia um náufrago.

De acordo com Swain (2004, p. 268) “A velhice, tanto quanto a juventude, é uma categoria social que cristaliza, sobre os corpos em transformação contínua, valores e significações com uma importância decisiva sobre seu lugar nas relações humanas.” A experiência de velhice delineada na narrativa do senhor Gilberto<sup>48</sup> o faz sentir-se muito limitado, impossibilitado de viver os afetos amorosos e eróticos de uma vida a dois, principalmente por ter subjetivado um lugar de velhice pautado na anulação e na interdição. Sua voz é silenciada na relação com seus familiares, principalmente com sua esposa, ele se apresenta como o “outro” marginalizado e negado, portanto, impossibilitado de sair dos escombros existenciais e simbólicos em que se encontra.

A subjetivação da velhice como uma experiência negativa, marcada por perdas e limitações também é expressa pela senhora Laura,<sup>1</sup> senhora de 64 anos de idade, participante do Centro de Convivência há 03 anos. “Eu me sinto tão velha agora, é porque eu não tenho uma foto pra te mostrar, eu tenho tanta saudade daquele tempo. (...) A vida de nova é diferente, se diverte, é nova e tem saúde, agora na velhice as doenças aparecem.” Mais adiante ela afirma: “Eu comecei a ver divertimento aqui, nunca tinha dançado antes, mas agora eu adoro dançar. (...) Nas férias eu sinto falta daqui, aqui era pra ter até no domingo.”

À medida que ela imprime em sua fala a concepção de velhice associada à perda de vitalidade diferenciando da juventude enquanto período marcado pela vitalidade e pela diversão, ela se entrelaça em um discurso paradoxal, quando afirma que conheceu o divertimento no período compreendido pela vivência da velhice, a partir das atividades desenvolvidas no Centro de Convivência. Apesar de declarar que a velhice é um processo marcado por perdas, assume que é através deste lugar possibilitado pela experiência da velhice que vivencia o que não teve durante a infância e a juventude: divertimento e a liberdade de escolha.

Os espaços físicos e simbólicos do Centro de Convivência oferecem essa possibilidade de vivências infantis e juvenis delineada pelas narrativas da maioria dos idosos entrevistados, de busca do tempo perdido. A expressão do sentimento de velhice descrita pela senhora

Dalva<sup>17</sup> é reveladora dessa elaboração supracitada. “Me sinto velha e na mesma hora me sinto uma criança, me sinto assim pela liberdade que eu tenho(...)”

A senhora Dora<sup>39</sup> define em sua fala o quão representativo os espaços do Centro de Convivência têm se tornado em sua vida, principalmente, por oferecer-lhe a possibilidade de experimentar muitas sensações que, inclusive, foram demarcadas socialmente como lugares pertencentes a outras categorias etárias: “(...) aqui a gente tem tudo, tudo! O que as crianças tem a gente também tem, é bom demais!”. Ao proferir esta citação, a senhora Dora<sup>39</sup> se refere especificamente à prática de alfabetização desenvolvida no Centro de Convivência, o espaço escolar é representado em sua fala como um lugar de infância, um lugar que não esteve presente na sua experiência de infância, mas que se torna possível no momento presente, a partir das (re)significações etárias tecidas no Centro de Convivência.

Na sala de aula, a senhora Dora<sup>39</sup> se destaca por sua indisciplina e liderança. Durante um momento de entrevista com essa senhora, durante o curso de uma aula, percebemos o quanto aquela experiência possibilitada no espaço escolar lhe permite borrar as fronteiras etárias, suas expressões revelam o transitar pelas identidades infantis e juvenis construídas sob o signo da inquietude e rebeldia.

(...) eu dou trabalho à professora, quando ela passa dever difícil eu digo logo: nem passe que eu num faço não! aqui nos somos ruins, é bagunça, mas tem que rir pra pagar o que chorei. [...] as meninas estão vendo agente zoando, cala boca aí! [nesse momento ela se direcionou às outras senhoras alunas da escola] Essa Severina só fala em namorado, [...] deu a bixiga na boca de tudim hoje, vou tirar zero cortado.

Outra senhora entrevistada, afirma que o motivo principal de sua participação no Centro de Convivência é a escola:

Eu não fui alfabetizada quando era jovem, meus pais não deixaram e agora já estou aprendendo a ler, aprendi a ler o número do ônibus, aprendi a ler as contas e também sei fazer meu nome, eu me sinto muito grata com a professora, estudar é o que eu mais gosto no Centro.<sup>28</sup>

O espaço escolar se apresenta nas narrativas dos sujeitos entrevistados como um espaço incentivador das sensibilidades infantis e juvenis, um espaço de sentidos, provocador de desejos, principalmente por não se enquadrar enquanto lugar de modelagem de corpos e mentes, por não seguir parâmetros de ensino com propósitos educacionais rígidos, conforme

encontramos nos espaços escolares convencionais. A dinâmica escolar do Centro de Convivência possibilita a emergência da criatividade dos sujeitos idosos, o aprendizado acontece nas trocas subjetivas, as histórias de vida adentram o cenário escolar e redirecionam a aprendizagem que se molda ao universo singular dos participantes.

As estéticas amorosas também são cartografadas no universo plural do Centro de Convivência e provocam uma desnaturalização dos aspectos identitários que visam definir os lugares de pertença dos diferentes grupos etários marcados por delimitações sociais e afetivas. As sensibilidades amorosas são desenvolvidas nas trocas afetivas construídas nas relações entre os sujeitos idosos, os relatos de alguns sujeitos entrevistados mostram as nuances dessas relações experienciadas no Centro de Convivência.

De acordo com o relato da senhora Teresa<sup>50</sup> a possibilidade de encontrar um namorado para constituir um novo casamento se renova a cada dia.

Eu ainda quero me casar, pois fiquei viúva e não arrumei mais ninguém, aparece direto esses rapaizinhos pensando que eu sou rica, dizendo tá apaixonado, mas eu não caio não! Eu quero arrumar um homem bonito, eu só gosto de homem bonito, homem feio não me agrada não!

A experiência amorosa proporcionada pelo encontro do senhor Juarez<sup>51</sup> e da senhora Dora<sup>39</sup> no Centro de Convivência, resultou em um namoro com vínculo afetivo bastante forte.

Eu me casei com 24 anos, tive 5 filhos e 5 netos, faz mais de 27 anos que sou viúvo, depois eu tive uns xodó, mulher só pra viração [...] depois da quadilha ela me pegou [referência a senhora Dora<sup>39</sup>], eu vivia em casa isolado e a hoje posso dizer que a minha vida melhorou.

O senhor Ronaldo<sup>52</sup> 73 anos de idade, participava das atividades do Centro de Convivência juntamente com sua esposa, mas esta faleceu. Ele relatou que após o acontecimento desta fatalidade sentiu-se muito sozinho e este sentimento de solidão o levou a pensar na possibilidade de arrumar uma namorada no Centro de Convivência.

Faz 08 meses que eu fiquei viúvo, eu sinto muita falta dela, pois não gosto de ficar sozinho, durante o dia dá pra agüentar, mas à noite é muito ruim. Eu queria arrumar uma namorada e quase consegui, pois uma senhora participante aqui do Centro

<sup>50</sup> Entrevista concedida a autora no Centro de Convivência no dia 17 de Abril de 2007.

<sup>51</sup> Entrevista concedida a autora no Centro de Convivência no dia 16 de Agosto de 2007.

<sup>52</sup> Entrevista concedida a autora no Centro de Convivência no dia 27 de Outubro de 2009.

mandou me chamar pra conversar, pois tava interessada em mim, eu fui e passei uns dias com ela, mas ela disse que não dava mais, pois estava pensando em ir pro Rio morar com uma filha. [...] Você tem quantos anos? [pergunta direcionada a mim] Por que você não tem pelo menos uns 35 anos? Porque se tivesse eu já ia perguntar se era namoro ou amizade.

A existência de homens e mulheres “enxeridos(as)” também é constatada nas narrativas e provoca a emergência de conflitos nas relações entre os sujeitos. Ao relatar suas experiências relacionais no Centro de Convivência, o senhor Gaspar<sup>25</sup> afirma que gosta de todos, com exceção de alguns homens enxeridos, principalmente um senhor que insiste em ficar sempre junto às mulheres. “(...) ele só vive entre as mulheres, dá até abuso (...)”. Este mesmo discurso reaparece no relato da senhora Isaura<sup>53</sup> ao descrever a presença incômoda de uma senhora que permanecia entre o grupo: “(...) ela é muito namoradeira, ela só quer aparecer sempre, em toda atividade ela quer sempre ser a primeira, quando a gente vai tirar foto, nos dia de festa, ela quer tá sempre na frente.”

Novas práticas de subjetivação são criadas a partir do universo experiencial oferecido pelo Centro de Convivência. Astuciosamente os sujeitos idosos inventam-se a si mesmos a partir das práticas de liberdade construídas nas relações cotidianas, os lugares determinados socialmente para delimitar as possibilidades de expressão das categorias etárias são deslocados nas/pelas práticas inventivas do cotidiano no Centro de Convivência. A experimentação desta sensação de liberdade possibilita a constituição de um novo mapa subjetivo, destoante daquele vivenciado no âmbito doméstico, relacionado às responsabilidades familiares e apontado por alguns entrevistados como fator impeditivo para a vivência dessa estética da liberdade aflorada nas relações identitárias do Centro de Convivência.

As identidades senescentes experienciadas nesse espaço são móveis, “(...) as expectativas de comportamentos dessas pessoas cronologicamente situadas” (MAGRO, 2004, p.40) são flexibilizadas, são sensibilidades que transitam entre as diferentes fronteiras etárias, entre os lugares infantis, juvenis e senescentes. Devires que se instalam através das marcas subjetivas desses sujeitos, (re)desenhadas nas cartografias geracionais que emergem das histórias de vida impregnadas de sentidos múltiplos, responsáveis pela constituição de si, pela inventividade de si.

<sup>53</sup> Entrevista concedida a autora no Centro de Convivência no dia 05 de Novembro de 2009.

## 5-CONSIDERAÇÕES FINAIS

“(...) A vida é um livro e cada dia uma página.”<sup>54</sup>

Partilhar as histórias de vida e as memórias afetivas dos sujeitos idosos entrevistados, ao longo da pesquisa, tornou-se uma experiência riquíssima para nós que nos propomos a investigar as sensibilidades senescentes na contemporaneidade. Uma experiência significativa e transformadora, conforme descreve poeticamente Larrosa (2004, p.162-163):

E experiência aquilo que nos passa, ou nos toca, ou nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. [...] A experiência é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente ex-iste de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente.

Conforme ressalta Hara (2004, p.52): “Trata-se, sobretudo, de uma experiência que provoca entusiasmos, êxtases, estados de consciência alterados típicos de um corpo que quer se expandir e criar novas significações sempre instáveis, e, não definitivas.” Um salto para dentro do informe (DELEUZE, 1992) capaz de desterritorializar nossas certezas acadêmicas, muitas vezes envolvidas em armaduras teóricas, as quais nos impedem de nos aventurarmos por novos olhares e novas travessias dentro da prática historiográfica. O universo dinâmico das práticas discursivas e subjetivas, partilhado no cotidiano dos sujeitos praticantes do espaço (CERTEAU, 1994), acionam a possibilidade de (re)criação de um novo cenário de significações, um novo plano de imanência.<sup>55</sup>

Ao colocar em perspectiva a naturalização do saber e destacá-lo enquanto transubstanciação Albuquerque Junior (2007, p. 92) nos convida a “desformar” o mundo:

Tarefa nobre não é só produzir o conhecimento, mas o desconhecimento também; não é só produzir o saber, mas o dessaber; não é só definir e se apropriar do objeto, mas fazê-lo perder-se, desdefini-lo; não é só identificar o sujeito, mas desidentificá-lo, desacontecê-lo. É preciso desformar o mundo, desnaturalizá-lo.

<sup>54</sup> Fala expressa pelo senhor Damaceno<sup>37</sup> durante a realização de uma entrevista no dia 23 de Agosto de 2007 no Centro de Convivência.

<sup>55</sup> A noção de plano de imanência é pensada por Deleuze para se referir ao campo de criação filosófica dos conceitos. De acordo com Prado Júnior (1997) “O plano de imanência é essencialmente um campo onde se produzem, circulam e se entrecrocavam os conceitos.”

As experiências de vida e as dinâmicas relacionais dos sujeitos entrevistados compartilhadas ao longo da pesquisa nos ofereceram a possibilidade de mergulhar nos mapas movediços das subjetividades etárias e de gênero. As histórias/páginas da vida de cada idoso entrevistado foram se articulando e dando corpo a esta pesquisa que investiu na desnaturalização das subjetivações etárias e de gênero. A investigação das (re)apropriações e representações dos sujeitos idosos, frente às práticas de espaço delineadas nas cartografias do Centro de Convivência, trouxe à tona um cenário de entrelaçamento de forças de territorialização e desterritorialização emergido das maneiras de dizer, ver e pensar a velhice naquela espacialidade.

As sensibilidades e identidades constituídas na trama cartográfica desta pesquisa transitaram pelos lugares estabelecidos e institucionalizados e pelos não-lugares provocadores das linhas de fuga, dos deslizamentos de sentidos com vistas a irromper os lugares etários cristalizados, demarcados unicamente pelo aspecto cronológico. As narrativas dos sujeitos entrevistados confirmaram um cenário ambivalente de demarcação dos lugares. Os lugares etários e de gênero instituídos normativamente ora foram reforçados, ora foram desconstruídos pelas experiências subjetivas, seus discursos transitaram pela fluidez das fronteiras à demarcação dos papéis sociais cristalizados.

As subjetivações etárias e de gênero dos sujeitos idosos investigados não sucumbiram à presença dos discursos instituidores das políticas sociais presentes no espaço do Centro de Convivência, as maneiras de ver e dizer a velhice de forma institucionalizada não cessaram as (re)apropriações e (re)invenções tecidas nas práticas de espaço pelos sujeitos nas cartografias do Centro de Convivência. Os usos das espacialidades foram múltiplos, as astúcias empregadas na cotidianidade pelos sujeitos idosos revelaram o quanto os espaços foram alterados pelas práticas discursivas e não discursivas.

As (re)apropriações das práticas de espaço nas cartografias do Centro de Convivência, expressas no primeiro capítulo, representaram (des)caminhos nas tentativas de institucionalização da gestão da velhice. Apesar das imposições normativas se fazerem presentes nas redes relacionais do Centro de Convivência e de reforçarem os lugares de velhice assentados em ideais de juventude, as burlas e os deslocamentos de sentidos foram produzidos astuciosamente nas práticas cotidianas, os lugares de velhice institucionalizados foram irrompidos e recompostos de novas maneiras a partir das experiências dos sujeitos idosos.

As práticas de socia(bi)lidades foram (re)desenhadas no segundo capítulo por meio de uma investigação das construções identitárias de gênero. As sensibilidades masculinas e femininas repensadas a partir da construção relacional vivenciada nas práticas da dança, possibilitaram as representações, pelos sujeitos idosos, das experiências-de-ser-homem e das experiências-de-ser-mulher articuladas sob o viés das diferenças e das particularidades resguardadas nas histórias de vida e emergidas durante as narrativas dos sujeitos. Para a maioria das mulheres entrevistadas, a participação nas atividades interacionais do Centro de Convivência representa/representou o exercício da liberdade tolhida durante anos pelos pais e posteriormente pelos maridos, suas narrativas enfatizaram a viuvez enquanto símbolo de uma estética da liberdade, vivenciada nas práticas de sociabilidades. Para a maioria dos homens, as atividades do Centro de Convivência representaram uma forma de reengajamento social, depois de se tornarem aposentados.

Acionamos ao longo do terceiro capítulo uma investigação das memórias afetivas e das histórias de vida dos sujeitos idosos, com vistas à relativização dos papéis investidos socialmente para delimitar as expressões etárias. O que significava ser criança e/ou ser jovem no contexto das décadas de 1940-1960 marcado pelas relações patriarcais? Como os idosos representavam suas outras identidades etárias e como representavam sua velhice a partir das relações construídas no Centro de Convivência? Suas representações infantis e juvenis possibilitaram a desconstrução dos lugares sociais atribuídos às demarcações etárias, lugares que foram construídos e referendados pelos discursos defensores da institucionalização do curso da vida na modernidade. Os desejos infantis e juvenis em sua maioria foram recalçados e silenciados durante as vivências experienciais da infância e da juventude, a experimentação da velhice sob o signo da terceira idade acionou a possibilidade de ressignificação de suas outras identidades etárias.

## REFERÊNCIAS

- AGRA DO Ó, Alarcon. Norbert Elias e uma narrativa acerca do envelhecimento e da morte. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 15, p. 389, 2008a. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010459702008000200009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010459702008000200009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)> Último acesso em 05 de Agosto de 2009.
- \_\_\_\_\_. **Velhices Imaginadas**. Memória e Envelhecimento no Nordeste do Brasil (1935, 1937 e 1945) Tese (Doutorado em História) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008b.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **História a arte de inventar o passado**. Bauru, SP: Edusc, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Nordestino: uma invenção do falo**. Uma história do gênero masculino (Nordeste-1920/1940). Maceió: Edições Catavento, 2003.
- ALVES, Andréa Moraes. **A dama e o cavalheiro**: um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ANSART, Pierre. "História e memória dos ressentimentos". In BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (org.) **Memória e (res)sentimento**. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Ed. Unicamp, 2004. pp. 15-34.
- ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- AUGRAS, Monique. História oral e subjetividade. In: Simson, O.R.M.Von.(org.) **Os desafios contemporâneos da História Oral**. Campinas: UNICAMP, 1997, p. 213-222.
- BASSIT, Ana Zahira. O curso de vida como perspectiva de análise do envelhecimento na pós-modernidade. In: DEBERT, Guita Grin; GOLDSTEIN, D. **Políticas do corpo e o curso da vida**. São Paulo: Mandarim, 2000, p. 217-234.
- BARROS, R. D. B. Benevides de Barros, R; CASTRO, A. **Terceira Idade**: o discurso dos experts e a produção do "novo velho". Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento, Porto Alegre, v. 4, p. 113-124, 2002. Disponível em <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/viewFile/4723/2648>> Último acesso em 24 de Agosto de 2009.
- BARROS, Myriam Moraes Lins de (org.). **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.
- BARROS, José D'Assunção. História Cultural e História das Idéias – Diálogos Historiográficos. In: **História cultural: Várias interpretações**. Philomena Gebran(org.). Goiânia, E. V. 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005a.

- \_\_\_\_\_. **Vidas Desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- BERGSON, Henri. **Matière et Mémoire**. Paris: PUF, 1985.
- BERQUÓ, E. Algumas considerações sobre a demografia da população idosa. **Revista Ciência e Cultura**, v. 40, n.7, São Paulo, jul.1988.
- BOBBIO, Noberto. **O Tempo da Memória: De senectute e outros escritos autobiográficos**.
- BORGES, Maria Cláudia Moura. O Idoso e as Políticas Públicas Sociais no Brasil. In: **As múltiplas faces da velhice no Brasil**. Campinas: Alínea. 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **Questions de sociologie**, Paris: Ed. du Minuit, 1980
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília: Senado Federal - Subsecretaria de Edições Técnicas, 2006.
- \_\_\_\_\_. Senado Federal. **Estatuto do Idoso**. Brasília: Senado Federal, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Lei Nº 8.842** de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências [acesso em 2009 Julho 01]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18842.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18842.htm).
- \_\_\_\_\_. **Lei Orgânica da Assistência Social**: lei 8742/93 - dispõe sobre a organização da assistência social e dá outras providências. Brasília: Senado Federal, 1993.
- BRITO, Paula. Expectativa de vida aumenta e PB já tem 538 habitantes centenários. **Jornal da Paraíba**, 2007.
- BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BUTLER, Judith P. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- CABRAL, Benedita Edina da S. Lima. Família e idosos no Nordeste brasileiro. In: **Caderno CRH 29 Gênero e Família**. Salvador, centro de Recursos Humanos UFBA, 1998.
- CERTEAU, Michel de. A operação Historiográfica. In: **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, p. 65-119.
- \_\_\_\_\_. **A Invenção de Cotidiano: 1-artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- COLLING, Ana. A construção Histórica do Feminino e do Masculino. In: STREY, Marlene Neves; CABEDA, Sonia T. Lisboa; PREHN, Denise Rodrigues (Orgs.). **Gênero e Cultura: questões contemporâneas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 13-38.

COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo.** Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

DEBERT, Guita Grin. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: **Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política.** 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

\_\_\_\_\_. **A reinvenção da velhice.** Socialização e processo de representação do envelhecimento. Edusp/Fapesp, São Paulo, 2004

\_\_\_\_\_. **Envelhecimento e representação social da velhice.** Rio de Janeiro; Ciência hoje, 1988.

DELEUZE, Gilles. **Conversações, 1972-1990.** Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DOSSE, François. **História e Ciências Sociais.** Tradução Fernanda Abreu, Bauru, SP: Edusc, 2004.

DUMAZEDIER, Joffre. **A revolução cultural do tempo livre.** São Paulo: Studio Nobel, 1994.

ELIAS, Nobert. **A busca da excitação.** Lisboa: Difel, 1992.

\_\_\_\_\_. **A Solidão dos Moribundos - seguido de envelhecer e morrer.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001

FOUCAULT, M. **Nascimento da Biopolítica.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso.** Ed. Loyola. 1996. – FOUCAULT, Michel – A Ordem do Discurso. Ed. – UCAULT, Michel – A Ordem do Discurso. Ed.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder.** 11. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

\_\_\_\_\_. As regularidades discursivas. In: **Arqueologia do Saber.** 2ª Ed. Tradução Luiz Filipe B. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1986. p. 23-45.

\_\_\_\_\_. A poeira e a Nuvem (1980). In: **Ditos e escritos IV.** Estratégia, Poder-Saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p.322-334

FREITAS, L.E. et al. **Tratado de geriatria e Gerontologia (V.1 e 2)** Rio de Janeiro: Guanabara, 2002.

FREYRE, Gilberto. **Ordem e progresso: processo de desintegração das sociedades patriarcal e semipatriarcal no Brasil sob o regime de trabalho livre, aspectos de um quase meio século de transição do trabalho escravo para o trabalho livre e da Monarquia para a República.** Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.

\_\_\_\_\_. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal.** 7 ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1952.

GALLO, Sílvio. **Deleuze & a Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GARCIA, Ramón. A propósito da loucura. In: Jorge Larrosa & Nuria Perez de Lara (org.). **Imagens do outro.** Petrópolis: vozes, 1998.

GOUVÊA, Maria de Fátima da Silva. A História Política no campo da História Cultural. In: **Revista História Regional.** Vol. 3 – n. 1 – Verão de 1998.

GUILLEMARD, Anne-Marie. **La Vieillesse et l'état.** Paris: Presses Universitaires de France, 1980.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Infância e Velhice: desafios da multiculturalidade. In: **Infância e Velhice** Pesquisa de Idéias. Alínea Editora, 2004, p.15-32

HARA, Tony. **Saber Noturno: uma antologia de vidas errantes.** Tese (Doutorado em História) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

HILLESHEIM, Betina. Trabalho Doméstico: “O serviço de sempre” In: STREY, Marlene Neves; CABEDA, Sonia T. Lisboa; PREHN, Denise Rodrigues (Orgs.). **Gênero e Cultura: questões contemporâneas.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 39-52.

LARROSA, Jorge. Experiência e paixão. In: **Linguagem e educação depois de Babel.** Tradução Cyntia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 151-165.

LEVI, Giovanni & SCHMITT, Jean-Claude (orgs). **História dos jovens I: da antiguidade a era moderna.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. (orgs). **História dos jovens II: a época contemporânea.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LIMA, M. A. A Gestão da Experiência de Envelhecer em um Programa para a Terceira Idade: a UnATI / UERJ. **Textos sobre Envelhecimento - UnATI/ UERJ,** Rio de Janeiro, ano 2, n.2, p. 23-63, 2ºsem. 1999.

LIPOVETSKY, Gilles. **Tempos Hipermodernos.** São Paulo: Editora Burcarolla, 2004.

LLORET, Caterina. As outras idades ou as idades dos outros. In: Jorge Larrosa & Nuria Perez de Lara (org.). **Imagens do outro.** Petrópolis: vozes, 1998.

LOPES, Andrea. Velhice, heterogeneidade e a dança dos esquisitos. In: GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de; VON SIMSON, Olga Rogrigues de Moraes. **Velhice e diferenças na vida contemporânea.** Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2006, p.7-18.

MACHADO, Leila Domingues. O desafio ético da escrita. **Psicologia e Sociedade,** Porto Alegre, v. 16, n. 1, 2004. Disponível em:

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós- modernas.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MAGRO, Viviane M. de Mendonça. Espelho em Negativo: a idade do outro e a identidade etária. In: **Infância e Velhice** Pesquisa de Idéias. Alínea Editora, 2004, p.33-46.

MARQUES, Ana Maria. Reflexões sobre o envelhecer nas três últimas décadas do século XX. **Revista Territórios e Fronteiras** V.2 N.1 – Jan/Jun 2009. Programa de Pós-Graduação – Mestrado em História do ICHS/UFMT. > Disponível em <http://cpd1.ufmt.br/ichs/territorios&fronteiras/revista20091/artigos/2009-1-6.pdf>> Último acesso em 15 de Agosto de 2009.

MINOIS, Georges. **História da Velhice no Ocidente.** Lisboa- Portugal Teorema Editora, 1999.

MOTTA, Alda Britto da. Reinventando fases: a Família do idoso. In: **Caderno CRH 29 Gênero e Família.** Salvador, centro de Recursos Humanos UFBA, 1998.

MULLER, Helena Isabel. História do Tempo Presente: algumas reflexões. In: **História do tempo presente.** Bauru, SP: Edusc, 2007, p. 17-30.

NÉRI, Anita Liberalesso et all (org.). **As Múltiplas Faces da Velhice no Brasil.** São Paulo: Alínea, 2003.

\_\_\_\_\_. **Psicologia do envelhecimento.** Campinas São Paulo: Editora papyrus, 1995.

NETTO, Matheus Papaléo. O Estudo da velhice no século XX: Histórico, definição do campo e termos básicos. In: FREITAS, L.E. et al. **Tratado de geriatria e Gerontologia** (V.1 e 2) Rio de Janeiro: Guanabara, 2002, p. 2-12.

NOLASCO, Sócrates. **A Desconstrução do Masculino.** Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

OLIVEIRA, Henrique Felipe Cavalcanti de. **Identidades de caleidoscópio: representação de velhices masculinas em Campina Grande- PB.** Monografia. Curso de Graduação em História, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2008.

ORTEGA, Francisco. **O Corpo Incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea.** Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: **Culturas jovens: mapas do afeto.** Maria Isabel Mendes de Almeida, Fernanda Eugênio(orgs) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

\_\_\_\_\_. Aposentadoria: retorno ao trabalho e solidariedade familiar. In: **Família e Envelhecimento.** Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 57-84.

- PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira História**, Janeiro-Junho, ano/vol.27, número 053, Associação Nacional de História, São Paulo, 2007, p. 11-23. Disponível em <  
<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/263/26305302.pdf>> Último acesso em 24 de Agosto de 2009.
- PITOMBO, Renata. Formas de Interação: Da Socialização Simmeliana à Sociabilidade das Tribos Contemporâneas. In: STREY, Marlene Neves; CABEDA, Sonia T. Lisboa; PREHN, Denise Rodrigues (Orgs.). **Gênero e Cultura: questões contemporâneas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p.281-295.
- PORTELLI, A. Forma e significado na História oral: a pesquisa como um experimento em igualdade. **Projeto História 14**, 1997, p. 7-14.
- PÓRTO Jr., Gilson (org.). **História do tempo presente**. Bauru, SP: Edusc, 2007.
- PRINS, Gwyn. História Oral. In: Burke, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. SP: UNESP, 1992, p. 163-198.
- RAGO, Margareth. Ser mulher no século XXI ou Carta de Alforria. In: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely (Orgs.). **A mulher nos espaços público e privado**. 1.ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004, p.31-42.
- REMOND, René. Uma História Presente. In: **Por uma História Política**. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro:Ed. UFRJ, 1996, p. 13-36.
- ROLNIK, Suely; GUATARRI, Félix. **Micropolítica**. Cartografias do desejo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- SAFFIOTI, Heleieth. I. B. Gênero e Patriarcado Violência contra mulheres. In: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely (Orgs.). **A mulher nos espaços público e privado**. 1.ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004, p.31-42.
- SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. 2 Ed. rev. São Paulo: Cortez, 2003.
- SCHIRRMACHER, Frank. **A Revolução dos idosos: o que muda no mundo com o aumento da população mais velha**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- SCHWARTZENBERG, Roger Gérard. Personagens. In: **O Estado Espetáculo**. Difel: Rio de Janeiro, 1978. 1ª parte, p. 09 a 132.
- SEIXAS, Jacy Alves de. Os campos (in)elásticos da memória: reflexões sobre a memória histórica. In: SEIXAS, Jacy, BRÉSCIANI, Maria Stella; BREPOHL, Marion (Orgs.). **Razão e paixão na política**. Brasília: Ed.UnB, 2002, p.59-77.
- SILVA, Luna Rodrigues Freitas. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **História, Ciências, Saúde-**

**Manguinhos**, v. 15, p. 155-168, 2008a. Disponível em <  
[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702008000100009&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702008000100009&script=sci_arttext)> último  
 acesso em 24 de Agosto de 2009.

SILVA, Keila Queiroz e. **Os corpos enrugados e meus “outros” espelhos etários**. Tese  
 (Doutorado em Sociologia da cultura) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008b.

\_\_\_\_\_. Os corpos enrugados cuidam, os corpos viçosos gozam? In: Garcia, Loreley (org.).  
**Revista Ártemis**. João Pessoa: Editora Universitária-UFPB, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**.  
 Petrópolis: Vozes, 2000.

SIMMEL, Georg. **Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal**. In: MORAES  
 FILHO, Evaristo (Org.) Simmel. São Paulo: Ática, 1983.

\_\_\_\_\_. **Sociologie**. Etudes sur lês formes de La socialisation. Trad. Lilyane Deroche-Gurcel  
 ET Sibylle Muller. Paris: PUF, 1999.

SIMÕES, Júlio Assis. “A maior categoria do país”: o aposentado como ator político. In:  
**Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 3ª  
 Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

\_\_\_\_\_. **Provedores e militantes: imagens de homens aposentados na família e na vida  
 pública**. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers (org.). **Família e Envelhecimento**. Rio de Janeiro:  
 FGV, 2004.

SIQUEIRA, Maria Elaine Catunda de. Teorias Sociológicas do Envelhecimento. In:  
 FREITAS, L.E. et al. **Tratado de geriatria e Gerontologia** (V.1 e 2) Rio de Janeiro:  
 Guanabara, 2002, p. 47-56.

SOUSA, Valdirene Pereira de. **A solidão é fera, mas nem sempre devora: História de  
 velhos(as) paraibanos(as) e suas astúcias contra a solidão**. Monografia. Curso de Graduação  
 em História, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2007.

SWAIN, Tânia Navarro. Velha? Eu? Auto-retrato de uma feminista. In: RAGO, Margareth;  
 VEIGA-NETO, Alfredo. **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 261-270.

TRIPOLI, Suzana Guimarães. **A arte de viver do adolescente: a travessia entre a criança e  
 o adulto**. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.

TREBITSCH, Michel. A função epistemológica e ideológica da História Oral no discurso da  
 História Contemporânea. In: Moraes, Marieta(Org.). **História Oral e Multidisciplinaridade**.  
 Rio de Janeiro: Diadorim/FINEP, 1994, p. 19-43.

TODARO, Mônica de Ávila. **Dança: uma interação entre o corpo e a alma dos idosos**.  
 Dissertação de Mestrado em Gerontologia. Campinas: Programa de Pós-Graduação da  
 Faculdade de Educação da UNICAMP, 2001.

VALÉRY, P. **A alma e a dança**. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

**REVISTA:**

ISTOÉ. **Quanto mais velho...** 27 de Janeiro de 2010, ano 34 n° 2098, p.21.

## APÊNDICES

**APÊNDICE A - LISTA DOS SUJEITOS ENTREVISTADOS NA PESQUISA**

- LAURA<sup>1</sup>** - Entrevista realizada no dia 30 de Novembro de 2009.
- MARGARIDA<sup>8</sup>** - Entrevista concedida a autora no dia 15 de Outubro de 2009 na Praça do Trabalho em Campina Grande.
- BARTOLOMEU<sup>9</sup>** - Entrevista realizada no dia 23 de Agosto de 2007.
- MARIA DE JESUS<sup>11</sup>** - Entrevista realizada no dia 15 de Outubro de 2009.
- RITA<sup>12</sup>** - Entrevista realizada no dia 15 de Outubro de 2009
- MARCONDES<sup>13</sup>** - Entrevista realizada no dia 13 de Março de 2009.
- RONILDO<sup>14</sup>** - Entrevista realizada no dia 13 de Março de 2009.
- JOAQUIM<sup>15</sup>** - Entrevista realizada no dia 26 de Março de 2007.
- AMARILDO<sup>16</sup>** - Entrevista realizada no dia 15 de Outubro de 2009.
- MARCELO<sup>17</sup>** - Entrevista realizada no dia 13 de Março de 2009.
- DALVA<sup>18</sup>** - Entrevista realizada no dia 13 de Março de 2009.
- HUMBERTO<sup>19</sup>** - Entrevista realizada no dia 19 de Abril de 2010.
- RAIMUNDA<sup>20</sup>** - Entrevista realizada no dia 15 de Outubro de 2009.
- AÍDA<sup>21</sup>** - Entrevista realizada no dia 15 de Outubro de 2009.
- CAETANO<sup>24</sup>** - Entrevista realizada no dia 15 de Outubro de 2009.
- GASPAR<sup>25</sup>** - Entrevista realizada no dia 12 de Novembro de 2009.
- ROSILDA<sup>26</sup>** - Entrevista realizada no dia 12 de Novembro de 2009.
- INÊS<sup>27</sup>** - Fala expressa pela senhora Inês durante um momento dançante no Centro de Convivência no dia 27 de Outubro de 2009.
- FRANCISCA<sup>28</sup>** - Entrevista realizada no dia 20 de Fevereiro de 2008
- GORETE<sup>30</sup>** - Profissional de Educação Física- Entrevista realizada no dia 20 de Março de 2009.
- LÚCIA<sup>31</sup>** - Entrevista realizada no dia 06 de Março 2009.
- MARIZA<sup>32</sup>** - Entrevista realizada no dia 06 de Março 2009.
- MADALENA<sup>33</sup>** - Entrevista realizada no dia 06 de Março 2009.
- CELSO<sup>36</sup>** - Entrevista realizada no dia 16 de Agosto de 2007.
- DAMACENO<sup>37</sup>** - Entrevista realizada no dia 16 de Agosto de 2007
- CARLINDA<sup>38</sup>** - Entrevista realizada no dia 13 de Março de 2009.
- DORA<sup>39</sup>** - Entrevista realizada no dia 16 de Agosto de 2007.
- INÁCIO<sup>40</sup>** - Entrevista realizada no dia 24 de Novembro de 2009.

- EVA**<sup>42</sup> - Entrevista realizada no dia 24 de Novembro de 2009.
- LIA**<sup>43</sup> - Entrevista realizada no dia 24 de Novembro de 2009.
- EMÍLIA**<sup>44</sup> - Entrevista realizada no dia 24 de Novembro de 2009.
- HILDA**<sup>45</sup> - Entrevista realizada no dia 04 de Setembro de 2007.
- IDALINA**<sup>46</sup> - Entrevista realizada no dia 04 de Setembro de 2007.
- CECILIA**<sup>47</sup> - Entrevista realizada no dia 04 de Setembro de 2007.
- GILBERTO**<sup>48</sup> - Entrevista realizada no dia 20 de Março de 2009.
- TERESA**<sup>50</sup> - Entrevista realizada no dia 17 de Abril de 2007.
- JUAREZ**<sup>51</sup> - Entrevista realizada no dia 16 de Agosto de 2007.
- RONALDO**<sup>52</sup> - Entrevista realizada no dia 27 de Outubro de 2009.
- ISAURA**<sup>53</sup> - Entrevista realizada no dia 05 de Novembro de 2009.

**APÊNDICE B - LISTA DAS FIGURAS UTILIZADAS NA PESQUISA**

**FIGURA 1** - Imagem dos idosos na Praça do Trabalho.

**FIGURA 2** - Idosos jogando cartas no Centro de Convivência.

**FIGURA 3** - Venda de lanches pelos idosos no Centro de Convivência.

**FIGURA 4** - Espaço escolar do Centro de Convivência.

**FIGURA 5** - Venda de calçados pelos idosos no Centro de Convivência.

**FIGURA 6** - Jardim do Centro de Convivência.

**FIGURA 7** - Idosos Jogando “pif paf” no Centro de Convivência.

**FIGURA 8** - Idosos jogando “pif paf” no Centro de Convivência.

**FIGURA 9** - Idosos jogando cartas nas imediações do Centro de Convivência.

**FIGURA 10** - Comercialização de lanches no Centro de Convivência.

**FIGURA 11** - Comercialização de calçados no Centro de Convivência.

**FIGURA 12** – Idosos na Educação Física no Centro de Convivência.

**FIGURA 13** - Idosos na Educação Física no Centro de Convivência.

**FIGURA 14** - Idosa em momento festivo no Centro de Convivência.

**FIGURA 15** - Roupas dos grupos de danças do Centro de Convivência.

**FIGURA 16** - Grupo de dança das festas juninas no Centro de Convivência.

**FIGURA 17** - Idosos dançando Forró no Centro de Convivência.

**FIGURA 18** - Idosos dançando Forró no Centro de Convivência.

**FIGURA 19** - Idosos na oficina de memórias no Centro de Convivência.

**FIGURA 20** - Idosos na oficina de memórias no Centro de Convivência.

APÊNDICE C – AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE IMAGENS E  
DEPOIMENTOS POR PARTE DA COORDENADORA DO CENTRO DE CONVIVÊNCIA

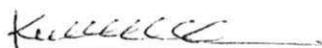
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

SOLICITAÇÃO

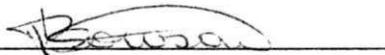
Gilma Souto Maior Nunes  
Coord. do Centro de Convivência do idoso

Na condição de estudante de Mestrado do Programa da Pós-Graduação em História desta Universidade, venho solicitar a autorização para a publicação de imagens e depoimentos realizados por mim nesse Centro de Convivência.

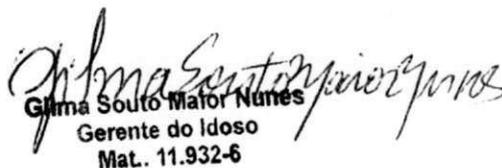
Campina Grande, 07 de Junho de 2010



Profª. Dra. Keila Queiroz e Silva  
(Orientadora)



Valdirene Pereira de Sousa  
(Aluna do Mestrado)



Gilma Souto Maior Nunes  
Gerente do Idoso  
Mat. 11.932-6